

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E CULTURA

**HEITOR LEAL MACHADO**

TERAPIA MIDIÁTICA: um estudo do seriado *Sessão de Terapia*

RIO DE JANEIRO

2016

Heitor Leal Machado

TERAPIA MIDIÁTICA: um estudo do seriado *Sessão de Terapia*

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Beatriz Becker

Rio de Janeiro

2016

## CIP - Catalogação na Publicação

M149t Machado, Heitor Leal  
Terapia midiática: um estudo do seriado Sessão de Terapia / Heitor Leal Machado. -- Rio de Janeiro, 2016.  
152 f.

Orientador: Beatriz Becker.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola da Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2016.

1. Sessão de Terapia. 2. Análise Televisual. 3. Cultura Terapêutica. 4. Audiências. 5. Televisão. I. Becker, Beatriz, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Heitor Leal Machado

TERAPIA MIDIÁTICA: um estudo do seriado *Sessão de Terapia*

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Aprovada em 23 de fevereiro de 2016

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Beatriz Becker – Orientadora

Doutora em Comunicação e Cultura pela ECO/UFRJ  
Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura – UFRJ

---

Prof. Dr. Bruno Campanella

Doutor em Comunicação e Cultura pela ECO/UFRJ  
Programa de Pós-Graduação em Comunicação – UFF

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marialva Carlos Barbosa

Doutora em História pelo PPGH/UFF  
Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura – UFRJ

*Em memória da minha avó, Estella Leal.*

## **AGRADECIMENTOS**

À CAPES, pelo apoio.

À ECO e seus professores, funcionários e discentes, pela calorosa acolhida.

À professora Beatriz Becker, pela paciência, orientação, carinho e confiança.

À Janine, pela companhia nesta aventura.

Aos velhos e novos amigos, por toda escuta e compreensão.

Aos meus pais, Fátima e Iran. À minha irmã, Natália. Ao meu marido e melhor amigo, Gabriel. Por toda a felicidade que eu poderia precisar.

## RESUMO

MACHADO, Heitor Leal. **Terapia Midiática**: um estudo do seriado *Sessão de Terapia*. Rio de Janeiro, 2016. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

Considerando a mídia uma parte irreduzível da sociedade, da cultura e da experiência moderna assume-se nesta pesquisa que até mesmo as mais íntimas emoções e desejos das audiências podem ser vivenciados no ambiente midiático. Tal interação entre a obra e sua audiência resulta na criação de fortes vínculos emocionais, inclusive em um processo aqui chamado de Terapia Midiática, capaz de alterar as maneiras de sentir e perceber a vida. Esta dissertação propõe uma reflexão crítica sobre as formas de organização dos sentimentos nas relações estabelecidas entre a produção e o consumo de conteúdos e formatos audiovisuais televisivos, por meio de uma análise do seriado *Sessão de Terapia*, o qual narra a vida e o trabalho do terapeuta Theo Cecatto. A narrativa da série é constituída por diálogos entre o especialista e seus pacientes permeados por elementos do ethos terapêutico, mas foi bastante elogiada pelo público e crítica por subverter o rápido fluxo televisivo ao proporcionar momentos de reflexão à audiência sobre as suas próprias experiências no cotidiano doméstico e social. Esta dissertação reflete sobre as principais características de linguagem em *Sessão de Terapia* e como o seriado interage com seus telespectadores, utilizando como inspiração as dimensões teórico-metodológicas da Análise Televisual associadas a um estudo de recepção.

Palavras-chave: Sessão de Terapia; Análise Televisual; Televisão; Cultura Terapêutica; Audiências.

## ABSTRACT

MACHADO, Heitor Leal. **Media Therapy**: an analysis of the TV series *Sessão de Terapia*. Rio de Janeiro, 2016. Dissertation (Masters in Communication and Culture) – School of Communication, Federal University of Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

Considering the media as an irreducible part of society, culture and modern experience it is assumed in this research that even the most intimate emotions and desires of the audiences can be experienced on the media environment. Such interaction between a TV show and its audience results in the creation of strong affective bonds, including the process addressed here as Media Therapy, since it can shift the ways of feeling and perceiving life. This dissertation proposes a critical reflection about the forms to arrange the feelings in the relationships established between the production and the consumption of television contents and audiovisual formats through an analysis of the TV series *Sessão de Terapia*, which narrates the life and work of the therapist Theo Cecatto. The show's narrative is constituted by the dialogues between the specialist and its patients pervaded by elements from the therapeutic ethos, but was fairly praised by the public and the critics for subvert the fast television flow by providing moments of reflection to its audience about their own experiences on the social and domestic daily routine. This dissertation reflects about the main language characteristics of *Sessão de Terapia* and how the series interacts with its viewers, using as inspiration the theoretic-methodological dimensions of the Televisual Analysis associated with a reception study.

Keywords: *Sessão de Terapia*; Televisual Analysis; Television; Media; Therapeutic Culture.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Interface do GNT Play .....	48
Figura 02 - Sessão de Terapia no GNT Play .....	49
Figura 03 - Player do GNT Play .....	49
Figura 04 - Supervisão em grupo .....	56
Figura 05 – Abertura .....	62
Figura 06 – Iluminação .....	62
Figura 07 – Iluminação .....	62
Figura 08 – Externa .....	63
Figura 09 - Profundidade de campo .....	63
Figura 10 - Troca de eixo .....	64
Figura 11 - Troca de eixo .....	64
Figura 12 - Plano-detelhe .....	64
Figura 13 – Neusa .....	65
Figura 14 – Neusa .....	65
Figura 15 - Bianca e cenário .....	66
Figura 16 - Som e fotografia .....	67
Figura 17 - Troca de eixo e jogo focal .....	67
Figura 18 - Troca de eixo e jogo focal .....	67
Figura 19 – Edição .....	69
Figura 20 – Edição .....	69
Figura 21 – Close .....	69
Figura 22 - Mise-en-scène .....	72
Figura 23 - Recursos fotográficos .....	77
Figura 24 - Recursos fotográficos .....	77
Figura 25 - Exemplo de publicação .....	97
Figura 26 - Primeira publicação .....	102
Figura 27 - Milena x Felipe .....	103
Figura 28 - Publicações com citações da série .....	104
Figura 29 - Aplicativo para montar imagens com citações do seriado .....	105
Figura 30 - Fórum oficial do Facebook, abandonado desde 2012 .....	105
Figura 31 - Tipo de interação no Facebook .....	110

Figura 32 - Problemas no som .....	111
Figura 33 - Sugestão de abordagem terapêutica .....	112
Figura 34 - Comentário de Letícia Sabatella .....	112
Figura 35 - Comentário de Selma Egrei .....	112
Figura 36 - Depoimento de um “paciente” de Theo .....	114
Figura 37 - Depoimento de Cristiani, portadora de TOC .....	115
Figura 38 - Comentário homofóbico .....	116
Figura 39 - Mais comentários homofóbicos .....	116
Figura 40 - “Ser gay não é mais um estigma tão forte” .....	117
Figura 41 – Reclamações .....	118
Figura 42 - Comentário de uma educadora .....	119
Figura 43 - Comentário de uma espectadora fora do Brasil .....	119
Figura 44 - Atraso, problemas no som e descaso .....	120
Figura 45 - Culpa do estagiário e regularidade da exibição .....	120
Figura 46 - “Exposição desnecessária” .....	120
Figura 47 - Compromisso com as terapias .....	121
Figura 48 - Depoimento de Fernanda sobre o abuso sofrido .....	123

## **LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 1 - Alcance de <i>Sessão de Terapia</i> na TV paga em horário nobre .....	93
Gráfico 2 - Visualizações de episódios da 3ª temporada no Globosat Play .....	94
Gráfico 3 - Visualizações por cada um dos 35 episódios da 3ª temporada .....	94

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Dados de perfis oficiais nas redes sociais .....	95
Tabela 2 - As 85 publicações e seus respectivos comentários .....	98
Tabela 3 - Sistematização dos comentários da página e das audiências .....	107

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	14
<b>Capítulo 1. Televisão no Século XXI: mídia e experiência contemporânea</b> .....	23
<b>1.1 O ethos terapêutico</b> .....	25
<b>1.2 Para compreender as ficções narrativas da TV</b> .....	28
<b>1.3 <i>Sessão de Terapia</i> e o discurso terapêutico</b> .....	33
<b>Capítulo 2. Análise Televisual</b> .....	37
<b>2.1 Descrevendo o objeto</b> .....	39
<b>2.2 Uma leitura crítica do seriado</b> .....	50
<b>2.2.1 Análise quantitativa</b> .....	51
<b>2.2.1.1 Estrutura textual</b> .....	51
<b>2.2.1.2 Enunciadores</b> .....	54
<b>2.2.1.3 Temática</b> .....	57
<b>2.2.1.4 Visualidade</b> .....	62
<b>2.2.1.5 Som</b> .....	66
<b>2.2.1.6 Edição</b> .....	68
<b>2.2.2 Análise qualitativa</b> .....	69
<b>2.2.2.1 Fragmentação</b> .....	69
<b>2.2.2.2 Dramatização</b> .....	71
<b>2.2.2.3 Definição de identidades e valores</b> .....	75
<b>2.2.3 Primeiros resultados</b> .....	80
<b>Capítulo 3. Um estudo de recepção</b> .....	86
<b>3.1 Pressupostos teórico-metodológicos</b> .....	89
<b>3.2 Audiências e circulação do seriado no ambiente transmidiático</b> .....	92
<b>3.3 Uma leitura crítica das interações no Facebook</b> .....	107
<b>3.3.1 Avaliação quantitativa</b> .....	109
<b>3.3.2 Interpretação das enunciações</b> .....	111

<b>3.4</b> Algumas lições .....	124
<b>Capítulo 4.</b> Terapia Midiática: significações da vida entre a produção e o consumo .....	128
<b>Capítulo 5.</b> Considerações finais .....	135
<b>Referências</b> .....	138
<b>Anexo</b> .....	144

*Uma de minhas palestras é chamada de “O mito da normalidade”. É como se acreditássemos que existem pessoas “normais” de um lado, e que do outro lado existem aqueles com patologias como depressão, ansiedade, vício, esquizofrenia, ou transtorno bipolar, déficit de atenção e diversas outras condições. Mas o que eu vejo é um espectro. Existe um espectro e traços de personalidade de cada um ou presente em quase todos e é um mito pensar que há o normal e o anormal. De acordo com a pesquisa, o melhor lugar para ser esquizofrênico não é nos Estados Unidos, com sua indústria farmacológica. É, na verdade, uma aldeia na África ou na Índia, onde existe aceitação. Onde as pessoas dão espaço para as suas diferenças, onde conexões não são quebradas, mas sim mantidas. Onde você não é excluído da sociedade, mas sim acolhido. E onde existe espaço para você agir da maneira que você age ou expressar seja o que for que você tem necessidade de expressar. E onde talvez todas as pessoas da comunidade vão cantar com você, ou conversar com você. E talvez encontrem um significado para sua chamada “loucura”. Então é contextual. Cultural. Uma doença não é um fenômeno isolado em um indivíduo, é uma construção cultural, um paradigma fabricado.*

Gabor Maté

## INTRODUÇÃO

Mesmo com o incremento da participação das audiências e dos usos das tecnologias digitais, observa-se, cada vez com mais frequência, críticas a respeito do poder das mediações das mídias tradicionais e emergentes no cotidiano social (MARTÍN-BARBERO; REY, 2002). Assim, a vida no mundo *offline* é reafirmada como uma experiência mais saudável do que no ambiente “virtual”. No entanto, tais críticas parecem não considerar que, na atualidade, é quase impossível viver sem a mídia, principalmente nos grandes centros urbanos, por influir na configuração de novas práticas socioculturais que compõem a experiência contemporânea.

Hoje, autores como Sodré (2002, 2006), Deuze (2012, 2013), Deuze, Speers e Blank (2010) e Couldry (2012) já assumem a presença ubíqua da média na vida e na sociedade. Contudo, quando se discute a m dia discute-se também determinados contextos sociais e práticas culturais que se organizam ao redor dos artefatos e dispositivos tecnológicos (LIEVROUW; LIVINGSTONE, 2004). Por isso, podemos afirmar que, além de produzir e manter determinados padrões de leituras de mundo e tecer subjetividades nem sempre visíveis e conservadoras, a m dia também permite que o sujeito se manifeste através de múltiplos processos comunicativos, os quais se conformam como parte “irredutível dos processos sociais” (COULDRY, 2012, p. 137).

Se antes existia apenas televisão, rádio e m dia impressa, as chamadas “novas m dias” criaram uma infinidade de possibilidades de intera o entre os meios, as audiências e os próprios indivíduos. Uma produ o veiculada originalmente na televisão, por exemplo, pode ser disponibilizada em inúmeras plataformas<sup>1</sup> (DVDs, downloads ilegais ou *streaming*<sup>2</sup>, através de computadores e dispositivos móveis). E as audiências podem constituir grupos e interagir através da web. Enfim, são muitas as possibilidades de produ o, circula o e consumo dos textos midiáticos, o que torna necessário compreender como são estabelecidas rela es entre produ o e consumo de produtos da média e por meio dos usos e apropria es de tecnologias digitais.

Nesse contexto, apesar da fragmenta o e expansão do espaço e dos processos de comunica o midiáticos, a televisão permanece, até hoje, como o alvo mais frequente de críticas negativas, que a consideram um instrumento de aliena o nocivo ao espectador

---

<sup>1</sup> De acordo com Pratten (2011, p. 28 apud FECHINE et al., 2013, p. 28) as plataformas designam a união de uma certa m dia com determinada tecnologia.

<sup>2</sup> *Streaming*   uma forma de transmissão de dados para conteúdos multim dia. O usuário reproduz o arquivo   medida que o conteúdo é carregado, sem necessidade de haver transferência do arquivo para o HD do dispositivo. Mais informa es em: <<http://migre.me/sUQwY>>. Acesso em: 6 fev. 2016.

(MARTÍN-BARBERO; REY, 2002). No entanto, isso não a faz menos importante, considerando que a TV aberta ainda é o meio de comunicação com maior presença na vida de muitos indivíduos. Só no Brasil, a televisão está inserida no seio da vida doméstica de 97% da população e apenas 31% dos lares possuem algum serviço de assinatura<sup>3</sup>.

A televisão ocupa um lugar estratégico “nas dinâmicas da cultura cotidiana das maiorias, na transformação das sensibilidades, nos modos de construir imaginários e identidades” (MARTÍN-BARBERO; REY, 2002, p. 26). A linguagem televisiva hibridiza diferentes enunciações, saberes, gêneros narrativos e matrizes culturais, o que ainda a torna uma das mediações mais expressivas na atualidade. A TV extrapolou sua mera condição de tela ou meio de comunicação, se tornando um fenômeno chamado, muitas vezes, de “televisivo” (OROZCO GÓMEZ, 2014, p. 101).

Isso não é um mero adjetivo ou característica, mas designa um modo distinto de ser da TV e de invadir o cenário midiático e social, e, especialmente, de conectar-se com seu público e interpelá-lo. [...] O espaço de negociação entre a tela e o público e, sobretudo, de reconhecimento mútuo de um certo tipo de expressão audiovisual e de situação do público, ritmo, formas de narrar histórias, [...]. Uma espécie de amálgama linguístico-estético que soma o auditivo e o visual com o musical tendo, no entanto, como resultado na tela frente ao público [...] um todo que convoca seu público não só intelectualmente, mas também e, principalmente, *no e a partir* do sensorial e emocional (OROZCO GÓMEZ, 2014, p. 101).

Estes são alguns dos principais argumentos que evidenciam a importância dos estudos de televisão na compreensão dos atuais processos comunicativos, considerando que estes ainda são escassos e, muitas vezes, se localizam fora da comunicação, deslocados para a sociologia ou antropologia (RIBEIRO; SACRAMENTO; ROXO, 2010). A investigação desses processos envolve análises de interações estabelecidas entre textos midiáticos e consumidores, as quais podem modificar não apenas o ambiente social e cultural que os suportam, mas também “os relacionamentos que os participantes, individual e institucional, possuem com o ambiente e entre si” (SILVERSTONE, 2005, p. 189 apud COULDRY, 2012, p. 134).

Portanto, como ainda são poucas as pesquisas de comunicação que investigam as relações entre produção e audiências, buscamos refletir sobre as características enunciativas de *Sessão de Terapia*, um seriado televisivo nacional relativamente inovador, focalizando tanto as suas formas de produção de sentidos e de interagir com o público, quanto as maneiras com que as audiências atribuem sentidos à série. Afinal, neste cenário de convergência e

---

<sup>3</sup> Pesquisa Brasileira de Mídia 201. Disponível em: <<http://migre.me/onsph>>. Acesso em: 26 jan. 2015.

cultura participativa (JENKINS, 2008)<sup>4</sup>, observar a configuração de modelos híbridos de produção, circulação e consumo da informação faz com que a análise de tais processos identifique como os produtos, articulando diferentes meios e linguagens, estão conectados no ambiente midiático e interagem com as mais diversas audiências (BECKER, 2013, 2014).

*Sessão de Terapia* é a adaptação brasileira do seriado israelense *BeTipul*, e foi exibida entre 2012 e 2014, totalizando 115 episódios organizados em três temporadas, sendo a terceira e última destas o nosso objeto de análise. O programa foi ao ar diariamente, de segunda à sexta-feira, às 22h30, com reprises aos sábados e domingos, durante 7 ou 9 semanas, dependendo da temporada nesse período. O enredo buscava retratar a vida e o trabalho do terapeuta paulistano Theo Cecatto (Zécarlos Machado), cujo atendimento dos clientes, um em cada dia da semana, acontecia em seu consultório, onde também residia. Nas sextas-feiras, porém, Theo era o próprio paciente, ao realizar sessões de terapia com sua supervisora Dora (Selma Egrei).

O formato do programa foi adaptado com sucesso em muitos países, como Canadá, Argentina e Itália. Aqui no Brasil, a série utilizou o *star system*<sup>5</sup> das grandes emissoras de televisão aberta do país e foi exibida no canal pago GNT, pertencente à Globosat e ao Grupo Globo, também dono da maior emissora do Brasil e uma das maiores do mundo, a TV Globo (NEWCOMB, 2014, p. 312). Durante o período de *broadcast*, o público podia interagir com a obra através das páginas oficiais criadas nas redes sociais Facebook<sup>6</sup>, Twitter<sup>7</sup> e Instagram<sup>8</sup>. E, embora apenas as duas primeiras temporadas estejam disponíveis em DVD, é possível acessar a série completa na plataforma online oficial do canal, o GNT Play<sup>9</sup>. Fora das telas, o seriado também deu origem ao livro *Sessão de Terapia*, uma reprodução do diário de Theo durante os acontecimentos da 1ª temporada, escrito pela roteirista Jaqueline Vargas.

A série poderia estar relacionada à “massa amorfa da trivialidade” televisiva (MACHADO, 2001, p. 19), pois a televisão produz uma infinidade de conteúdos, de gêneros e matrizes diversificadas, mas sua escolha se justifica porque o público<sup>10</sup> e a crítica<sup>11</sup>

---

<sup>4</sup> Em síntese, o que Jenkins (2008) chama de convergência e cultura participativa são os processos de interação entre múltiplas mídias com grande circulação de conteúdo suportada pelos usuários e consumidores, que agora se deslocam de um papel mais passivo para outro mais participativo.

<sup>5</sup> Termo muito utilizado no passado para designar o grupo de atores e atrizes de cinema empregados por um determinado estúdio. Hoje, o termo é capaz de adereçar os profissionais que atuam nas emissoras de televisão. Os atores e atrizes das novelas da Rede Globo são, muitas vezes, reconhecidos como “globais”.

<sup>6</sup> Disponível em: <<https://pt-br.facebook.com/SessaoDeTerapia>>.

<sup>7</sup> Disponível em: <<https://twitter.com/canalgnt>>.

<sup>8</sup> Disponível em: <<https://www.instagram.com/canalgnt/>>.

<sup>9</sup> Disponível em: <<http://globosatplay.globo.com/gnt/>>.

<sup>10</sup> *Sessão de Terapia dobrou ibope do GNT*. Disponível em: <<http://migre.me/ooo2R>>. Acesso em: 29 jan. 2015.

costumam apontá-la como um produto de qualidade<sup>12</sup>. Porém, é necessário refletir sobre a capacidade da televisão de representar e contribuir na construção dos imaginários e identidades e seus modos de dizer, assim como sobre as demandas do público. Na sinopse de *Sessão de Terapia*, há uma clara intenção de mimetizar uma sessão terapêutica, pois a série é descrita como “ambientada num consultório de psicanálise”<sup>13</sup>. Isso nos leva a crer que o seriado busca oferecer ao seu telespectador um programa que, supostamente, questiona e “reorganiza” a consciência e identidade do sujeito através de uma experiência de ordem sensível, como propõe a própria psicanálise (SODRÉ, 2006, p. 37).

Sob esta perspectiva, nossa hipótese é de que, na contemporaneidade, mídia e vida estão interligadas de maneira tão expressiva que até mesmo algumas das experiências emocionais mais íntimas dos indivíduos, como sessões de terapia, podem ser realizadas no ambiente midiático. Tal jogo envolve poder e afeto, assim como expectativas e demandas de produtores e receptores, dois agentes dispostos a afetar um ao outro e que estabelecem um processo comunicativo capaz de influenciar as formas de perceber e sentir a vida cotidiana, o qual chamamos de Terapia Midiática.

Considerando que diversas experiências sociais, culturais e afetivas são vivenciadas na mídia, podemos também crer em um espaço midiático que privilegia as práticas terapêuticas, corroborando com as percepções de Furedi (2004) e Illouz (2003, 2008, 2011) sobre a cultura terapêutica, característica da contemporaneidade que reflete a influência do ethos terapêutico na formação de uma imaginação cultural que prioriza certas formas de trabalhar a emoção e a subjetividade em prol de um bem-estar individual em diferentes esferas da atividade humana. Se antes o terapêutico era circunscrito apenas aos consultórios especializados, hoje esta prática discursiva se encontra presente e diluída no trabalho, na família, nas escolas e em muitas outras áreas da ação humana. Se colocando entre o científico e a cultura de elite e popular, a ordem terapêutica conformou um léxico capaz de significar e organizar a experiência de indivíduos, de maneira que expressões como stress, trauma, autoestima e ansiedade já são corriqueiras e utilizadas para designar inúmeras perturbações de ordem psíquica (FUREDI, 2004).

---

<sup>11</sup> CRÍTICA: “*Sessão de terapia*”: muitos acertos. Disponível em: <<http://migre.me/oomzc>>. Acesso em: 29 jan. 2015.

<sup>12</sup> Nesta pesquisa, consideramos que televisão de qualidade é aquela que oferece inventividade em suas experiências estéticas ou narrativas (MACHADO, 2001, p. 25).

<sup>13</sup> Sobre a série: Ambientada num consultório de psicanálise, a série de ficção acompanha o dia a dia profissional e pessoal do terapeuta Theo, interpretado por Zécarlos Machado. Disponível em: <<http://migre.me/ooSz0>>. Acesso em: 29 jan. 2015.

A instrumentalização da psicanálise extrapolou qualquer limite de atuação, tornando o terapêutico uma forma particular de pensar que ao se expandir molda uma série de “percepções públicas sobre uma variedade de questões” (FUREDI, 2004, p. 22). Por esse motivo podemos dizer que o terapêutico é, em síntese, todo o “corpo de afirmações proferidas por psicólogos certificados” e o conjunto de textos, por meio dos quais psicólogos ou terapeutas aparecem e desempenham um papel social (ILLOUZ, 2008, p. 15). Nesse cenário, a presença do terapêutico na mídia pode ser percebida em inúmeros gêneros e formatos: dos filmes de Woody Allen (ILLOUZ, 2008) ao surto do aconselhamento descrito por Bauman (1998, 2003), passando pelo jornalismo de autoajuda (FREIRE FILHO, 2011) e por *talk shows* como *The Oprah Winfrey Show* (ILLOUZ, 2003) e *Casos de Família* (FREIRE FILHO; CASTELLANO; FRAGA, 2008).

Cristalizado como parte da cultura contemporânea, o terapêutico assume diferentes nuances em suas manifestações na televisão. Sabemos, que, com frequência, a dramaturgia incorpora em suas produções consultores da área médica que auxiliam na elaboração dos conteúdos<sup>14</sup>. Nas telenovelas, por exemplo, o terapêutico está presente desde 1967 (*A Rainha das Loucas*, Rede Globo), alcançando maior expressão nas últimas décadas, quando se consolida na produção ficcional televisiva (MASSAROLO et al., 2015, p. 157). As telenovelas tendem a inserir os mais variados transtornos psiquiátricos em suas narrativas, contudo, nem sempre a audiência se comporta em acordo com a intenção dos produtores. Em *Passione* (2010), por exemplo, o autor Silvio de Abreu introduziu na trama Gerson (Marcello Antony), uma personagem com um segredo indizível: era um voyeur, viciado em observar práticas sexuais pouco convencionais.

O segredo é desvelado pelo seu psiquiatra, Dr. Flávio Gikovate, um profissional da vida real convidado pelo autor que, “além de imprimir grande verdade nas cenas, ainda traz um olhar diferente que não acredito que um ator pudesse trazer”<sup>15</sup>. No entanto, tal revelação decepcionou o público<sup>16</sup> e a crítica<sup>17</sup>, provocando reclamações e piadas na web<sup>18</sup>. Isso também pode acontecer com os seriados, mas *Sessão de Terapia* repercutiu de maneira muito mais

---

<sup>14</sup> *Especialista em Serial Killers, Ilana Casoy é inspiração para Luana Piovani em nova série da Globo.* Disponível em: <<http://migre.me/s4GWQ>>. Acesso em: 22 out. 2015.

<sup>15</sup> “*Passione*” leva divã de psiquiatra para centro da história. Disponível em: <<http://migre.me/s4H5F>>. Acesso em: 22 out. 2015.

<sup>16</sup> *O que você achou do segredo do Gerson, da novela Passione?* Disponível em: <<http://migre.me/s4H6d>>. Acesso em: 22 out. 2015.

<sup>17</sup> “*Segredo de Gerson*” é caso de Procon. Disponível em: <<http://migre.me/s4H6A>>. Acesso em: 22 out. 2015.

<sup>18</sup> *Segredo de Gerson em “Passione” vira piada no Youtube.* Disponível em: <<http://migre.me/s4H70>>. Acesso em: 22 out. 2015.

positiva frente às audiências<sup>19</sup>, como discutiremos adiante. Ou seja, não são apenas as formas de produzir e circular que variam e se transformam, mas também as formas de ler o conteúdo televisivo.

Desse modo, acreditamos que *Sessão de Terapia* é capaz de estabelecer uma relação mais estreita com sua audiência, a qual, por sua vez, busca outras experiências para interagir com a TV. Certamente, a série também se propõe a entreter o espectador, porém, além disso, oferece à sua audiência um ambiente para solucionar conflitos internos, embora sempre em sintonia com a cultura terapêutica que permeia a experiência contemporânea. Assim, através do consumo de um produto televisivo e de diferentes processos de interação, estes indivíduos estabelecem um tipo de contato afetivo que os ajuda na resolução de questões de foro íntimo.

Ao longo de seu desenvolvimento, o seriado explora o cotidiano e problematiza a vida comum através da representação de um momento de grande singularidade e intimidade, isto é, a sessão entre um terapeuta e seu cliente. *Sessão de Terapia* articula, ainda, diferentes arcos narrativos que refletem conflitos familiares e individuais, como a reconciliação entre pai e filho, a busca da felicidade e, até mesmo, a cura para algum grave transtorno psiquiátrico. Theo, o protagonista do seriado, é um especialista construído através da singular linguagem da teledramaturgia, em uma estrutura narrativa linear que organiza todo o texto em diálogos. Esse jogo entre as posições discursivas do terapeuta e seus pacientes se assemelha às técnicas aplicadas pelas práticas terapêuticas na realidade social, legitimando ainda mais a voz e a autoridade da personagem. Enquanto isso, os enquadramentos e outros recursos visuais conferem aos episódios características que aproximam a obra de outras expressões artísticas, como o cinema.

Inserida no ambiente midiático contemporâneo, *Sessão de Terapia* articula o terapêutico para promover o consumo da série pelas audiências por meio de fortes vínculos afetivos. Para investigar tal processo, também referido aqui como Terapia Midiática, estabelecemos dois objetivos principais:

1. Identificar as características de linguagem de *Sessão de Terapia* e seus modos de construir sentidos sobre a vida social contemporânea, assim como sobre problemas individuais e suas possíveis soluções;
2. Investigar os processos de comunicação que se estabelecem a partir das interações entre a obra e as audiências, observando as trocas simbólicas entre produção e consumo, ou

---

<sup>19</sup> A página de memes *Dr. Theo Deselegante* (MASSAROLO et al., 2015, p. 174-175), por exemplo, já nem existe mais. (*Dr. Theo, da série “Sessão de Terapia”, vira meme no Facebook*. Disponível em: <<http://migre.me/s4H7T>>. Acesso em: 22 out. 2015.

seja, como os sentidos da série são produzidos, circulam e são interpretados no ambiente transmidiático.

Em síntese, a intenção desta pesquisa é investigar os processos de comunicação estabelecidos entre *Sessão de Terapia* e sua audiência durante a 3ª temporada, exibida entre 4 de agosto e 21 de setembro de 2014. A análise crítica permitirá identificar as características estéticas e enunciativas do seriado e como o discurso da ordem terapêutica é construído e consumido. Afinal, os sentidos atribuídos à série também dependem da maneira como o leitor interpreta o texto midiático, o que demanda investigar a produção textual e as respostas das audiências às estratégias de enunciação articuladas pela obra audiovisual.

Desta forma, para entender de maneira mais aprofundada como se firmam tais vínculos, é necessário apresentar um referencial teórico sólido e que dialogue com contribuições de campos distintos. Assim, considerando que o contexto dos atuais processos comunicativos deve ser priorizado nos estudos de televisão (MORLEY, 2015, p. 21), buscamos identificar, ainda no primeiro capítulo, as diretrizes que representam o ethos terapêutico com o auxílio de autores como Bauman (1998, 2000, 2003), Furedi (2004), Illouz (2003, 2008, 2011), Freire Filho (2010, 2011), Campanella e Castellano (2015). Para discutir a mídia e a televisão aproveitamos as contribuições de Hall (2003), Machado (2001), Becker (1992, 2005, 2012, 2014), Mittell (2013), Orozco Gómez (2014), e Esquenazi (2014). Questões narrativas e estéticas relacionadas à teledramaturgia também são relevantes para este trabalho, especialmente os modos como *Sessão de Terapia* incorpora elementos tanto das telenovelas quanto dos seriados, o que reflete, em acordo com Bakhtin (2010), a instabilidade inerente aos gêneros discursivos<sup>20</sup>.

No segundo capítulo, a fim de compreender as características de linguagem do seriado, buscamos inspiração nas dimensões teórico-metodológicas da Análise Televisual, desenvolvida pela professora e pesquisadora Beatriz Becker (1992, 2005, 2012, 2014), por nos permitir realizar uma leitura crítica das obras audiovisuais. Este capítulo consiste em um estudo das características estéticas e enunciativas de *Sessão de Terapia*, e é composto por uma análise televisual quantitativa e qualitativa das construções de sentidos da 3ª e última temporada do seriado, produzida de forma original e exibida entre 4 de agosto e 21 de setembro de 2014, por meio de um estudo das combinações de códigos verbais e não verbais

---

<sup>20</sup> Como lembra o autor, “a riqueza e diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo” (BAKHTIN, 2010, p. 262).

do seriado. Este percurso metodológico é realizado em três etapas, explicadas de forma mais precisa adiante.

Dividido em dois momentos, o terceiro capítulo apresenta um estudo dos modos como o seriado busca interagir com o seu público e como as audiências atribuem significações à *Sessão de Terapia*, por meio de uma análise das interações e dos depoimentos publicados na página oficial da série no Facebook<sup>21</sup>. Em acordo com o período estabelecido para a Análise Televisual, colhemos 85 postagens publicadas durante a exibição da 3ª temporada do programa. Com inspiração nas proposições metodológicas do Obitel Brasil, investigamos, em um primeiro momento, as estratégias de engajamento adotadas pela produção e, em uma segunda etapa, analisamos quantitativa e qualitativamente os comentários das audiências compartilhados nestas publicações, organizados em *printscreens*. Assim, foi possível identificar os sentidos que as audiências conferiram ao seriado e desvelar, posteriormente, os vínculos estabelecidos entre a série e seu público, sinalizando características desses processos de participação e interação<sup>22</sup>. Nesse estudo de recepção foram aproveitadas as contribuições do grupo Obitel/UFSCar, cuja pesquisa<sup>23</sup> também se debruça sobre o seriado *Sessão de Terapia* entre outros objetos de estudo, assim como a tipologia proposta por Becker (2014) para uma leitura crítica dos comentários das audiências.

Desse modo, no último e quarto capítulo, iremos cruzar os resultados da Análise Televisual da obra com o referido estudo de recepção para observar as relações que se estabelecem entre a produção e o consumo de *Sessão de Terapia*. Buscamos identificar que as sessões de Theo tornam-se um caminho viável para alcançar certo conforto emocional, ancoradas nas ordens do discurso terapêutico trabalhadas na linguagem televisiva. Assim, pretendemos esclarecer as dinâmicas das interações entre o seriado e o público. Esta análise pretende contribuir para uma compreensão mais ampla dos processos de comunicação na atualidade, mantendo uma proximidade com a proposta da linha de Mídias e Mediações Socioculturais do PPGCOM-UFRJ, a qual busca explorar os processos de comunicação midiáticos como práticas socioculturais em contextos distintos. *Sessão de Terapia* constitui-se, portanto, em um *locus* privilegiado para compreender como a cultura terapêutica atravessa

---

<sup>21</sup> Disponível em: <<https://pt-br.facebook.com/SessaoDeTerapia>>.

<sup>22</sup> Assume-se aqui a definição qualitativa de interação proposta por Primo (2003, p. 6), pois considera-se que a relação entre os dois envolvidos varia “progressivamente da interação mais reativa (programada e determinística) à de maior envolvimento e reciprocidade, a interação mútua”.

<sup>23</sup> A pesquisa “Comunidades de fãs e suas redes discursivas: um estudo sobre as séries ficcionais ‘Sessão de Terapia’ e ‘O Negócio’”, é realizada pelo Grupo Geminis e coordenada pelo professor João Carlos Massarolo, da Universidade Federal de São Carlos. Para mais informações sobre o grupo, acessar: <<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/1519774412251748>>.

as obras de ficção na contemporaneidade e como estas refletem na experiência de sua audiência.

## CAPÍTULO 1

### TELEVISÃO NO SÉCULO XXI: MÍDIA E EXPERIÊNCIA CONTEMPORÂNEA

Apesar dos índices de audiência na televisão aberta terem caído em relação às décadas passadas, nunca se consumiu tanto o conteúdo televisivo. Enquanto a Rede Globo, maior emissora do país, teve uma queda de 38% da audiência nos últimos 10 anos, os canais pagos e regionais registraram um crescimento de 260%<sup>24</sup>, e hoje alcançam mais de 60 milhões de brasileiros ou, aproximadamente, 20 milhões de lares<sup>25</sup>. Recentemente, a Pesquisa Brasileira de Mídia revelou que 97% dos brasileiros assistem televisão e 65% desses telespectadores acompanham a programação todos os dias, enquanto um indivíduo brasileiro consome, diariamente, uma média de 3 horas e 29 minutos de televisão<sup>26</sup>. A TV é também o meio de maior investimento publicitário, chegando a 53% do total<sup>27</sup>, de maneira que sua dominância como principal meio de comunicação é clara, sendo esta a principal razão para estudá-la.

Os dados coletados, interpretados e apresentados no anuário 2015 do Observatório Íbero-Americano da Ficção Televisiva, o Obitel, coordenado por Maria Immacolata Vassalo de Lopes e Guillermo Orozco, comprovam as transformações no panorama de produção, distribuição e recepção da ficção televisiva na América Latina. No Brasil, em 2014, a maior concorrente da TV paga ainda foi a Rede Globo, que concentrou 39,36% do *share*<sup>28</sup> domiciliar. O segundo lugar, ocupado pelo conjunto dos canais pagos (OCP), apresentou um *share* bem inferior, de 20,47%, revelando como a maior emissora aberta do país ainda concentra boa parte da audiência televisiva (LOPES; OROZCO GÓMEZ, 2015, p. 20).

Através de recentes leis de incentivo, a produção nacional de audiovisual tomou um certo fôlego. Em 2014, o governo federal lançou o programa Brasil de Todas as Telas, contribuindo para ampliar a produção e difusão do setor no país<sup>29</sup>. E, graças à lei da TV por Assinatura (12.485/2011), os canais pagos agora cedem um espaço maior para produções

---

<sup>24</sup> *Um novo tempo*. Disponível em: <<http://migre.me/oXWg0>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

<sup>25</sup> *TV paga atinge 20 milhões de lares; 60% só veem TV aberta*. Disponível em: <<http://migre.me/oXVLk>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

<sup>26</sup> Pesquisa Brasileira de Mídia 2014. Disponível em: <<http://migre.me/onsph>>. Acesso em: 26 jan. 2015.

<sup>27</sup> *Investimentos em publicidade sobem 39% em 2013 no país, para R\$ 112,6 bi*. Disponível em: <<http://migre.me/oXW7H>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

<sup>28</sup> O *share* é uma medida que designa a participação de determinados programas ou canais em relação ao total de aparelhos ligados (BECKER; ZUFFO, 2010).

<sup>29</sup> *Programa Brasil de Todas as Telas vai investir R\$ 1,2 bilhão no setor audiovisual*. Disponível em: <<http://migre.me/oXWdb>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

nacionais e independentes<sup>30</sup>, pois devem exibir conteúdo nacional na faixa do horário nobre<sup>31</sup> de suas grades de programação. A Lei, inclusive, já provoca resultados expressivos: se em 2012 produziu-se 18 seriados de ficção, em 2013 foram 23 títulos, dos quais apenas *Sessão de Terapia* se encaixava no gênero drama. Em 2014, o Obitel (LOPES; OROZCO GÓMEZ, 2015, p. 27) indicou um outro aumento da produção nacional, com 33 novos títulos produzidos no país.

Registrou-se, também, um crescimento no uso da web. Em 2014, estimou-se que o Brasil possui, aproximadamente, 120 milhões de pessoas com acesso à internet<sup>32</sup>, sendo que 45% da população, algo em torno de 92 milhões de indivíduos, acessa o Facebook mensalmente<sup>33</sup>. Ou seja, ainda que a hegemonia da televisão fique muito clara através dos dados apresentados, não se pode ignorar o uso da internet e de múltiplas telas por parte da audiência. Por isso, o estudo *Digital Video and the Connected Consumer*, da Accenture, revela que a tela da TV vem perdendo sua hegemonia. Devido às novas práticas de recepção, houve uma queda global de 13% no uso da televisão como dispositivo principal de entretenimento<sup>34</sup>. Isso é notório quando se percebe a ascensão do *streaming* e o lançamento de plataformas online para o acesso do conteúdo televisivo. Canais como HBO e CBS já oferecem seus produtos através da internet por um valor relativamente baixo, em resposta ao modelo de negócio estabelecido pela Netflix<sup>35</sup> e Amazon<sup>36</sup>.

Mas isso não significa a diminuição do consumo televisivo, e sim que as formas de consumir tal conteúdo está mudando. Como a pesquisa aponta, 87% dos consumidores utilizam ao menos uma segunda tela<sup>37</sup>. Essa mudança faz com que, cada vez mais, as grandes produtoras busquem novas plataformas para a difusão do conteúdo da TV, ou maneiras de capturar a atenção de uma audiência cada vez mais fragmentada. Assim, em um ambiente midiático caracterizado por intensos e constantes processos de hibridizações de linguagens e

---

<sup>30</sup> *Lei da TV Paga: mais produção nacional na sua TV, mais empregos para brasileiros*. Disponível em: <<http://migre.me/oXWbk>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

<sup>31</sup> Faixa de horário da programação que vai das 18h até às 00h (MACHADO, 2010, p. 20-75).

<sup>32</sup> *Número de pessoas com acesso à internet no Brasil supera 120 milhões*. Disponível em: <<http://migre.me/sJkd3>>. Acesso em: 16 jan. 2015.

<sup>33</sup> *45% da população brasileira acessa o Facebook mensalmente*. Disponível em: <<http://migre.me/sHskV>>. Acesso em: 15 jan. 2016.

<sup>34</sup> *TV perde relevância globalmente como dispositivo de vídeo*. Disponível em: <<http://migre.me/pMiSG>>. Acesso em: 8 maio 2015.

<sup>35</sup> Embora a empresa não divulgue números, estima-se que a Netflix tenha, atualmente, 68 milhões de usuários, indicando que sua audiência pode superar, em breve, a da TV americana. Mais informações em: <<http://migre.me/qQD1w>>. Acesso em: 19 jul. 2015.

<sup>36</sup> *HBO se arma contra Netflix e Amazon*. Disponível em: <<http://migre.me/pQZ07>>. Acesso em: 8 maio 2015.

<sup>37</sup> *TV perde relevância globalmente como dispositivo de vídeo*. Disponível em: <<http://migre.me/pMiSG>>. Acesso em: 8 maio 2015.

suportes, a produção de conteúdos e formatos audiovisuais para outras plataformas estabelece diferentes maneiras de fazer e consumir televisão.

Estas transformações não são tão recentes assim, mas se tornam cada vez mais perceptíveis. Como relembra Lopes (2014a, p. 69), Gianni Vattimo já afirmava, no final do século XX, que a vida social contemporânea poderia ser chamada de sociedade da comunicação, especialmente por produzir um mundo por imagens. Outros, porém, criticam a contemporaneidade por sua liquidez (BAUMAN, 2000), assim como pelo capitalismo, individualismo e, principalmente, pelo consumo exacerbado, inclusive de conteúdos e formatos de mídia que resultam em uma chamada hipermodernidade (LIPOVETSKY; SERROY, 2011).

Embora tais processos sejam conceituados de muitas maneiras, todos são descritos de forma muito parecida e algumas conclusões se relevam mais interessantes que outras. Ao discutir o mal-estar e as incertezas da contemporaneidade, por exemplo, Martín-Barbero e Rey (2002, p. 31-41) afirmam que o medo é o principal sentimento que leva os indivíduos a ficarem incrustados em seus respectivos lares e, conseqüentemente, atraídos pela televisão. Já alguns estudos de outras áreas, entre as quais destaca-se a científica, chegam a vincular o consumo da ficção televisiva à depressão e solidão<sup>38</sup>. Tais afirmações, embora relativamente contundentes e pessimistas, se aproximam de uma particular característica da contemporaneidade, que abre espaço para a cultura terapêutica.

## 1.1 O ETHOS TERAPÊUTICO

Conforme visto na Introdução, compreendemos que o terapêutico, extrapolando a Psicologia e a Psicanálise, se transformou em um grande corpo de textos e afirmações proferidas por psicólogos e profissionais da saúde que, como nos lembra Nolan (1998 apud FUREDI, 2004, p. 10), operam como as autoridades morais de nossa época. Configurado como uma nova matriz cultural que valoriza as emoções, o terapêutico afetou diferentes áreas da atividade humana, como a família e o local de trabalho, transformando e organizando a experiência, as relações sociais e a própria noção de *self* (ILLOUZ, 2008, p. 56).

Embora seja um fenômeno recente, tendo sido identificada pela primeira vez por Philip Rieff em 1966 (CAMPANELLA; CASTELLANO, 2015, p. 173), a cultura terapêutica se desenvolveu rapidamente ao longo do último século, com maior expressão a partir da década de 1990 até os dias atuais (FUREDI, 2004, p. 3). A origem desta prática discursiva e

---

<sup>38</sup> Fazer maratona de séries pode ser sinal de depressão e solidão, afirma pesquisa feita por cientistas da Universidade do Texas, EUA. Disponível em: <<http://migre.me/pRbS6>>. Acesso em: 8 maio 2015.

cultural remete ao surgimento da Psicanálise, disciplina calcada na fala e amplamente difundida na cultura norte-americana, em que os indivíduos demandavam por receitas e formas de conduta diante das incertezas e complexidades da vida (ILLOUZ, 2008). O discurso terapêutico codificou a língua, elaborando e organizando um léxico para as emoções, além de definir as normas emocionais e sociais, estipulando o que Illouz chama de “estilo afetivo terapêutico”, expressão que designa “as maneiras pelas quais a cultura do século XX ficou ‘preocupada’ com a vida afetiva, com sua etimologia e morfologia, e concebeu ‘técnicas’ específicas – linguísticas, científicas, interativas – para apreender e gerir esses sentimentos” (ILLOUZ, 2011, p. 14).

Assim, permeando inúmeras esferas de ação ao longo dos anos, o terapêutico foi capaz de diluir também determinadas fronteiras culturais que antes separavam o masculino e o feminino, o público e o privado. Esse processo, além de enfatizar a comunicação verbal nas relações sociais e configurar um modelo de conduta emocional andrógono que une características supostamente masculinas, como a assertividade, às femininas, como o gerenciamento das emoções, transformou, também, as narrativas individuais em algo a ser contado e consumido à vista de todos (ILLOUZ, 2008, p. 239-242).

Nesse processo, a mídia teve grande participação, especialmente a literatura de aconselhamento, que utilizava uma linguagem nomológica (para lhe atribuir a autoridade de fazer afirmações normativas) e amoral (para se dirigir a vários públicos) ao falar de temas diversos (ILLOUZ, 2011, p. 19). Outros segmentos da mídia, como os filmes e a publicidade, também contribuíram para a disseminação do terapêutico, que configurou, simultaneamente, certos padrões de conduta para pacientes e consumidores (ILLOUZ, 2008, p. 243). Em síntese, a mídia foi fundamental para facilitar o entendimento do jargão terapêutico nos processos de decodificações emocionais e nas significações da experiência dos indivíduos em um mundo marcado por inseguranças e por um imaginário em que todos os indivíduos precisam de algum tipo de suporte psicológico pois estão sempre vulneráveis às muitas formas de sofrimento emocional (FUREDI, 2004).

Porém, enquanto o terapêutico estabeleceu determinados padrões de conduta, também excluiu outros ao criar novas formas de competências, agora emocionais, que poderiam ser aplicadas no trabalho e nas relações sociais para atingir bens intangíveis, como a felicidade e o bem-estar (ILLOUZ, 2008). Na cultura terapêutica que marca a contemporaneidade, o imaginário de felicidade desempenha um papel importante, pois é visto como um “poderoso *leitmotiv* cultural” e uma espécie de “projeto de engenharia individual” (FREIRE FILHO,

2010, p. 13). Amplamente difundida, a felicidade se tornou um objetivo natural, uma espécie de direito (BIRMAN, 2010, p. 28), muito fomentado pela indústria do aconselhamento, que estabelece diversos receituários práticos para alcançá-la (FREIRE FILHO, 2010).

A ordem da felicidade se relaciona diretamente com a diluição das fronteiras entre as esferas públicas e privadas, pois colocou “o sofrimento psíquico no centro da performance do *self*” (ILLOUZ, 2008, p. 239). O sofrimento torna-se o momento-chave da narrativa do eu, funcionando como uma espécie de via de acesso à cura e à felicidade, enquanto o sucesso é alcançável apenas pelo próprio sujeito, através da autorregulação e autorrealização. De maneira contraditória, como alerta Illouz (2008, p. 173), “a cultura terapêutica – cuja primeira vocação é curar – deve gerar uma estrutura narrativa na qual o sofrimento e a vitimização definem, em realidade, o *self*”. Assim, ao mesmo tempo em que seleciona as emoções potencialmente boas, as emoções que fogem à norma, como a ansiedade e o medo, devem ser evitadas e gerenciadas através dos processos terapêuticos (ILLOUZ, 2008, 2011; FUREDI, 2004).

Aderido e referendado por diversas instituições e grupos da sociedade, o terapêutico se naturalizou, mas tal ampliação resultou em um deslocamento dos distúrbios mais graves para o campo do sofrimento neurótico. Para Illouz, uma das características mais notáveis da cultura terapêutica é que ela pôs a saúde e a autorrealização no centro de uma narrativa do eu, e, ao mesmo tempo, transformou uma ampla variedade de comportamentos em sinais e sintomas de um eu “neurótico”, “doentio” e “derrotista” (ILLOUZ, 2011, p. 68).

Dessa forma, na “era da felicidade compulsória” (FREIRE FILHO, 2010, p. 17), aparecem nos mais variados gêneros e formatos midiáticos inúmeras sugestões de autoajuda, que visam aprimorar o desempenho dos indivíduos no trabalho e nas relações interpessoais. Mas é na televisão onde presenciamos um dos maiores ecos da “virada terapêutica” (FUREDI, 2004), pois é nela onde são transmitidos os *reality* e *talk shows* que “convertem em espetáculo mercadológico assuntos, emoções, sentimentos e relações interpessoais historicamente circunscritos ao ambiente doméstico, ao confessionário religioso ou ao consultório terapêutico” (FREIRE FILHO; CASTELLANO; FRAGA, 2008, p. 1). *Sessão de Terapia*, no entanto, caminha na direção contrária a estes programas ao mimetizar, com dramatismo e sensibilidade, a intimidade de uma sessão terapêutica entre um especialista e seu paciente, estabelecendo um produto televisual inovador, que imbrica elementos de dois gêneros ficcionais distintos: as novelas e os seriados.

## 1.2 PARA COMPREENDER AS FICÇÕES NARRATIVAS DA TV

Os atuais e dinâmicos processos de comunicação demandam repensar algumas noções, como a de fluxo televisual e de televisão como um meio exclusivamente massivo (BECKER, 2014). Cunhado por Raymond Williams, o conceito de fluxo televisual se mostra como uma ideia frequentemente contestada, pois “empastela toda a produção televisual num caldo homogêneo e amorfo” (MACHADO, 2001, p. 28). É um termo que, de acordo com Esquenazi (2014, p. 24), remete à questões técnicas que pouco explicam os processos de produção e recepção dos programas de televisão, pertinentes a esta pesquisa.

A fragmentação do espaço televisivo resultou na diversificação dos conteúdos e das audiências, agora organizadas em nichos. No entanto, a fragmentação sempre foi uma das principais características da TV, cujo texto é estruturado em blocos, os quais são organizados em programas e/ou capítulos, exibidos diariamente ou semanalmente. Os *breaks* ou os intervalos são interrupções construídas para o faturamento econômico, abrindo espaço na programação para os anunciantes, mas também funcionam como espaços de “respiração” para as audiências cuidarem de seus próprios afazeres, interpelar e decidir se mantêm sua assistência a um determinado programa (MACHADO, 2001). Hoje, porém, muitas produções dispensam essa estrutura narrativa organizada pelo *break*, propondo novas expressões enunciativas e estéticas na televisão, como o próprio *Sessão de Terapia*.

Contudo, para analisarmos as características de *Sessão de Terapia*, devemos investigar como os textos ficcionais são construídos, afinal, estes ocupam uma posição de grande destaque na televisão brasileira. Conforme visto anteriormente, a Rede Globo ainda é a maior produtora e difusora de ficção no país, especialmente por meio das telenovelas, apesar da crescente demanda por ficções seriadas nacionais (LOPES; OROZCO GÓMEZ, 2014, 2015). Assim, mesmo se adaptando melhor à atual difusão de conteúdos e formatos audiovisuais no ambiente midiático, o seriado ainda é um gênero de menor destaque nas emissoras abertas (ESQUENAZI, 2014, p. 120).

Sabemos que as práticas enunciativas são limitadas por determinadas convenções, porém, as dinâmicas de transformação dos gêneros são constantes, como sugere Bakhtin (FAIRCLOUGH, 2001, p. 161). Os gêneros não são um tipo de texto em particular, mas se associam à certos modos de dizer em atividades socialmente aceitas e aos processos de produção, distribuição e consumo de determinadas informações, conteúdos e narrativas. Partindo de uma perspectiva antropológica, Borelli (1996, p. 178-180) afirma que os gêneros operam como “mediação fundamental na relação entre produtores, produtos e receptores na

cultura moderna” e “se revelam como elementos da constituição do imaginário contemporâneo e de construção da mitologia moderna”. De acordo com a autora:

Os gêneros ficcionais, matrizes culturais universais, são os possíveis portadores de referencial comum de mediação entre produtores culturais/autores, produtos e receptores, e base de sustentação de um campo literário ou cultural de característica múltipla, vasta, diversa (BORELLI, 1996, p. 181).

Dessa forma, podemos afirmar que, embora apresentem os traços de determinados contextos culturais e históricos, os gêneros não possuem uma forma única e específica, estando sempre sujeito à transformações. Isso é importante pois, como mostraremos mais adiante, *Sessão de Terapia* carrega elementos tanto dos seriados quanto das novelas, imbricando características televisivas associadas a dois gêneros tão distintos entre si.

Considerada por Machado (2001) como a herdeira do rádio, a televisão apresenta uma linguagem audiovisual composta por textos, imagens e sons. Textualidades primárias que, quando articuladas, resultam em inúmeras variáveis. Não por acaso, os avanços da tecnologia de produção e difusão de conteúdo, assim como suas apropriações, têm gerado uma expressiva hibridização das linguagens e gêneros. Sendo assim, é preciso reforçar que a televisão não se limita ao imagético ou ao oral, pois sua linguagem é o resultado da articulação entre diferentes tipos de códigos. Pressupor que apenas a imagem caracteriza a linguagem da TV reduz o caráter dinâmico e inventivo da composição audiovisual e valoriza uma textualidade sobre a outra.

Historicamente, a ascensão da televisão como o principal meio de entretenimento doméstico estabeleceu um modelo de produção vigente até hoje e são muitos os estudos que traçam um panorama do desenvolvimento dos seriados televisivos. A década de 1950 costuma ser apontada como um período importante para o gênero, pois foi quando se instituiu a duração dos programas, como o drama e as comédias, veiculados, respectivamente, em uma hora e em trinta minutos. A partir do fim da década de 1960 observou-se o incremento dessas produções, como o surgimento das *sitcoms*, comédias de situação que incorporavam elementos dramáticos de forma moderada. Diante de uma audiência cada vez mais fragmentada e exigente, a década de 1990 foi marcada pela busca de inovações estéticas e narrativas nas produções seriadas (MACHADO, 2010, p. 69-71).

Embora articule uma grande variedade de gêneros e formatos, o conteúdo da TV é organizado através da serialidade: uma “apresentação descontínua e fragmentada do sintagma televisual” (MACHADO, 2001, p. 83). Por isto, o autor identifica três tipos de narrativas ficcionais televisivas que podem ou não se misturar. A primeira é a narrativa teológica,

normalmente resumida em um único acontecimento que se desenrola de forma linear ao longo de sua duração, como as novelas. A segunda forma de narrativa costuma ser associada aos seriados, pois apresentam tramas mais independentes que se desenvolvem em apenas um episódio, utilizando os mesmos personagens e estruturas textuais. Já a terceira e última forma de serialização consiste em episódios que se desenvolvem a partir de temáticas mais ou menos fixas, alternando diferentes histórias, personagens, atores e cenários. Por indicação do autor, utiliza-se a definição de Renata Pallottini para designar estas produções em capítulos, episódios seriados e episódios unitários, respectivamente (MACHADO, 2001, p. 84-85).

De maneira similar, Esquenazi (2014, p. 138) afirma que as séries “supõem uma identificação fácil dos episódios e também a presença repetida de estruturas narrativas, ritmos, personagens”. Esta perspectiva contempla o formato dos programas, o que chama de fórmulas; bíblias de produção que garantem ao público o retorno a um determinado universo. Vinculadas a determinados gêneros, as fórmulas demandam por certas características narrativas específicas, assegurando o desenvolvimento de elementos fixos e variáveis através da delimitação da narrativa, do universo ficcional e do estilo dos seriados (ESQUENAZI, 2014, p. 93-94).

O autor divide, ainda, as narrativas seriadas em duas categorias distintas: imóvel e evolutiva (ESQUENAZI, 2014, p. 107). A série imóvel apresenta uma estrutura fechada, reafirmando o pacto de repetição com a audiência e corresponde aos seriados que costumam adotar uma narrativa episódica autossuficiente dentro de um mesmo universo. Por sua vez, as séries evolutivas buscam construir um universo ficcional passível de transformações enunciativas e estéticas, através da articulação de diferentes arcos narrativos. Estas narrativas costumam articular diferentes temporalidades e comunidades, como a família, um determinado grupo de profissionais ou amigos, explorando variações de gêneros e narrativas (ESQUENAZI, 2014, p. 122-123).

Assim, quanto maior o número de personagens, mais possibilidades de desenvolver na narrativa diferentes pontos de vista sob uma única temática, configurando uma espécie de “gênero multifocal”; mas é a quantidade de arcos narrativos que estabelece o potencial expressivo do universo ficcional e o número de personagens. Por isso, os seriados evolutivos costumam engajar as audiências que, diante de múltiplas possibilidades de interpretação, tentam estabelecer uma coerência única (ESQUENAZI, 2014, p. 132-133). De toda forma, como nos lembra Esquenazi (2014, p. 13), raramente há uma narrativa pura, sendo mais comum os seriados apresentarem características de ambas as categorias: a imóvel e a evolutiva.

Estas proposições facilitam o entendimento das múltiplas possibilidades de composição seriada que, na atualidade, não se limitam apenas à tela da TV. Os seriados disponibilizados por *streaming*, por exemplo, são produções que utilizam os mesmos recursos narrativos e estéticos dos seriados da TV de *broadcast*, pois incorporam a repetição das estruturas narrativas, dos ritmos e das personagens, mas não obedecem, necessariamente, as lógicas de uma grade de exibição. Lançados muitas vezes em temporadas completas, estes seriados optam pela ênfase na repetição de determinados elementos, e não na regularidade do encontro semanal ou diário.

Sob esta perspectiva, podemos afirmar que todos os gêneros e programas de televisão apresentam alguma regularidade, assim como algum tipo de pacto de repetição mais ou menos flexível com as audiências, as quais dispõem de alguma liberdade para consumir tal conteúdo da forma que desejar. A produção, como precisa da adesão do público neste acordo, renegocia estas regularidades, de forma que as atuais séries de TV consigam acompanhar as novas dinâmicas de consumo. Afinal, hoje em dia, os membros das audiências são capazes de estabelecer temporalidades próprias e definir o ritmo de acesso ao programa nas plataformas de *streaming*, que disponibilizam temporadas inteiras<sup>39</sup>.

Ao longo deste capítulo, buscamos enumerar algumas das características gerais do texto televisual e dos seriados. Mas, conforme argumentado anteriormente, *Sessão de Terapia*, apesar de ser uma série de TV, apresenta diversas características associadas às novelas. De acordo com Lopes (2009, p. 22), a novela é “uma narrativa ficcional de serialidade longa, exibida diariamente e que termina por volta de 200 capítulos, ou seja, é levada ao ar seis dias por semana e tem uma duração média de oito meses”. As novelas são um gênero de grande relevância, principalmente quando se supõe que a alfabetização televisiva da audiência brasileira aconteceu através delas, vistas até hoje como a grande preferência nacional (DUARTE, 2012, p. 14).

Não resta dúvida de que a novela constitui um exemplo de narrativa que ultrapassou a dimensão do lazer e impregna a rotina cotidiana da nação. Construiu mecanismos de interatividade e uma dialética entre o tempo vivido e o tempo narrado e se configura como uma experiência comunicativa, cultural, estética e social. Como experiência comunicativa, ela aciona mecanismos de conversação, de compartilhamento e de participação imaginária (LOPES, 2009, p. 29).

---

<sup>39</sup> Há, no entanto, exceções e lançamentos casados; *Better Call Saul*, por exemplo, não foi lançado pela Netflix de forma completa. Primeiramente, foi exibido no canal a cabo AMC, sendo disponibilizado no serviço de *streaming* 24 horas depois. Por sua vez, o Amazon adota uma postura mais interativa, encomendando diversos pilotos e disponibilizando-os para o público que, através de votação, escolhe os seriados que devem ganhar uma temporada completa. Para mais informações: *Amazon disponibiliza online pilotos de 14 seriados*. Disponível em: <<http://migre.me/oZvrW>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

Sendo assim, considerando que o ato de ver televisão não se reduz apenas ao momento de recepção, podemos afirmar que “a novela é tão vista quanto falada pois seus significados resultam tanto da narrativa audiovisual produzida pela televisão quanto das intermináveis narrativas (presenciais e digitais) produzidas pelas pessoas” (LOPES, 2014b, p. 4).

Para diferenciar as novelas dos seriados, Mittell propõe pensar as práticas de recepção, os sistemas industriais, as normas textuais ou as características discursivas de uma obra. Nesse sentido, “as *soap operas* parecerão claramente distintas da maioria dos seriados do horário nobre” (MITTELL, 2013, não paginado). O autor reconhece que as narrativas novelescas são calcadas na repetição, mas propõe distingui-las dos seriados a partir das estruturas episódicas, dos modos de produção e veiculação, foco melodramático, estilo de interpretação, tempo narrativo e, até mesmo, o vínculo com as audiências femininas. Segundo Mittell, os seriados possuem estruturas episódicas em menor número e com tramas autossuficientes, de regularidade semanal, e suas narrativas apresentam mais contrações temporais e elementos naturais. Enquanto isso, as novelas são marcadas por narrativas mais lineares, desenvolvidas para uma transmissão diária, o que pode limitar a expressividade artística da obra também dependente de determinados modelos de produção.

Tanto o seriado quanto a novela pertencem ao que chamamos de teledramaturgia, porém, como apresentam características tão diferentes, um gênero costuma permanecer afastado do outro. No Brasil, a Rede Globo geralmente mantém as telenovelas em seu horário mais nobre, enquanto os seriados são relegados aos horários posteriores, até por uma questão de classificação indicativa<sup>40</sup>. Mas já podemos notar algumas misturas entre os dois gêneros em diversas produções, como na telenovela *A Regra do Jogo* (2015-2016), que recebe títulos em seus capítulos, uma característica comumente associada aos seriados (MITTELL, 2013).

Estas tentativas de misturar características mais ou menos fixas de dois gêneros distintos podem provocar algumas rupturas quase sempre localizadas no limiar do convencional. Tais características das indústrias culturais buscam, como explica Alvey (2000, p. 47 apud ESQUENAZI, 2014, p. 28), os limites da convencionalidade diante da demanda de inovações, de maneira que determinadas “inovações convencionais” são cada vez mais frequentes.

---

<sup>40</sup> No Guia Prático da Indicação Classificativa, desenvolvido pela Secretaria Nacional de Justiça (SNJ) do Ministério da Justiça, a classificação é definida como “indicação à família sobre a faixa etária para qual obras audiovisuais não se recomendam”. Disponível em: <<http://pfdc.pgr.mpf.mp.br/atuacao-e-conteudos-de-apoio/publicacoes/comunicacao/guia-pratico-da-classificacao-indicativa>>. Acesso em: 22 jan. 2016.

De toda forma, enquanto as novelas costumam desenvolver tramas circunscritas à esfera doméstica, os seriados costumam abordar temáticas diversas e representar diferentes comunidades. Porém, Jost (2012) destaca a capacidade das séries de TV em articular as esferas públicas e privadas, tornando a intimidade “o motor das séries contemporâneas”. De acordo com o pesquisador francês, a intimidade é “o fio secreto que, ao longo dos anos, liga as séries umas às outras, para além das diferenças de temas e do contexto que elas descrevem” (JOST, 2012, p. 62). De maneira similar, Esquenazi (2014, p. 164) diz que os seriados têm “gosto” pela intimidade; isto é, realizam “o trabalho contínuo de coordenação entre imagem pública e a presença de uma continuidade pessoal”.

Essa é uma característica que merece destaque, afinal, o nosso objeto de estudo, o seriado *Sessão de Terapia*, escancara um lugar aparentemente sagrado, o consultório terapêutico, para revelar a troca de intimidade entre um terapeuta e seu paciente. Embora não seja a única obra que articule as noções de íntimo e privado, sofrimento e felicidade, seu formato único, que implica características de dois gêneros tão distintos, os seriados e as novelas, revela uma contingência cultural profundamente associada ao que chamamos, anteriormente, de ethos terapêutico.

### **1.3 SESSÃO DE TERAPIA E O DISCURSO TERAPÊUTICO**

Os estudos latino-americanos compreendem a televisão como um ator social devido à sua capacidade de representar a sociedade e construir imaginários, mesmo que as realidades da audiência sejam complexas e variadas (MARTÍN-BARBERO; REY, 2002). A mídia e a televisão não só agendam temas e atores que consideram relevantes para a sociedade, mas também oferecem novas interpretações sociais e culturais (MARTÍN-BARBERO; REY, 2002, p. 74-75). Assim, a televisão pode agendar temáticas ainda não acolhidas pela sociedade e pelo senso comum (BECKER; PINHEIRO FILHO, 2011). No entanto, é preciso também reconhecer a circulação de determinados discursos hegemônicos.

De acordo com Milton Pinto, os discursos podem ser compreendidos como práticas sociais que se dão através do uso da linguagem verbal e outros aportes semióticos para a construção de textos:

[...] são partes integrantes do contexto sócio-histórico e não alguma coisa de caráter puramente instrumental, externa às pressões sociais. Têm assim papel fundamental na reprodução, manutenção ou transformação das representações que as pessoas fazem e das relações e identidades com que se definem numa sociedade, pois é por meio dos textos que se travam as batalhas que, no nosso dia-a-dia, levam os participantes de um processo comunicacional a procurar “dar a última palavra”, isto

é, a ter reconhecido pelos receptores o aspecto hegemônico do seu discurso (PINTO, 1999, p. 28).

Nesse sentido, buscamos evidenciar, ao longo do capítulo, como a experiência contemporânea midiaticizada é influenciada pela cultura terapêutica, que busca promover, discursivamente, padrões de conduta para uma vida saudável no cotidiano social. Com amparo das contribuições de Bauman (1998, 2000, 2003), Furedi (2004), Freire Filho (2010, 2011), Illouz (2003, 2008, 2011), Campanella e Castellano (2015) identificamos que o discurso terapêutico é marcado por quatro características primárias, sistematizadas abaixo:

1. Verbalização do diálogo - O discurso terapêutico redefine as maneiras de comunicar e introduz um modelo de comportamento marcado pela comunicação verbal.

2. Ordem da felicidade - Essa marca da cultura terapêutica sugere aos indivíduos uma nova noção de bens imateriais, como o bem-estar e a felicidade. No contemporâneo, ser feliz é um projeto de vida longo e trabalhoso, pois o sujeito é o único responsável por si e pelo gerenciamento de suas emoções.

3. Sugestão de autoajuda - Essa prática discursiva valoriza a saúde emocional como bem imaterial. No entanto, enunciações de especialistas - médicos, psicólogos e psicanalistas - são utilizadas na mídia como um receituário constituído por instruções sobre o que é saudável, aceito ou não pela sociedade.

4. Publicização da intimidade - A intimidade dos indivíduos é deslocada do espaço privado para o público; narrar e problematizar a vida cotidiana se torna uma prática social bastante comum, especialmente no ambiente midiático.

Essas diretrizes da cultura terapêutica levam o indivíduo a organizar suas próprias emoções, agir e interpretar o mundo com o objetivo de superar suas dificuldades e alcançar um ideal de felicidade. O terapêutico, já instituído como parte do senso-comum, isto é, do que é social, cultural e institucionalmente aceito (SILVERSTONE, 2002), apresenta nuances que podem passar despercebidas no decorrer das práticas discursivas midiáticas, as quais sugerem o bem-estar individual como parte do imaginário coletivo contemporâneo. Nesse contexto, a televisão desempenha um papel muito importante, pois acentua estas marcas através de combinações de códigos verbais e não-verbais. Por isso, buscamos, também, discutir as enunciações televisivas de *Sessão de Terapia*, uma vez que o seriado apresenta uma linguagem inovadora muito particular, que mistura características de dois gêneros distintos.

Embora seja um seriado, o enredo de *Sessão de Terapia* é marcado por algumas inspirações novelescas, como seu próprio formato, composto por cinco episódios semanais.

No entanto, cada episódio da semana é dedicado a somente um dos pacientes de Theo, aspecto que realça a função reguladora da TV. O texto se desenvolve a partir da interação e do diálogo entre as personagens, tornando o ritmo da obra um tanto lento, mesmo que o tempo real das sessões, algo em torno de uma hora, tenha sido encurtado para caber em episódios de 30 minutos. Assim, representando o processo terapêutico entre um especialista e seu paciente, o seriado não utiliza recursos como *flashbacks* e o desenvolvimento da narrativa é linear. O espaço cenográfico, assim como nas novelas, é bastante delimitado, apesar do uso frequente da profundidade de campo em elaborados enquadramentos. Com tramas fechadas, porém flexíveis, a série reflete sobre vários conflitos pessoais e universais e contemporâneos, desvelando a intimidade das personagens para contemplá-las, ao fim das narrativas, com uma espécie de “vida após terapia”, que perdura ao fim do episódio e da temporada.

Todas essas características estéticas e enunciativas são utilizadas como estratégias de sedução para capturar a atenção das audiências (BECKER, 1992), capazes de atribuir diferentes sentidos e estabelecer fortes vínculos emocionais com determinados produtos culturais. Embora as audiências ocupem um lugar assimétrico no processo de comunicação, suas demandas e participações são muito valorizadas na elaboração dos conteúdos televisivos (BECKER, 2014). Essa desigualdade de posições da produção e da recepção não retira a importância das audiências, afinal, elas também estabelecem “as regras do jogo” (MCLEAN, 1988), pois são livres para aderir, recusar ou negociar os sentidos do texto midiático (HALL, 2003).

Nesse aspecto, *Sessão de Terapia* atende as expectativas de seu público, pois consegue mimetizar uma consulta terapêutica com tamanha precisão que sua audiência o lê, de fato, como uma possibilidade de realizar terapia através da televisão, como discutiremos adiante. O programa convida o espectador para um momento de reflexão que subverte o rápido e fragmentado fluxo televisual através de planos e diálogos longos pouco vistos na TV. Assim, a série é capaz de estabelecer uma cumplicidade com seus telespectadores, os quais reconhecem no seriado uma forma de lidar com as angústias da vida cotidiana.

Sabemos que as audiências sempre gostaram de repercutir o conteúdo televisivo nas suas relações interpessoais. Com a expansão do ambiente midiático, as redes sociais foram fundamentais para fortalecer os laços entre a obra e os membros das audiências. De acordo com Lopes (2011, p. 317-318), são justamente estes vínculos, de caráter predominantemente emocional, que induzem estes indivíduos a levarem discussões sobre obras televisivas para as outras telas, em que deixam “fluir o capital emocional que vão acumulando ao longo do tempo de exibição das produções, por meio de elogios e discussões sobre enredo, roteiro e

atributos físicos dos personagens/atores (híbridos entre ficção e realidade, sem diferença alguma)”).

Em sua análise desse espaço de interação, Lopes aponta uma identificação de tom confidencial que se destina aos produtores, atores e atrizes das ficções. Tais relatos costumam, ainda, evidenciar os “ensinamentos que suas histórias trazem para o cotidiano” (LOPES, 2011, p. 318-320). De acordo com a autora, o Facebook, particularmente, se mostrou como o espaço “de maior concentração e participação da audiência em torno da ficção televisiva, pois a plataforma permite a criação de comunidades nas quais facilmente os fãs podem se encontrar para [...] simplesmente se sentirem engajados em uma comunidade” (LOPES, 2011, p. 329-330).

Considerando que buscamos, nesta pesquisa, investigar as relações estabelecidas entre a produção e consumo de *Sessão de Terapia*, optamos por realizar a Análise Televisual da obra e também analisar a página oficial do seriado no Facebook, um espaço habilitado em que o público é capaz de interagir de forma mais direta com o seriado e, também, com outros membros da audiência. A Análise Televisual de *Sessão de Terapia* nos permite entender como esta ficção seriada produz significações sobre conflitos pessoais e o cotidiano social. O estudo de recepção realizado, por sua vez, nos oferece um entendimento da maneira como o público do seriado interage com a obra, formando vínculos emocionais e produzindo novos sentidos. Assim, admitindo a importância das narrativas ficcionais para os processos de significação e atribuição de sentidos às experiências, acreditamos este estudo contribui para compreensão dos modos como as dinâmicas interações entre produção e recepção são estabelecidas na TV e no ambiente midiático contemporâneo.

## CAPÍTULO 2

### ANÁLISE TELEVISUAL

A metodologia adotada para o estudo do seriado *Sessão de Terapia* é inspirada na proposta da Análise Televisual (AT) desenvolvida pela professora Beatriz Becker (2012, p. 240), a qual nos auxilia a compreender e interpretar os sentidos dos textos audiovisuais, construídos pelas combinações de diferentes códigos e estratégias enunciativas, como referido anteriormente. Esta metodologia reúne referências da Análise do Discurso<sup>41</sup>, dos Estudos Culturais e da *Media Literacy*. Sob esta perspectiva, assume-se que a produção de sentidos dos programas televisivos resulta de um processo que envolve múltiplas vozes e enunciados em determinado contexto, assim como determinados recursos estéticos e narrativos que podem ser desvelados pelo estudo da linguagem e dos modos de dizer das obras audiovisuais:

Ao contrário da linguagem verbal, as imagens não podem ser classificadas num dicionário. São constituídas como os comportamentos, as atitudes, e os gestos de certa fluidez, formas, cores e enquadramentos, o que as torna difíceis de descrever e interpretar (BECKER, 2012, p. 239).

Esse percurso metodológico consiste em três etapas distintas e complementares: a descrição ou contextualização das condições de produção da obra audiovisual a ser analisada, a análise televisual e a interpretação dos resultados. A segunda fase, a Análise Televisual propriamente dita, compreende uma análise quantitativa e uma análise qualitativa, em que se aplicam, respectivamente, seis categorias básicas e três princípios de enunciação. As seis categorias da análise quantitativa são: Estrutura do Texto, Temática, Enunciadores, Visualidade, Som e Edição. Como o nome indica, a categoria Estrutura do Texto corresponde aos elementos da composição do texto audiovisual, como duração, a divisão em blocos, o tipo de gênero e de narração, entre outras características. A categoria Temática compreende as questões privilegiadas em um produto audiovisual, enquanto Enunciadores assegura a

---

<sup>41</sup> Em acordo com as contribuições da Semiologia dos Discursos Sociais, três postulados servem como guia relevante na AT: o da Semiose Infinita, o da Economia Política do Significante e o da Heterogeneidade Enunciativa (PINTO, 1995 apud BECKER, 2012). O postulado da Semiose Infinita pressupõe que todos os acontecimentos sociais resultam em produção de sentidos e que todo produto cultural é um discurso. Consiste, assim, “numa rede infinita de remissivas representações na mente dos indivíduos. Cada significante remete para outro(s) significante(s) nunca atingindo um sentido estável, definitivo” (BECKER, 2005, p. 29 apud BECKER, 2012, p. 240). O segundo postulado, o da Economia Política do Significante, “parte da Antropologia e toma os acontecimentos culturais através das lógicas do mercado; isto é, da lógica da produção, circulação e consumo” que se constitui “num mercado simbólico, em que a disputa de sentido, ou melhor, a supremacia na construção do sentido dominante, se dá no e pelo discurso” (Ibid.). Finalmente, o postulado da Heterogeneidade Enunciativa auxilia a relativizar “o poder da mídia frente à hegemonia do receptor, ao propor que todo o discurso é composto por inúmeras vozes, cuja consciência e controle o enunciator só detém parcialmente” (Ibid.).

possibilidade de investigar os atores sociais e suas enunciações, ou seja, como estes se posicionam e atribuem sentidos à narrativa. A categoria Visualidade permite “ler” as imagens e avaliar a composição do cenário, do figurino e a utilização de outros recursos cênicos e gráficos. A categoria Som considera as trilhas sonoras, os ruídos e demais elementos sonoros. A última categoria, Edição, compreende a forma como o texto audiovisual é montado. É importante observar a articulação entre as categorias de Visualidade, Som e Edição pois é através delas que são identificados os elementos e códigos audiovisuais que constituem a narrativa e contribuem na produção de sentidos (BECKER, 2012).

A análise qualitativa é baseada em três princípios de enunciação. O primeiro é a Fragmentação:

[...] o caráter condensado, enxuto, comum a toda a programação televisiva, que prioriza programas de curta duração, muitas vezes divididos em blocos que, dispersos pela grade, dificultam que o telespectador tenha a noção do todo ou o aprofundamento, por exemplo, de questões relevantes em episódios ou capítulos de uma série (BECKER, 2012, p. 244).

O segundo princípio de enunciação é a Dramatização, que avalia a presença da matriz melodramática nos gêneros televisivos em maior ou menor grau. Como explica Becker:

[...] corresponde à natureza ficcional da narrativa, envolvendo emocionalmente o telespectador ou o usuário no processo de leitura de um texto audiovisual, cujo desvendamento da narrativa é realizado por etapas para que o clímax seja aumentado e para conferir caráter dramático a um determinado acontecimento. Esse processo é acentuado pelo uso da técnica e de recursos audiovisuais empregados na construção do produto audiovisual, gerando um apagamento das fronteiras entre a realidade e a ficção. Assim, tanto os personagens que participam da narrativa quanto o assunto abordado no texto passam a despertar sentimentos de empatia, sedução ou comoção (BECKER 2012, p. 244).

O terceiro e último princípio de enunciação é a Definição de Identidades e Valores que, como indica a pesquisadora, “permite conhecer as marcas enunciativas da narrativa audiovisual referentes aos valores atribuídos a problemas e conflitos locais e globais e os modos como são julgados e qualificados” (BECKER, 2012, p. 244). Tanto na aplicação das categorias indicadas na análise quantitativa quanto na análise qualitativa amparada pelos princípios de enunciação referidos, busca-se identificar a presença do terapêutico para avaliar como o seriado organiza tal discurso em situações diversas. Associa-se, ainda, à Análise Televisual e aos ensinamentos de Becker (1992, 2005, 2012, 2014), os pressupostos teóricos apresentados no capítulo anterior, especialmente as contribuições de Machado (2001), Esquenazi (2014), Lopes (2009, 2011) e Mittell (2013), que ajudam a entender a linguagem televisiva e, mais especificamente, a da dramaturgia e a dos seriados.

Assim, a Análise Televisual aqui descrita é parte relevante da pesquisa, pois auxilia na compreensão das características enunciativas e estéticas de *Sessão de Terapia*, um seriado originalmente transmitido na televisão que também circula pelo ambiente transmidiático em diferentes plataformas, como o GNT Play<sup>42</sup> e Net Now<sup>43</sup>. Os episódios do seriado serão analisados por meio das referidas categorias, princípios de enunciação e características do discurso terapêutico apresentados anteriormente. Tais características do discurso terapêutico correspondem às quatro marcas sistematizadas nas páginas 33 e 34. São elas: 1. Verbalização do diálogo; 2. Ordem da felicidade; 3. Sugestão de autoajuda e 4. Publicização da intimidade. Posteriormente, será realizado um estudo das interações da audiência a partir da página oficial no Facebook.

Esse percurso metodológico será amparado pela metodologia da Análise Televisual proposta por Becker (2014) e pelas contribuições do corpo de pesquisadores associados ao Obitel Brasil, que exploram a recepção de *Sessão de Terapia* no projeto “Comunidades de fãs e suas redes discursivas: um estudo sobre as séries ficcionais *Sessão de Terapia* e *O Negócio*”, coordenado pelo Prof. Dr. João Massarolo, do Obitel Brasil/UFSCar, como explicitado adiante. A etapa da análise dos comentários da audiência somada à Análise Televisual do seriado nos permite entender a complexidade de um processo de comunicação que estabelece um contrato de prática terapêutica com as audiências através da televisão, diante do esmaecimento das fronteiras entre o real e o virtual na atualidade, o qual nomeamos de Terapia Midiática nesta dissertação.

## 2.1 DESCREVENDO O OBJETO DE ESTUDO

O seriado de drama/suspense *Sessão de Terapia* (2012-2014) é uma adaptação nacional da série israelense *BeTipul* (2005-2008), criada por Hagai Levi<sup>44</sup> e exportada para diversos países, entre eles Rússia, Itália e Argentina, como mencionamos anteriormente. O formato original da produção israelense prevaleceu por duas temporadas, mas a terceira e última temporada apresentou um roteiro original incorporado, posteriormente, ao formato narrativo do seriado, se tornando uma franquia de mídia; ou seja, uma propriedade intelectual “cuja implantação de um mundo imaginário através de diferentes espaços de mídia é feita por meio de uma série de linhas de produtos, estruturas criativas e/ou nós de distribuição, geridos ao longo do tempo” (JHONSON apud MASSAROLO et al., 2015, p. 159). Foram feitas

---

<sup>42</sup> Disponível em: <<http://globosatplay.globo.com/gnt/>>.

<sup>43</sup> Disponível em: <<http://webportal.nowonline.com.br/>>.

<sup>44</sup> Hagai Levi atuou, também, como terapeuta. Mais informações: <<http://migre.me/s4Jb8>>. Acesso em: 25 out. 2015.

várias versões do seriado em diferentes idiomas, sendo a mais popular *In Treatment* (2008-2010), produzida pelo canal HBO entre 2008 e 2010 e vencedora de alguns prêmios da indústria americana<sup>45</sup>. Aqui no Brasil, *Sessão de Terapia* estreou em 2012 e foi suspensa três anos depois em função da incompatibilidade de agenda do diretor<sup>46</sup>. No entanto, são poucos os seriados brasileiros da TV paga que passam de duas temporadas, sinalizando um bom desempenho do programa (MASSAROLO et al., 2015, p. 164). O *corpus* da Análise Televisual propriamente dita, a segunda etapa da metodologia aqui adotada para o estudo das construções de sentidos do seriado, será justamente a 3ª e última temporada.

Mas antes da leitura crítica do *corpus* selecionado, é necessário contextualizar as condições de produção da série, além de descrevê-la, em acordo com a primeira etapa desse percurso metodológico. Assim, recorre-se à notícias e fragmentos textuais encontrados na mídia para resgatar informações relevantes sobre esta obra ficcional. Sabe-se que *Sessão de Terapia* é articulada em função da vida do terapeuta Theo Cecatto, residente na cidade de São Paulo. O site oficial diz que “ambientada num consultório de psicanálise, a série de ficção acompanha o dia a dia profissional e pessoal do terapeuta Theo, interpretado por Zécarlos Machado. Exibida diariamente, cada episódio da trama será marcado pela história de um de seus pacientes”<sup>47</sup>.

O programa foi exibido pelo GNT, canal pago da Globosat, do Grupo Globo. Atualmente, a Globosat oferece 33 canais ao assinante, sendo 20 canais lineares, 3 exclusivos em HD, 9 *pay-per-views* e 1 canal internacional<sup>48</sup>. O assinante pode acessar ao conteúdo dos canais oferecidos através do Globosat Play, plataforma de *tv everywhere*<sup>49</sup>. Na mesma página em que estas informações estão reunidas, o GNT é descrito como referência entre os canais femininos, cujo foco da programação nacional se destaca pela qualidade editorial e de seus apresentadores, considerados autoridades sobre os temas dos programas. O canal também busca inovar a programação visual, procurando tornar seus intervalos atraentes para agradar seus espectadores:

Com mix de programação composto por: comportamento e atualidade, culinária, casa e decoração, bem-estar e maternidade, moda e beleza e ficção. O GNT aproxima a marca de seus anunciantes à mulher brasileira através de projetos especiais. Com a criação de um conteúdo personalizado que tenha total sinergia com a marca e seja capaz de envolver e gerar a identificação do seu público. Além da TV, o GNT integra

<sup>45</sup> *Emmy de melhor atriz coadjuvante em drama vai para Dianne Wiest*. Disponível em: <<http://migre.me/s4J9U>>. Acesso em: 22 out. 2015.

<sup>46</sup> *GNT cancela “Sessão de Terapia”*. Disponível em: <<http://migre.me/r8K3G>>. Acesso em: 25 jul. 2015.

<sup>47</sup> Disponível em: <<http://gnt.globo.com/series/sessao-de-terapia/>>. Acesso em: 25 jul. 2015.

<sup>48</sup> Disponível em: <<http://canaisglobosat.globo.com/canais/>>. Acesso em: 25 jul. 2015.

<sup>49</sup> Disponível em: <<http://globosatplay.globo.com>>.

Web e vídeo on demand em uma entrega diferenciada de conteúdo. Eleito pela 5ª vez consecutiva e a 10ª vez na história, o Veículo Mais Admirado da TV por Assinatura pela Pesquisa Troiano para Meio e Mensagem 2014.<sup>50</sup>

O GNT surgiu em 1991 com o nome de Globosat News Television para transmitir notícias, e durante muito tempo sua programação foi dedicada à exibição de documentários. Em 2003, a grade passou a se dedicar à temáticas como comportamento, gastronomia, moda e universo feminino, um alinhamento que continua até hoje. Em 2006 a audiência feminina do canal era de 58%, chegando a 61% no horário nobre, faixa de horário da programação que vai das 18h até às 00h (MACHADO, 2010, p. 20-75). Apesar da proximidade com o universo feminino, Carla Esteves, gerente de marketing do canal, afirma que “não somos um canal mulherzinha, rosa-choque. O que há são elementos femininos permeando nossa programação porque, cada vez mais, são os valores femininos que ditam a sociedade” (ESTEVES apud MACHADO, 2010, p. 78).

Desenvolvida no contexto da Lei da TV Paga (12.485/2011), *Sessão de Terapia* foi patrocinada por três empresas: Nívea, Unilever e Nestlé<sup>51</sup>. Na 3ª temporada, Vivo e Nívea foram as patrocinadoras. A série foi produzida pela Moonshot Pictures, do produtor Roberto D’Avila, também responsável por outros programas do GNT, como *The Taste Brasil*, *Que Seja Doce*, *Por Um Fio* e *Desafio da Beleza*. Na época do lançamento, noticiou-se que o GNT havia investido cerca de R\$ 6 milhões na produção do seriado<sup>52</sup>, cujo resultado de audiência animou o canal, que dobrou seu número de telespectadores<sup>53</sup>. A qualidade do seriado é constantemente mencionada na mídia, que destaca o clima “intimista”, a forte carga emocional e outros fatores estéticos e narrativos inerentes ao próprio formato do programa. Costuma-se também elogiar o elenco<sup>54</sup> e a direção. O diretor, Selton Mello, é um ator e roteirista muito conhecido pelo público brasileiro.

A cada episódio, o seriado articula diferentes instâncias narrativas que se desenvolvem a partir das relações estabelecidas por Theo. O arco narrativo da família do terapeuta e especialista marca o núcleo evolutivo do seriado, responsável pela continuidade das temporadas. Os outros arcos narrativos são mais fechados e independentes, pois se

---

<sup>50</sup> *Um canal de entretenimento para a mulher brasileira. Na tv, no site, no vod e onde você quiser!* Disponível em: <<http://globosatcomercial.globo.com/canal/gnt>>. Acesso em: 25 jul. 2015.

<sup>51</sup> *GNT investe em dramaturgia com "Sessão de Terapia"*. Disponível em: <<http://migre.me/r8Kge>>. Acesso em: 25 jul. 2015.

<sup>52</sup> *Sucesso de "Sessão de Terapia" faz GNT investir em novas séries*. Disponível em: <<http://migre.me/r8K92>>. Acesso em: 25 jul. 2015.

<sup>53</sup> *Sessão de Terapia dobrou ibope do GNT*. Disponível em: <<http://migre.me/r8Kfh>>. Acesso em: 25 jul. 2015.

<sup>54</sup> *Crítica: Atores são trunfo de série Sessão de Terapia*. Disponível em: <<http://migre.me/r8Kle>>. Acesso em: 25 jul. 2015.

estabelecem entre o terapeuta, seus pacientes e supervisores. Por questões culturais e de audiência, a produção do seriado deu ênfase à relação familiar de Theo fazendo “uma adaptação bastante agressiva, no sentido de transformar os personagens e a literatura em personagens brasileiros, uma coisa que fale com o nosso público” (D’AVILA, 2015 apud MASSAROLO et al., 2015, p. 158). Esta diferença é perceptível se comparamos a versão brasileira e a americana, na qual, por exemplo, os filhos do terapeuta Paul Weston (David Byrne) pouco aparecem no decorrer das três temporadas, mesmo sendo a terceira delas tão original quanto a brasileira, mas diferente em muitos aspectos<sup>55</sup>.

No Brasil, a 1ª temporada de *Sessão de Terapia* estreou em 1º de outubro de 2012 e foi exibida durante 9 semanas, em 45 episódios de mais ou menos 25 minutos sem intervalos comerciais, indo ao ar às 22h30, faixa considerada parte do horário nobre. Nos fins de semana, os episódios exibidos de segunda à sexta-feira eram reprisados em forma de maratona; isto é, seguidamente<sup>56</sup>. Até o momento, lançou-se em DVD apenas a 1ª e 2ª temporada, mas o seriado completo está disponibilizado na plataforma online oficial do canal, o GNT Play<sup>57</sup>.

Os pacientes de Theo na 1ª temporada são Júlia (Maria Fernanda Cândido), Breno (Sérgio Guizé), Nina (Bianca Muller), Ana (Mariana Lima) e João (André Frateschi). Júlia é uma personagem que possui grande destaque; ela está em terapia há um ano, e confessa estar apaixonada por Theo logo no 1º episódio; um caso de transferência erótica<sup>58</sup>. Breno é outra personagem importante no decorrer do seriado; ele é um atirador de elite que decide fazer terapia após assassinar, acidentalmente, uma criança durante uma operação militar. Nina, por sua vez, é uma ginasta que, ao sofrer um acidente de bicicleta, precisa da avaliação de Theo para entregar à seguradora, que suspeita de uma tentativa de suicídio. Os últimos pacientes de Theo nesta temporada são Ana e João, casal em crise que está indo à terapia para discutir uma gravidez indesejada pela esposa e desejada pelo marido. No 5º episódio da semana, Theo é atendido por Dora (Selma Egrei), sua antiga supervisora. Theo decide retornar à supervisão porque, após 8 anos, percebe como está nervoso e agressivo com seus pacientes.

---

<sup>55</sup> Como o objetivo desta dissertação é o estudo do seriado *Sessão de Terapia*, não iremos nos deter em comparações maiores. De toda forma, *In Treatment* (2008-2010) já foi um objeto de estudo anterior (MACHADO, 2014).

<sup>56</sup> Em inglês adota-se o termo *binge watching* para definir a prática da maratona que, de acordo com Matrix (2014 apud MASSAROLO et al., 2015, p. 169) é um hábito comum nas comunidades de fãs.

<sup>57</sup> Disponível em: <<http://globosatplay.globo.com/gnt/>>. O seriado circula, ainda, pelo Net Now (<http://webportal.nowonline.com.br>) e Claro Video (<http://webportal.nowonline.com.br>), plataformas de *vídeo on demand*; ambos oferecem, além do conteúdo Globosat, filmes e seriados.

<sup>58</sup> “*Transferência erótica*”: o que é e como o profissional deve agir diante dela. Disponível em: <<http://migre.me/s4JfB>>. Acesso em: 25 out. 2015.

Grande parte do enredo se desenvolve no consultório e também residência de Theo, casado com Clarice (Maria Luísa Mendonça), esposa e mãe de seus filhos, Rafael (Johnnas Oliva, que só participa da 3ª temporada), Malu (Mayara Constantino) e Caio (Netuno Trindade), com 20, 18 e 8 anos, respectivamente. A 1ª temporada é marcada pela falência do casamento de Theo, especialmente em função de sua atração por Julia, apaixonada pelo terapeuta. Julia tem, ainda, um breve relacionamento com Breno, paciente das terças-feiras, mas ao fim da temporada Breno morre. A suspeita de suicídio faz com que o pai, Antônio (Norival Rizzo), procure Theo. Antônio não aceita os rumores sobre a homossexualidade do filho e ameaça processar o terapeuta. Enquanto isso, Nina termina sua terapia decidida a voltar com a ginástica olímpica, e Ana e João se divorciam sem precisar decidir pelo aborto pois Ana aborta espontaneamente no banheiro do consultório de Theo. Os episódios de Theo com Dora são marcados pela presença de Clarice em algumas sessões; ao fim da temporada o casamento acaba, e Theo falha na tentativa de ficar com Júlia, mesmo confessando se sentir atraído por ela. Na temporada seguinte, Theo aluga um apartamento no centro de São Paulo, onde atende novos pacientes.

Os acontecimentos da 1ª temporada são complementados pelo livro *Sessão de Terapia* (VARGAS, 2013), escrito por Jaqueline Vargas, roteirista do seriado. O livro não era parte do formato original israelense, e foi elaborado entre a 2ª e 3ª temporada quando outras empresas demonstraram interesse no projeto (MASSAROLO et al., 2015, p. 159). A narrativa se organiza como uma espécie de “diário emocional”, trazendo os “pensamentos, as fobias de Theo e os acontecimentos antes e depois de cada sessão”, todos narrados em primeira pessoa. Na quarta-capa do livro consta que:

[...] A voz de Theo revela gradativamente o homem por trás do profissional e a humanidade gigantesca que existe em tentar ajudar o outro em seu caminho de autoconhecimento. Mais de 9,5 milhões de espectadores mergulharam na atmosfera intimista do consultório de Theo para assistir *Sessão de Terapia*, versão da série israelense que conquistou crítica e público em mais de 30 países. Sucesso na TV, o cotidiano dramático de um psicólogo e seus pacientes ganha agora uma nova dimensão ao levar o leitor para o universo pessoal do terapeuta (VARGAS, 2013).

Essa estratégia de lançar um produto no hiato das temporadas é adotada para reafirmar o interesse do público, mas também para angariar novas audiências (MASSAROLO et al., 2015, p. 183). Estruturado em 9 capítulos referentes as respectivas semanas da 1ª temporada, o livro opera como extensão narrativa da história, oferecendo novos pontos de vista sobre os mesmos acontecimentos mostrados na TV e aprofundando o conhecimento do espectador sobre o universo ficcional proposto. É o caso de Rafael, filho mais velho de Theo que estuda e

mora fora de casa e esteve ausente das duas primeiras temporadas da TV. Ele participa do livro desde a 6<sup>a</sup> semana da 1<sup>a</sup> temporada, e a narrativa da obra revela que sua presença durante um fim de semana na casa do pai altera as relações familiares que são exploradas na 3<sup>a</sup> temporada do seriado (MASSAROLO et al., 2015, p. 184-185). Ainda que introduza elementos importantes para os desdobramentos da história, o livro não interfere exatamente na narrativa do seriado, pois funciona apenas como um produto complementar para o entendimento das tramas, de forma que todo o conteúdo televisivo pode ser compreendido sem o auxílio do mesmo. Contudo, a publicação do livro em cópias físicas e digitais justifica a percepção do seriado como um produto transmídia, pois há desdobramento narrativo de um produto televisivo em mais de uma plataforma.

A 2<sup>a</sup> temporada de *Sessão de Terapia* estreou em 7 de outubro de 2013, no mesmo horário, às 22h30, e teve 35 episódios que dão continuidade aos acontecimentos da temporada anterior. Theo agora atende Carol (Bianca Comparato), uma jovem com câncer que se recusa a contar para a família sobre a doença. O terapeuta atende também Otávio (Cláudio Cavalcanti), um empresário com ataques de pânico; Paula (Adriana Lessa), uma advogada com desejos de ter filhos; Daniel (Derick Lecouflé), filho de João e Ana, ex-casal de pacientes da temporada anterior, que tem dificuldade para dormir no novo apartamento do pai. Theo mantém as sessões com Dora às sextas-feiras, mas agora sofre ataques pessoais de Antônio, pai de Breno, que ameaça processá-lo. Acuado, Theo tenta reagir, mas Milena (Paula Possani), viúva de Breno, faz uma visita e pede para que ele não processe Antônio por difamação, pois isso é uma decisão isolada de Antônio, que não aceita a morte de Breno e sua possível homossexualidade.

A temporada se desenvolve ao longo das 7 semanas, nas quais Theo auxilia seus pacientes diante de seus respectivos dilemas morais, enquanto tenta lidar com seus próprios problemas. O terapeuta acaba contando para a mãe de Carol sobre a doença da filha, que começa a se tratar, enquanto auxilia Otávio, seu outro paciente, a se reconciliar com a filha homossexual. Ao longo dos episódios, Theo descobre que Paula, paciente às quartas-feiras, é esposa de seu advogado, Luis, no processo movido por Antônio, pai de Breno. Theo faz amizade com a vizinha Lia (Luana Tanaka), que um dia ajuda Theo durante o atendimento a Carol, que desmaia no decorrer da sessão. Ao fim da temporada, Lia presenteia Theo com um quadro pintado por ela.

A vida familiar do terapeuta continua conturbada, pois a distância de sua filha, Malu, provocada pela separação, lhe faz mal. O pai de Theo, antes vivendo em um asilo, é

transferido para um hospital com pneumonia, e Nestor (Giulio Lopes), irmão do terapeuta, pressiona-o a visitar o pai, muito doente. Malu também conversa com o pai sobre a importância da visita, mas quando Theo finalmente decide visitar o pai ele já havia morrido. Ao fim da temporada, grande parte dos problemas são superados. Antônio decide deixar Theo em paz e o processo é arquivado, enquanto Carol e Paula encerram os atendimentos e Otávio decide encarar as sessões com mais seriedade. Ana e João também chegam a um acordo em relação a Daniel, que agora vai morar com o pai enquanto ela se estabelece no Rio de Janeiro. Nesse ínterim, Theo se culpa pela morte do pai e sua filha sugere que o terapeuta tire um tempo para si. A temporada encerra com Theo cancelando as sessões dos pacientes e a supervisão com Dora.

A 3ª e última temporada de *Sessão de Terapia* foi ao ar entre 4 de agosto e 21 de setembro de 2014 e acompanhou a faixa de horário das temporadas anteriores, tendo seus 35 episódios exibidos de segunda à sexta-feira às 22h30, com maratonas aos fins de semana e divulgação na plataforma online. Na grade da programação, o seriado era antecedido ou precedido por outros programas de temas diversos, como beleza, gastronomia ou ficção, como o seriado *Animal*, que estreou em 6 de agosto de 2014 com 13 episódios exibidos às quartas-feiras às 23h, logo após *Sessão de Terapia*, estratégia adotada para alavancar a audiência. A reprise dos episódios da semana era aos sábados, às 21h30, e domingos, às 18h<sup>59</sup>. Drika Nery, Ricardo Inhan, Flávio de Souza e Ana Reber assinam o roteiro dos episódios de Bianca (Letícia Sabatella), Diego (Ravel Andrade), Felipe (Rafael Lozano) e Milena, respectivamente. Jaqueline Vargas é responsável pela criação, roteiro das sessões de supervisão e roteiro final dos demais episódios. O enredo, agora original, dá continuidade ao desenrolar da vida familiar e profissional de Theo, que retorna à prática terapêutica após um período de férias. De acordo com a sinopse:

Nesta 3ª temporada, Theo retorna de um período de descanso e reflexão. No entanto, assim que retoma suas atividades, descobre que seu filho mais velho está atravessando um momento muito difícil. Esse drama familiar fará com que Theo tenha a oportunidade de se aproximar do irmão Nestor e dos seus outros filhos. Theo continuará atendendo e a cada dia acompanharemos o trajeto de um novo paciente. Bianca Cadore uma mulher casada e que ama demais, Diego Duarte um adolescente alcoólatra, Felipe Alcântara um jovem empresário que não consegue assumir sua preferência sexual e Milena Dantas, viúva de Breno Dantas, que aparenta ter Transtorno obsessivo compulsivo. Nas sextas Theo tentará uma nova abordagem e

---

<sup>59</sup> Através da página no Facebook, constatou-se que no dia 14 de setembro de 2014 esse horário foi adiantado para as 17h.

entra num grupo de supervisão com outros terapeutas, Rita Sanchez, Guilherme Damasceno e o supervisor Evandro Mendes<sup>60</sup>.

Em síntese, a 3<sup>a</sup> temporada é marcada pela relação familiar de Theo, que volta à prática terapêutica após um período de descanso e descobre que seu filho tem feito uso de cocaína. Rafael evita a casa do pai, preferindo ficar no tio, Nestor. Ao longo da temporada, Theo tenta se reaproximar do filho, mas acaba optando pela internação quando Rafael desmaia na casa de Lia, vizinha e amiga, durante um atendimento.

A prática de Theo durante a semana é iniciada com Bianca, mulher que relata uma vida de sofrimento marcada pela possessão e ciúme do marido. Mãe de Enzo e casada com Tadeu (Nicolas Trevijano), Bianca surge com marcas no corpo e, posteriormente, relata as agressões do marido. O enredo, porém, sofre uma virada a partir da revelação de que Bianca é, na realidade, portadora de um transtorno psiquiátrico.

As terças-feiras são de Diego, um adolescente de 16 anos, levado até o consultório por Neusa (Ondina Clais Castilho), uma espécie de governanta que o criou após a morte de sua mãe. De família muito rica, Diego é criativo, educado e inteligente, mas começa a beber para chamar a atenção do pai, Frederico (Marco Antônio Pamio), que mora em outra casa com Teresa e os irmãos de Diego. O adolescente é trazido até Theo após um vexame na festa de família e, posteriormente, se envolve em um acidente de carro sem grandes consequências. As tentativas de chamar a atenção do pai resultam na revelação de um segredo e um teste de DNA, que comprova a paternidade de Frederico.

Felipe, o paciente das quartas-feiras, procura Theo com urgência; é também de família muito rica e o único herdeiro de uma empresa do ramo da construção civil, administrada por Carmen, uma mulher poderosa que controla a vida do filho. Felipe está acertado para casar com Nicole, mas vive há 3 anos um relacionamento homossexual com Guto (Rafael Primot), um veterinário de origem mais humilde. Felipe tem dificuldades para aceitar sua orientação sexual, e tenta esconder isso de Theo na primeira sessão. Temendo pela saúde da mãe diante dessa descoberta, Felipe vive uma vida dupla, até que se assume e descobre que Carmen já sabia da orientação do filho, mas preferia negar. Por fim, Felipe rompe relações com a mãe e decide tentar se reaproximar de Guto que, cansado de esperar, acabou com o relacionamento.

Milena, às quintas, é uma personagem conhecida do público. Ela é viúva de Breno, personagem da 1<sup>a</sup> temporada, e procura Theo de forma despreziosa, mas acaba marcando

---

<sup>60</sup> O site do seriado divulga, ainda, uma descrição das personagens, anunciando as temáticas abordadas, suscitando dúvidas e expandindo o enredo. Disponível em: <<http://gnt.globo.com/series/sessao-de-terapia/sobre.html>>. Acesso em: 25 jul. 2015.

mais sessões. Ao longo das semanas, é revelado que Milena travou na defesa do mestrado, e por isso recebeu uma licença médica da faculdade onde dá aula. Milena parece bem apesar da morte do marido. Sua família, inclusive, acha que Milena não se permitiu vivenciar o luto, pois continuou trabalhando e dando continuidade à rotina. Posteriormente descobre-se que Milena é portadora de um raro TOC mental<sup>61</sup>, e Theo recomenda que ela vá à um psiquiatra para fazer os dois tratamentos: o terapêutico e o psiquiátrico, com medicação. Milena só decide tomar os remédios após paralisar de medo diante de um acidente com o filho, que quase se queimou em um acidente doméstico.

Às sextas-feiras Theo faz supervisão em grupo coordenada por Evandro (Fernando Eiras), um psicólogo famoso que está no Brasil para dar um curso na USP. Ele convida, além de Theo, Guilherme (Celso Frateschi), psicólogo e escritor famoso conhecido de Theo da faculdade, e Rita (Camila Pitanga), terapeuta jovem e renomada que trabalha na clínica de Guilherme, mas está insatisfeita com o trabalho e com o relacionamento dos dois, mantido em segredo e revelado ao longo das supervisões em grupo. No decorrer da temporada, descobre-se que Rita e Guilherme são amantes há dois anos, mas Rita pede pelo término na frente de todos os colegas pois acredita que Guilherme não é capaz de admitir o relacionamento deles por receio de afetar sua imagem. Por isso, no meio da temporada, o grupo é desfeito, e Theo retorna para as supervisões com Dora enquanto se envolve romanticamente com Rita, agora solteira e desimpedida. Todas essas personagens são descritas no site oficial do seriado, que oferece pequenos perfis ao telespectador para melhor compreensão do enredo e do universo ficcional proposto<sup>62</sup>.

Até o momento não houve o lançamento em DVD da 3ª temporada, apenas das duas primeiras. De toda forma, todos os episódios estão disponíveis aos assinantes do canal no site oficial pelo GNT Play<sup>63</sup>, parte do Globosat Play<sup>64</sup>, plataforma que permite a visualização de filmes, shows e programas de televisão. O Globosat Play é oferecido aos assinantes da Globosat nas operadoras NET, GVT, Claro, Algar Telecom, Oi TVHD, Vivo, Sky e Multiplay, e pode ser acessado por computadores, aplicativos para dispositivos móveis, *Smart*

---

<sup>61</sup> “Na doença mental denominada transtorno obsessivo compulsivo (TOC), uma pessoa é aprisionada por um padrão de pensamentos e comportamentos repetitivos que não têm sentido, são desagradáveis e extremamente difíceis de evitar”. Disponível em: <<http://migre.me/s4Jr9>>. Acesso em: 23 out. 2015.

<sup>62</sup> Disponível em: <<http://gnt.globo.com/series/sessao-de-terapia/sobre.html>>. Uma tabela foi organizada e anexada ao fim desta dissertação com o propósito de facilitar o entendimento das múltiplas vozes que compõem o texto audiovisual analisado.

<sup>63</sup> Disponível em: <<http://globosatplay.globo.com/gnt/>>.

<sup>64</sup> Disponível em: <<http://globosatplay.globo.com>>.

TVs Panasonic e consoles de videogame (Xbox 360 e Xbox One)<sup>65</sup>. Optou-se pelo GNT Play por sua simplicidade, capacidade de contabilizar o número de visualizações e porque ela é a plataforma sugerida na página oficial do seriado no Facebook. Como o GNT Play é vinculado ao Globosat Play, o usuário pode acessá-lo em uma aba em que se escolhe qual canal se deseja acessar<sup>66</sup>.

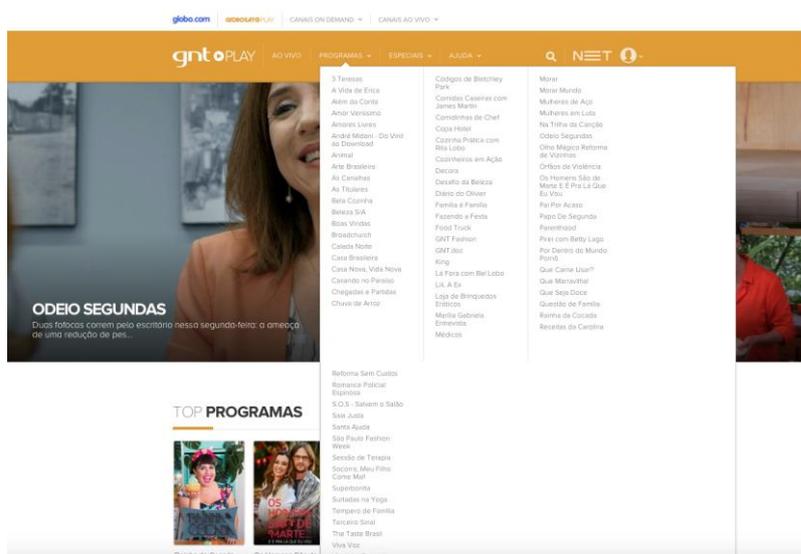


Figura 01 – Interface do GNT Play. Fonte: GNT Play

A página principal do GNT Play (Figura 01) é composta de programas em destaque e categorias de gêneros (como séries, gastronomia, moda e beleza, entre outras). Uma barra laranja oferece a possibilidade de assistir o canal ao vivo, aos programas ou especiais (como o São Paulo Fashion Week). Mais à direita, pode-se realizar buscas no site e fazer o login do usuário, que pode abrigar vários perfis de espectadores diferentes. Após selecionar *Sessão de Terapia*, o usuário é redirecionado a uma lista dos episódios em que a seleção da temporada é feita à direita da tela, acima da listagem. A imagem que ilustra a interface da plataforma é de Theo em destaque, com os rostos de diversos pacientes e personagens ao fundo, como um mosaico. Entre a imagem e a lista de episódios há uma breve sinopse da série. Ao selecionar a temporada, o usuário pode optar pelos episódios, numerados de cima para baixo, na ordem de exibição. Percebe-se que os episódios são marcados pelo nome das personagens e o número da sessão<sup>67</sup>. Ao passar o cursor sobre um episódio surge uma caixa com a sinopse, onde se pode conferir, também, o número de exibições (Figura 02).

<sup>65</sup> Mais em: <<http://migre.me/s4JE5>>. Acesso em: 25 out. 2015.

<sup>66</sup> Disponível em: <<http://globosatplay.globo.com>>.

<sup>67</sup> Os episódios de supervisão são nomeados pelo nome do supervisor, Evandro ou Dora, que retorna nas últimas três supervisões da temporada após o fim do grupo de Evandro.



Figura 02 – *Sessão de Terapia* no GNT Play. Fonte: GNT Play

Após a seleção de um episódio há inserção publicitária de 15 ou 30 segundos. É possível optar por três qualidades de transmissão, 360p, 480p ou 720p (HD). Há como pausar, iniciar, retroceder, avançar, ampliar ou reduzir a tela e controlar o som. Permite-se, ainda, visualizar com a “luz” da página apagada; isto é, com a iluminação reduzida no entorno da janela de exibição. Na lista, o episódio é marcado como “assistindo”, e a sinopse fica ao lado, disponível para consulta. Não aparece o nome dos patrocinadores como na TV, apenas o do canal. Para o usuário, há a possibilidade de marcar o episódio como favorito, para ver depois ou compartilhar em redes sociais (Figura 03).

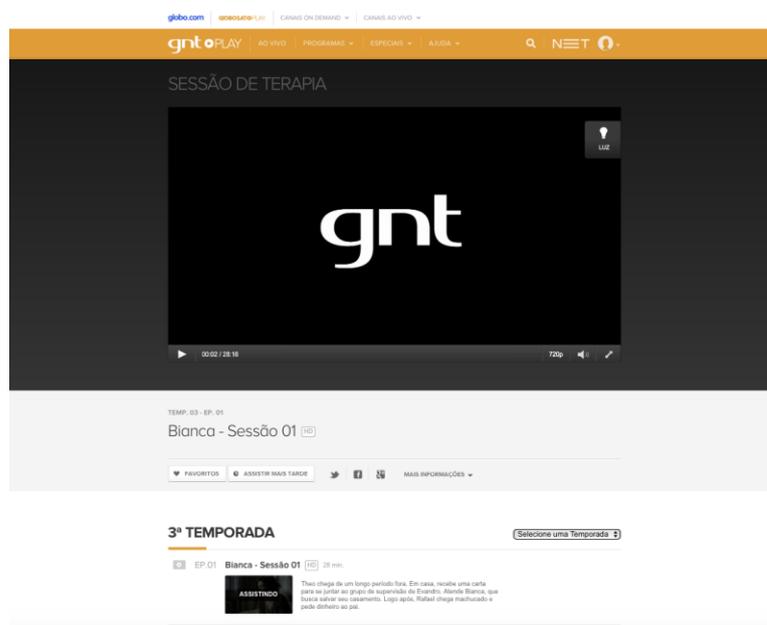


Figura 03 – Player do GNT Play. Fonte: GNT Play

Essa breve descrição do funcionamento da plataforma mostra que embora ela seja simples e funcional, precisa ser incrementada para ser acessível por meio de diferentes navegadores. Não se conseguiu acessá-la, por exemplo, por meio do Safari, o navegador padrão dos sistemas operacionais desenvolvidos para os dispositivos Apple. O navegador Firefox não apresentou problemas e, embora a qualidade de transmissão seja boa, de modo geral, poderia ser melhorada e alcançar 1080p, como já acontece na Netflix. Nota-se também que as possibilidades de compartilhamento são limitadas, pois a plataforma não promove integração com o espaço de divulgação do seriado (MASSAROLO et al., 2015, p. 169-170). Nota-se que, devido à ênfase na fala e nos diálogos das personagens, como veremos mais adiante, *Sessão de Terapia* tem sua visualização em dispositivos móveis consideravelmente comprometida, pois estes normalmente possuem um sistema de som insuficiente.

## 2.2 UMA LEITURA CRÍTICA DO SERIADO

Com 115 episódios no total, o programa foi organizado na grade televisiva em temporadas anuais e episódios diários. No entanto, o *corpus* da análise compreende apenas os 35 episódios da 3ª temporada, disponibilizados também no GNT Play<sup>68</sup> e que serão avaliados de acordo com as categorias estabelecidas pela análise quantitativa e os princípios de enunciação da análise qualitativa associados às marcas terapêuticas; posteriormente, serão analisadas as publicações da página oficial do seriado no Facebook e os comentários da audiência, postados durante o período de exibição do programa, entre 4 de agosto e 21 de setembro de 2014. Para assegurar a ausência de discrepâncias entre o conteúdo exibido na televisão e aquele disponibilizado na plataforma, selecionamos os 5 últimos episódios da temporada que, quando comparados, não apresentaram qualquer diferença, mantendo as mesmas características da exibição original televisiva<sup>69</sup>. A única diferença mais marcante é a inserção publicitária imediatamente anterior à exibição do episódio: se na TV ela corresponde aos patrocinadores dos programas (Nívea ou Vivo), no GNT Play isso não é uma regra, pois são peças variadas. Dessa forma, acreditamos que todos os episódios, exibidos na televisão ou disponibilizados nas distintas plataformas do ambiente transmidiático, apresentam as mesmas características de linguagem, principalmente se levarmos em consideração que os seriados são

---

<sup>68</sup> Disponível em: <<http://globosatplay.globo.com/gnt/>>.

<sup>69</sup> No entanto, é preciso reconhecer que estas novas plataformas, mesmo facilitando os estudos televisivos, não permitem perceber as variações da exibição original, como é o caso do episódio 13, exibido em 20 de agosto de 2014. O episódio seria de Felipe, mas por um erro de programação foi exibido o episódio do dia seguinte, de Milena. Essa informação reitera, ainda, a necessidade de um estudo de interação transmídia, realizado mais adiante, pois foi através da página oficial do seriado que se pode notar o ocorrido.

projetados para atingir maiores índices de reassistência entre sua audiência sem que sofram qualquer alteração em seus conteúdos e formatos na atualidade (MITTELL, 2013).

## 2.2.1 ANÁLISE QUANTITATIVA

### 2.2.1.1 ESTRUTURA TEXTUAL

Com episódios de mais ou menos 25 minutos, a narrativa de *Sessão de Terapia* é construída através dos blocos de recapitulação, introito, abertura, sessão de terapia e créditos, sem interrupção comercial. O texto do seriado é orientado pela repetição de acontecimentos anteriores relatados pelos pacientes em relação aos acontecimentos presentes e inéditos, que podem ou não se desenrolar dentro do consultório de Theo. Isso faz com que a série apresente elementos de dois gêneros distintos: os seriados e as telenovelas. No geral, o núcleo evolutivo do programa se dá pelo desenvolvimento das relações familiares do especialista, enquanto os outros arcos narrativos correspondem às relações estabelecidas entre Theo, seus pacientes e supervisores.

A maioria dos capítulos começa pela recapitulação, incluída a partir do 5º episódio e com duração entre 50 segundos e 2:40 minutos. Ela é a primeira sequência exibida, antes mesmo do introito, em que normalmente o paciente chega no consultório ou acontece algo relevante para vida de Theo e para a narrativa. Percebe-se, ainda, que a recapitulação, responsável por resumir os acontecimentos dos episódios passados, é apresentada pelo diretor como “nos *capítulos* anteriores de *Sessão de Terapia...*”, reafirmando o caráter híbrido seriado/novela do programa que, mesmo estruturado em temporadas como uma série de TV, é organizado em capítulos, como as novelas, cujas narrativas se desenrolam a partir de um único acontecimento, assim como em *Sessão de Terapia*<sup>70</sup> (PALLOTTINI, 1998 apud MACHADO, 2001, p. 85).

O introito varia de acordo com os acontecimentos, e chega a ter até 4 minutos. A abertura dura 20 segundos e funciona como um respiro entre a introdução e o desenrolar da sessão. Apresentam-se os nomes das personagens e o horário do atendimento no dia<sup>71</sup>, marcando a regularidade semanal do episódio e simulando o pacto da regularidade terapêutica. A sessão corresponde a mais ou menos 80% do tempo total de exibição, mas está sujeita a variações; após a sessão, se houver tempo, desenvolve-se mais algum evento

---

<sup>70</sup> Esta distinção é importante para visualizar objetivamente as características híbridas de *Sessão de Terapia*, mas isso não interfere na nomenclatura adotada; ou seja, a estrutura textual do programa pode ser chamada de capítulos ou episódios de acordo com a escolha do enunciador. Nesse caso, optamos por chamá-los de episódios.

<sup>71</sup> No episódio 31, Bianca chega mais cedo, mas o horário que consta é ainda o horário regular das sessões, 16h.

importante para o núcleo evolutivo do seriado, estabelecendo ganchos entre os episódios. Os créditos têm a invariável duração de 1 minuto e são apresentados em um fundo preto com uma tipografia que lembra uma máquina de escrever. Como nas telenovelas, são raras as elipses, *flashbacks* ou *flashforwards*, fazendo com que a maior parte dos eventos se desenvolvam em uma sequência cronológica. Por isso, entre a 5ª e 6ª semana, todas as personagens apresentam algum desdobramento narrativo importante em suas respectivas tramas, como a visita de Frederico, pai de Diego, na 5ª semana, e a visita de Tadeu, na semana seguinte, para armar o desfecho de Bianca em seu último episódio.

No decorrer das semanas, os episódios repetem os acontecimentos referentes aos arcos narrativos, mas o 5º episódio semanal sempre oferece informações de todos os acontecimentos anteriores relatados pelos pacientes e pelo próprio Theo, que compartilha com seus supervisores (Evandro, Guilherme, Rita e Dora, ao longo desta temporada) detalhes de sua vida e prática profissional. Como terapeuta, Theo interpreta as experiências das personagens e, ao compartilhar suas interpretações com seus colegas, promove o debate de novas reinterpretações, mas sempre pela perspectiva terapêutica. Por isso, muitas vezes, é somente no 5º episódio semanal que o espectador fica ciente do que aconteceu “entre as sessões”. Ainda que os episódios ao longo da semana possam gerar um conflito ou terminar em um momento de tensão, o famoso gancho, a audiência precisa esperar até o último episódio da semana para saber o que aconteceu.

Esse enquadramento, que delimita o conteúdo da série ao que se desenvolve nos horários de atendimento de Theo, pode provocar uma virada na narrativa. Bianca, por exemplo, sai do consultório ao fim de sua 5ª sessão antes que Theo consiga pegar suas chaves para acompanhá-la até o local onde está Tadeu, que tem feito ameaças à esposa após uma suposta denúncia à polícia. Até o 21º episódio, a narrativa de Bianca gira em torno de relações amorosas pouco saudáveis e da violência doméstica<sup>72</sup>, como se percebe no trecho transcrito à seguir:

**BIANCA:** [...] Eu fui na polícia. Eu me senti uma traidora. Sei que não sou, mas foi assim que me senti. Sempre acreditei no meu casamento. De repente, ali na frente do delegado, eu não estava só entregando o Tadeu. Estava desistindo de uma coisa que eu acreditei a vida inteira. Nunca me senti tão angustiada.

**THEO:** Quando a realidade se mostra muito diferente dos nossos sentimentos. Isso gera angústia mesmo. Você estava vivendo um amor idealizado com Tadeu, e até continuaria vivendo, se a vida do seu filho não estivesse em risco. Você fez a coisa certa, Bianca.

Ao fim do episódio, Bianca liga para Miguel que, segundo ela, é um amigo da família que está tomando conta de seu filho (na verdade, Enzo tem ficado sozinho em um quarto de

---

<sup>72</sup> Episódio 21 – Bianca – Sessão 05

hotel, mas Theo só descobre isso posteriormente). Ao “receber” a notícia de que Tadeu está lá, a personagem fica nervosa e vai embora antes que Theo perceba. Depois que Bianca foge, Theo deixa um recado na caixa postal da personagem, mas precisa desligar porque seu filho, Rafael, está passando mal e precisa ir ao hospital. No início do episódio seguinte<sup>73</sup>, Theo aparece ao telefone, e o espectador sabe que Rafael, apesar de não estar bem, não irá retornar para a clínica de reabilitação pois ele já havia fugido anteriormente. Assim, a audiência só tem a confirmação do sumiço de Bianca quando Theo conversa com Dora ao fim da semana. Após o período de reflexão de Theo, este é o primeiro encontro entre os terapeutas. Ele conta de Diego e Bianca, seus dois pacientes atuais que “tiram o chão”<sup>74</sup>:

**Theo:** [...] Aí tem a outra paciente, a Bianca. Está sofrendo violência doméstica. Na semana passada ela chegou no consultório em um estado lastimável, toda roxa. Ela me pediu pra ir na delegacia com ela. Não fui, é claro, disse que tinha que ir sozinha. Entendeu, Dora? Eu estava querendo controlar meu impulso de querer salvar as pessoas, mas quando ela saiu eu me arrependi na hora. Só que essa semana ela voltou pior. Ela foi na delegacia, seguiu o meu conselho e quando o marido descobriu tentou matar ela.

**Dora:** Em uma situação como essa você deve redobrar a atenção.

**Theo:** É... Eu vou fazer isso.

A única transgressão de Theo é se envolver demais com seus pacientes, algo que gera conflito desde o início do seriado. Em um primeiro momento, Theo, na posição de terapeuta, se recusa em acompanhar Bianca à delegacia, mas diante de Dora, outra especialista, ele se coloca como paciente e demonstra seu desejo de salvar os pacientes. A supervisora reassegura que Theo agiu de forma correta e dentro de seus limites, reforçando a prática terapêutica e as posições de sujeito entre paciente/especialista. No trecho acima, percebe-se como a narrativa do seriado, apesar de linear, é também fragmentada pelas sessões dos pacientes, que desenvolvem seus próprios arcos que influenciam de forma mais ou menos relativa o núcleo evolutivo; no caso, a vida de Theo. Assim, sabe-se que Theo não conseguiu entrar em contato com Bianca enquanto os eventos familiares de Theo costuram todos os arcos entre si.

De maneira geral, toda a estrutura textual é organizada a partir do diálogo entre as personagens, tornando o seriado extremamente verbal, em acordo com uma das quatro marcas do discurso terapêutico sistematizadas acima mencionadas. A interação entre as personagens é essencial, e a palavra, dentro do consultório, ganha o *status* de verdade e confissão. Dessa forma, o relato de Tadeu na semana seguinte é capaz de transformar a narrativa<sup>75</sup>:

**THEO:** Você não tem uma oficina?

**TADEU:** Não. Sou gerente de banco. Olha, Theo, você pode acreditar em mim. Nunca encostei um dedo na minha mulher.

---

<sup>73</sup> Episódio 22 – Diego – Sessão 05

<sup>74</sup> Episódio 25 – Dora – Sessão 01

<sup>75</sup> Episódio 26 – Bianca – Sessão 06

O testemunho do marido, que visita Theo na sessão da 6ª semana após o sumiço da esposa, revela que até mesmo o especialista pode ser enganado, pois Bianca sofre de um grave transtorno psiquiátrico que requer internação. Descobre-se, enfim, que tudo o que Bianca havia contado, até então, era mentira, em decorrência de sua doença. O peso das palavras ganha corpo a partir do enquadramento do consultório de Theo, um lugar de cura onde o que é dito ganha tom confessional e não deve ultrapassar as paredes. É nesses contraditórios jogos discursivos entre terapeuta e paciente que se armam os ganchos, as reviravoltas e surpresas da trama. A repetição textual é induzida pelo formato do programa, que busca representar uma sessão de terapia. A narrativa construída pelos arcos independentes das sessões e o arco evolutivo da vida de Theo se articulam para manter unido e em funcionamento o próprio universo ficcional proposto, que se desdobra quase que inteiramente pela perspectiva do terapeuta, personagem principal do seriado cujo conhecimento sobre os pacientes é o mesmo que o espectador possui<sup>76</sup>.

#### **2.2.1.2 ENUNCIADORES**

Em *Sessão de Terapia* há uma multiplicidade de enunciadores em uma relação dialógica, mas sempre organizada pelas vozes dos especialistas, pois todos os diálogos oferecem sentidos que endossam a hegemonia do terapêutico. A partir de Theo e seus pacientes, discorre-se sobre uma infinidade de temáticas, passando pela esfera cotidiana, profissional, familiar e amorosa. A repetição das enunciações das personagens dita o tom do seriado até que o paciente caia em contradição, gerando o conflito e a tensão, baseada na revelação de algum segredo ou interpretação terapêutica. Essa regularidade enunciativa de *Sessão de Terapia* faz com que toda sua estrutura textual se baseie em novas e velhas informações que se alternam constantemente, sempre amparadas pelo discurso terapêutico, marcado pela comunicação verbal e pela reiteração de determinados direcionamentos. Esse jogo interpretativo, em que todos os acontecimentos são interpretados e reinterpretados pela perspectiva terapêutica, pode ser percebido no trecho abaixo, quando Theo fala de sua conversação com Evandro para Dora<sup>77</sup>:

---

<sup>76</sup> No entanto, há exceções; como forma de provocar a curiosidade e o interesse do público, *Sessão de Terapia* inclui, também, raras cenas sem a presença de Theo, apenas para instigar o espectador. No introito do episódio 10, Guilherme pergunta a Rita sobre uma paciente mencionada por ela na sessão anterior (ele suspeita que a história contada por Rita é, em realidade, uma metáfora sobre o relacionamento deles, algo que o espectador ainda não sabe) sem que Theo apareça na cena. Quando a sessão começa, todos os quatro terapeutas já estão em seus respectivos lugares; uma elipse muito curta que leva o texto ao ponto necessário.

<sup>77</sup> Episódio 25 – Dora – Sessão 01

**THEO:** [...] Acabou sobrando só eu no grupo. Aí o Evandro insistiu para a gente prosseguir, enquanto ele rearrumava tudo. E foi aí que eu acabei tendo uma sessão sozinho com ele. Eu comentei com o Evandro que eu tinha ficado arrependido porque eu não acompanhei a Bianca, a paciente que eu te falei, até a delegacia. Ele disse que eu estava certo, e que eu tinha que esperar ela aparecer. Quer dizer, se ela morresse e fosse espancada, não interessa.

**DORA:** Eu não acho que esse tenha sido o raciocínio do Evandro.

**THEO:** Eu não sei. Mas eu continuo querendo passar dos limites com alguns pacientes.

**DORA:** Entendi. Você continua querendo salvar seus pacientes?

**THEO:** Não sei se é exatamente salvar. Vai ver é uma questão comportamental. Eu me habituei a ser assim no consultório. Tenho que desaprender.

**DORA:** E o que mais o Evandro te disse?

**THEO:** Nem vale a pena te falar. Eu não sei porque as pessoas ficam de quatro por ele. Por quê? Por que ele mora em Londres, lá na Europa?<sup>78</sup>

**DORA:** Às vezes, quando ouvimos alguma coisa muito próxima da verdade, isso pode soar como uma ofensa.

**THEO:** Dora! O cara estava concordando com as colocações de quinta do Guilherme. Aliás, esse sim: babaca. Desculpa. Ba-ba-ca! Ele não perdia uma chance de dizer que eu não precisava de supervisão. Eu precisava de terapia. E o Evandro concordou. Ainda disse que eu tinha evitado a terapia por anos, porque ser paciente fazia com que eu me sentisse frágil e que eu tinha medo de expor minha fragilidade. Ah, e tem mais. Que a minha identificação com alguns pacientes fragilizados só acontecia porque o fragilizado sou eu.

**DORA:** Não vou julgar o que o colega disse, ainda mais fora do contexto.

**THEO:** Ah, mas devia. Porque ele não te poupa não. Quer saber o que ele falou de você? Quer? Ele disse que eu nunca me identifiquei com você porque você não é frágil. [...] Ele ficava querendo voltar para a história da minha mãe, do meu pai. Ele falou que esse impulso de ajudar não era pela minha mãe, pelo paciente. Era por mim. Eu é que quero ser ajudado.

**DORA:** Talvez você não queira dar ouvidos ao que o Evandro falou porque na sua cabeça todos esses problemas com seus pais... isso aconteceu faz muito tempo. Eu sei que já falamos exaustivamente sobre a sua juventude, sobre a sua situação com a sua mãe. De repente, pode ser que esse desejo de ser salvo fosse uma coisa que já estivesse aí. O Evandro notou isso com muita clareza. Talvez durante a sua adolescência você gostaria de ter sido salvo de toda aquela situação opressora, um desejo que acabou se concretizando, não é, Theo? De maneira um pouco torta, por conta da morte da sua mãe. E ninguém te salvou. No fundo você esperava por isso.

No diálogo acima, as atitudes e percepções de Theo são questionadas pelos seus próprios supervisores; ou seja, por vezes que também constituem as diretrizes do discurso terapêutico. Após o desmanche do grupo, Theo tem uma sessão sozinho com Evandro, que concorda com a perspectiva de Guilherme, explicitada em sessões anteriores. Ou seja, o olhar de Guilherme e Evandro sobre Theo durante as supervisões em grupo é uma reinterpretação de uma interpretação terapêutica. Contudo, a construção textual de *Sessão de Terapia*, baseada no diálogo e em narrativas em retrospectiva, a qual faz com que o seriado repita e rearticule constantemente os discursos anteriores, não deixa de promover a elaboração de novos enunciados e, assim, novos sentidos da experiência das personagens são construídos, como nas sessões de terapia fora do ambiente televisivo.

Além disso, observa-se também deslocamentos regulares das posições discursivas que o jogo terapêutico propõe, pois Theo, frente à Dora, ocupa o lugar de paciente, ainda que seja

---

<sup>78</sup> Há uma curiosa discrepância aqui: na tabela das personagens disponibilizadas no site oficial (<http://gnt.globo.com/series/sessao-de-terapia/>), Evandro é descrito como residente de Viena há 20 anos, e não Londres. A descrição consta em: <http://migre.me/s4L1m>. Acesso em: 11 nov. 2015.

especialista. Ao falar de Rafael no último episódio, Theo acaba concordando com a interpretação da supervisora<sup>79</sup>:

**THEO:** [...] Eu achei que seria muito difícil cuidar do Rafael em casa.

**DORA:** Talvez você estivesse com receio de tratar o seu filho como paciente. Com medo da codependência que uma situação como essa pode gerar. Por isso mesmo eu me pergunto se você não estaria tentando proteger o seu filho de você mesmo.

**THEO:** Eu seria nocivo pro meu filho? É isso que você quer dizer?

**DORA:** Não, não, de maneira nenhuma. Eu só estava pensando na sua sessão com o Evandro. Eu fiquei curiosa pra saber porque ele colocou que você era fragilizado.

**THEO:** Porque ele é um arrogante de merda.

**DORA:** (Surpresa) Como assim?

**THEO:** Ficou lá tentando falar da morte do meu pai. Quem cuidou, quem não cuidou, se foi eu, se foi o Nestor.

**DORA:** Bom, quem cuidou da sua mãe foi você. Mas quem cuidou do seu pai foi o Nestor. Não foi isso?

**THEO:** Foi. (Suspiro) Eu acho que pode ter sido isso mesmo. Fiquei com medo de falhar, de não ter apoio.

Ao longo da temporada, são introduzidas algumas personagens citadas pelos pacientes, que Theo e o telespectador conhecem somente de relatos anteriores, o que torna o elenco e as vozes presentes e ausentes mais plurais. Como as únicas informações disponíveis para a construção das narrativas de cada capítulo partem dos pacientes, a possibilidade do relato de uma personagem ausente na série fisicamente valoriza e amplia a discussão temática e torna as vozes do seriado mais heterogêneas. As cenas de supervisão em grupo (Figura 04) também multiplicam as perspectivas sobre os mesmos acontecimentos e temáticas do seriado e, ao mesmo tempo, configuram-se como uma reafirmação das características e problemas dos personagens e dos acontecimentos hierarquizados sob a ordem terapêutica:



Figura 04 – Supervisão em grupo – Evandro – Sessão 02 – 3ª Temporada – Episódio 10. Fonte: GNT Play

Assim, embora o seriado apresente uma certa heterogeneidade discursiva graças à presença de múltiplas personagens, os enunciadores de *Sessão de Terapia* são, basicamente, o

<sup>79</sup> Episódio 35 – Dora – Sessão 03

terapeuta e o paciente, o especialista e o cliente. Theo, na maior parte do tempo, ocupa o lugar de fala do terapeuta, inclusive ao lidar com os problemas de seu filho. Entre a vida familiar e profissional, Theo também se coloca no lugar do paciente às sextas-feiras ao se submeter à supervisão/terapia. Nesse jogo há um recorte preciso das posições discursivas estruturadas para colocar o terapêutico como solução. Por outro lado, há também a indicação de uma forte presença do outro nas práticas discursivas das personagens, pois Theo, mesmo como especialista, não pode lidar com seus próprios conflitos e emoções sem a ajuda de Dora ou outro terapeuta que supervisione sua prática, sempre no limiar do que um profissional pode ou não fazer em determinadas situações.

### 2.2.1.3 TEMÁTICA

São muitos os temas abordados pelo seriado; em síntese, a 3ª temporada de *Sessão de Terapia* apresenta 4 núcleos temáticos primários: Prática Terapêutica, Transtornos Psiquiátricos, Família e Homossexualidade. O basilar é a Prática Terapêutica, responsável por definir a estrutura e o enquadramento do seriado, que representa os acontecimentos de uma suposta sessão de terapia. Relatos, falas, repetições, lembranças e interpretações estruturam o “miolo” do episódio, guiado pelo jogo discursivo entre especialista e paciente. É também aqui que se associam as referências à psicologia e as críticas à própria prática terapêutica como forma de legitimação. É uma temática ancorada na prática profissional da principal personagem, o que justifica as relações entre Theo e seus interlocutores.

Outra temática primária são os Transtornos Psiquiátricos, que surgem vinculados à Prática Terapêutica. Durante a temporada, Theo precisa lidar com Bianca, personagem limítrofe<sup>80</sup>, e Milena, portadora de um TOC muito grave. O terapeuta também deve ajudar seu filho, Rafael, envolvido com drogas, e Diego, um adolescente com tendências ao alcoolismo. Como terapeuta, Theo se encontra em uma posição delicada e duvida da própria capacidade de ajudar Diego. Quando Rafael passa mal no banheiro de Lia, Theo opta pela internação, mas a fuga do filho da clínica faz com que o terapeuta reavalie a situação e opte pelo acolhimento familiar. Esses transtornos são enfatizados e levados ao limite, expondo para o telespectador o contraste entre a normalidade e o patológico, que aparece constantemente no seriado. Isso porque Bianca coloca em risco a própria vida, necessitando de internação, e Milena, ao apresentar um quadro mais grave, precisa de intervenção psiquiátrica e medicação.

---

<sup>80</sup> “O transtorno de personalidade limítrofe (TPL) é uma doença mental grave, que se caracteriza por uma instabilidade prevalente do humor, dos relacionamentos interpessoais, da imagem (ideia) que a pessoa tem de si mesma e do comportamento”. Disponível em: <<http://migre.me/s4LfV>>. Acesso em: 23 out. 2015.

A internação sem propósito de Rafael contrasta com a de Bianca, explicitando que apenas em casos mais extremos é que a internação é exigida.

A terceira temática mais importante do seriado é a Família, responsável por unir as narrativas através das temporadas, uma vez que Theo desempenha o papel de especialista e terapeuta na maior parte do tempo, mas deve também assumir o papel de pai. A família é uma temática que normalmente se desenrola em ambientes domésticos e é muito presente no gênero novelesco. Não seria diferente em *Sessão de Terapia* que, embora seja uma série de TV, escancara a intimidade do consultório terapêutico como uma ambientação doméstica e promove a publicização da intimidade dos sujeitos e de suas famílias. Esse jogo cênico e discursivo também sugere que Theo, como especialista, deve se equilibrar entre a vida profissional e familiar, as quais se desenrolam em um mesmo espaço simbólico. Para exercer estes dois papéis, Theo precisa de alguma flexibilidade. O terapeuta, por muito tempo, ficou distante dos seus filhos e de sua família, e agora tenta se reaproximar aos poucos. Porém, sabe-se que este destaque à família de Theo é resultado de uma decisão deliberada da produção brasileira durante o processo de adaptação do programa para sua exibição no país (MASSAROLO et al., 2015, p. 158). Isso é notável quando, no episódio 08, o terapeuta tenta conversar com seu filho Rafael, que prefere ficar na casa do tio Nestor<sup>81</sup>:

**THEO:** Como é que você está?

**RAFAEL:** Eu tô ótimo.

**THEO:** Mesmo?

**RAFAEL:** É, pai. Tô ótimo.

**THEO:** Estou preocupado com você.

**RAFAEL:** Ah. Você não precisa. Aquilo que aconteceu semana passada foi, tipo um acidente de percurso. Eu misturei umas coisas que não combinam. Só isso.

**THEO:** Que coisas?

**RAFAEL:** Eu preciso ir pai.

**THEO:** Espera, filho. Por que é que você não fica aqui mais um pouco, hein? Você podia ficar um tempo aqui em casa, invés de ficar na casa do seu tio.

**RAFAEL:** Você trabalha aqui, é chato demais.

**THEO:** Mas eu tô trabalhando menos agora, meu filho. Estou agendando menos pacientes.

**RAFAEL:** Prefiro ficar na casa do meu tio.

**THEO:** Mas é que seria bom se você ficasse aqui, para gente poder conversar com mais calma. Você pode ficar no meu quarto. Vai ser tão bom. A gente podia passar um tempo juntos.

A família de Theo institui um rodízio para acompanhar Rafael nos encontros do Narcóticos Anônimos, enquanto o terapeuta conta para Dora sua participação no grupo de apoio<sup>82</sup>. Esse diálogo, extraído do episódio final<sup>83</sup>, ilustra também como o seriado mascara o didatismo e discute temas contemporâneos e importantes, mas sem menção ao contexto

---

<sup>81</sup> Episódio 08 – Felipe – Sessão 02

<sup>82</sup> Mais sobre esta sociedade sem fins lucrativos em: <<http://www.na.org.br>>.

<sup>83</sup> Episódio 35 – Dora – Sessão 03

social. Percebe-se também como o texto estrutura a conclusão sobre terapia como acolhimento, retornando à Prática Terapêutica, que se apresenta como a melhor mediação para os conflitos das personagens:

**DORA:** Mas a sua família inteira está apoiando o Rafael, né?

**THEO:** Eu nunca pensei que isso pudesse acontecer.

**DORA:** Por que isso te surpreendeu?

**THEO:** Eu não achei que isso ia funcionar. Por isso eu internei o Rafael. Eu achei que era o método mais seguro.

**DORA:** É, em um caso como esse a família inteira precisa reaprender a confiar. O Rafael deve reaprender a confiar em si mesmo, e em vocês. E vocês nele. O acolhimento deve ser de todos os envolvidos.

**THEO:** É... Acolhimento. Eu pensei muito nessa palavra na última semana.

**DORA:** Algum motivo em especial?

**THEO:** Reunião do grupo de apoio do Rafa. Era para os parentes. Um senhor falou que o neto dele só começou a reagir quando não era mais rejeitado. E quando sentiu que todo mundo o acolheu, aí ele teve uma melhora. Eu acabei fazendo um paralelo com o nosso trabalho. Terapia, Dora, é acolhimento.

**DORA:** Acolher as próprias necessidades, respeitar os limites. Isso também é força [...].

A família também está presente em todos os outros arcos narrativos, pois todas as personagens estão inseridas em alguma dinâmica familiar: Bianca inicia o tratamento indicando sofrer violência do marido; Diego é negligenciado pelo pai, que desconfia de sua própria paternidade; Felipe deve lidar com sua mãe, muito controladora, enquanto Milena precisa controlar sua doença diante da necessidade de criar seu filho sozinho.

A última temática bem recortada é a Homossexualidade. Embora esteja vinculada às questões de identidade, *Sessão de Terapia* dá ênfase ao tema através de Felipe, personagem que vive um dilema entre o relacionamento com Guto, sua família e um casamento orquestrado por sua mãe com uma mulher chamada Nicole. Da mesma maneira que as temáticas primárias e secundárias, como relacionamentos, dinheiro, violência doméstica, juventude e sexualidade, a homossexualidade está vinculada à algum outro tema. No caso de Felipe, está diretamente relacionada à família. No entanto, em função do formato e do conteúdo do seriado, que reproduz uma sessão de terapia, todas as temáticas são articuladas através da Prática Terapêutica, que direciona os sentidos deste texto audiovisual. Isso é perceptível no diálogo entre Theo e Felipe em sua primeira sessão, antes mesmo de assumir para o terapeuta que Guto é, na verdade, Guto, seu namorado há 3 anos<sup>84</sup>:

**FELIPE:** Às vezes eu tenho uns pensamentos horríveis, Theo. Não sei nem se consigo te falar. Mas às vezes eu... penso que... se minha mãe morresse, a minha vida seria mais fácil.

**THEO:** Olha... esse tipo de pensamento, por mais que pareça terrível, é natural. É muito humano. É uma fantasia. Um desejo de liberdade de não dever nada para ninguém. Você me disse que se não trabalhasse na empresa da sua família, você tinha vontade de ser ator. Mas eu fico me perguntando: será que você já não está atuando?

**FELIPE:** Como assim?

---

<sup>84</sup> Episódio 03 – Felipe – Sessão 01

**THEO:** Você tem um relacionamento há 3 anos e seus pais não sabem. Você já está interpretando um papel para eles. Você me disse que sua mãe veio de uma origem bem diferente do seu pai, e que depois do casamento ela passou a interpretar o papel da mulher poderosa, e se sente muito bem com isso. E você, Felipe? Você se sente à vontade no papel que você está representando? Você me contou que começou a namorar uma mulher que sua mãe escolheu, mas não deu certo. Agora você escolheu a Guta, mas não pode assumir, será que você não está subestimando a sua mãe? Talvez ela até simpatize com a Guta, e até se identifique com ela. Assim como a Guta não vem de uma família tradicional, a sua mãe também não veio.

Percebe-se ainda, no trecho acima, como o seriado sugere ao leitor o que é ou não socialmente aceito e como *Sessão de Terapia* apresenta a homossexualidade como uma questão identitária. É uma temática muito recorrente nas produções televisivas contemporâneas e, de acordo com o Obitel 2015, o Brasil é um dos países que “mais tem inovado e evoluído nas representações de gênero” (LOPES; OROZCO GÓMEZ, 2015, p. 65).

De toda forma, todos os outros temas são articulados sempre a partir de um eixo temático central, com destaque para a Prática Terapêutica e a Família, que orientam as narrativas de todas as personagens/pacientes. O terapêutico e a Psicologia pautam todos os episódios, que se desenvolvem em decorrência das relações humanas e familiares. No 1º episódio de Felipe<sup>85</sup>, antes mesmo de revelar sua homossexualidade, conta como Carmen, sua mãe, vê os relacionamentos:

**FELIPE:** [...] E depois eu fui falar com a minha mãe e ela me disse que a Nicole era de uma família muito rica, muito fina. Entendeu Theo? Minha mãe vê tudo como investimento. Até os relacionamentos. É por isso que eu não posso falar da Guta. Eles desconfiam, sabem que eu tô com alguém, mas...

O seriado busca desconstruir a instrumentalização dos relacionamentos, mas, ao mesmo tempo, reassegura e sugere ao leitor a ênfase nas emoções, reforçando a matriz cultural terapêutica. O que a princípio parece um tradicional romance de luta de classes se transforma em uma discussão sobre homossexualidade, identidade e aceitação. A ordem da felicidade, característica do discurso terapêutico referida anteriormente, é posta como um objetivo natural, como se percebe no trecho abaixo, quando Theo questiona Felipe<sup>86</sup>:

**THEO:** Você não acha que também está se enganando? Eu não quero que você tome uma atitude, mas parece que faz anos que você sabe que precisa fazer isso para ser feliz e não faz. Vai empurrando com a barriga [...].

Felipe vive uma vida dupla, mas condena o pai que optou por não gerir os negócios da família, controlados pela mãe, para levar a vida que deseja e ser feliz. Essa opinião se modifica ao terem uma conversa na qual o pai afirma saber da orientação sexual do filho. No fim da temporada, Felipe se afasta da mãe, pois há resistência de Carmen em aceitar o filho.

---

<sup>85</sup> Episódio 03 – Felipe – Sessão 01

<sup>86</sup> Episódio 18 – Felipe – Sessão 04

Resumidamente, a narrativa de Felipe articula a prática terapêutica, família, homossexualidade, identidade, dinheiro e relacionamentos.

Ao se estruturar a partir da Prática Terapêutica, o seriado impõe ao espectador uma narrativa centrada na vida de um profissional cujo trabalho acontece em sua própria sala de estar, trazendo os momentos de prazer e intimidade da vida comum para a mesma arena da terapia. Isso é notável na 5ª sessão de Felipe, que acaba antes da hora e deixa o apartamento livre para Theo receber Rita, que estava pela região procurando um espaço para abrir seu próprio consultório após o término com Guilherme<sup>87</sup>, um dos quatro terapeutas do extinto grupo de supervisão coordenado por Evandro. Ainda que ambos sejam especialistas, Theo permanece sentado em sua poltrona, enquanto Rita se senta no sofá dos clientes de Theo. Os dois conversam:

**THEO:** Por que é que você acha que durou tempo demais?

**RITA:** (Rindo) Theo, eu vim aqui pra fazer uma visita, isso aqui não é terapia não, tá?

**THEO:** (Rindo) Desculpa.

**RITA:** (Rindo) Não, tudo bem!

**THEO:** (Rindo) É o vício.

**RITA:** (Rindo) É...

**THEO:** Cada vez mais eu acredito que as coisas duram o tempo que tem pra durar.

**RITA:** É. Mas quando eu estava falando de tempo, eu não estava falando do Guilherme, não. Eu estava falando mais do meu processo. Engraçado que a gente que vive disso, né, de tentar entender o outro, a gente leva tanto tempo para se entender.

**Theo:** E se a gente não se entende, hum... Trabalhinho complicado o nosso (Risos).

Mesmo ocupando posições diferentes, ambas as personagens são terapeutas, de forma que Theo conta das reuniões do Narcóticos Anônimos que tem frequentado com o filho, Rafael, e relembra a infância e o suicídio da mãe. Rita, por sua vez, fala de seu pai, sendo questionada por Theo sobre sua atração por homens mais velhos, em referência às supervisões em que contava sobre uma paciente com tal perfil. Rita nega que ela seja a paciente à qual se referiu, mas confessa que sua atração por homens mais velhos vem sim de sua relação com o pai:

**RITA:** Quando eu falei daquele casal na supervisão, eu falei porque ela me incomodava. Mas eu tenho mesmo essa preferência e veio do meu pai. Fui criada por ele. Um dia minha mãe conheceu um cara mais rico e meu pai cuidou de mim. Engraçado que quando ela foi embora eu não lembro de ter ficado triste. Meu pai era sempre elegante, minha mãe sempre foi tão descuidada. [...] Me lembro que quando ela foi embora eu morria de medo de dormir sozinha. Eu tinha o quê? Uns 4 ou 5 anos. E aí meu pai passou a me colocar na cama deles para dormir. Era tão bom quando ele me ninava para dormir. Me sentia assim, embrulhada como um presente, segura. Eu lembro do cheiro do meu pai, da colônia, que ele usava, era um perfume. Eu procurei e não achei. Era um cheiro de Marcela, um cheiro quente. A pele do meu pai era quente, muito quente, parecia que ele estava sempre ardendo em febre. Quando fazia frio, eu gostava de dormir agarradinha nele. Ele era bom, era muito bom [...].

**THEO:** Ele já...

**RITA:** Ele já morreu sim. Se bem que quando ele morreu, eu já não era o xodó do papai. A menina virou mulher e passou a gostar dos amigos dele. Meu pai nunca aceitou, ele dizia que era indecente eu gostar de sair com homens mais velhos que ele. Claro que tem toda aquela história de figura paterna, mas no sentido de conforto,

---

<sup>87</sup> Episódio 23 – Felipe – Sessão 05

segurança. Nunca tive tesão no meu pai, mas eu tenho essa preferência, eu gosto de homens mais velhos, são mais experientes, pelo menos deveriam ser.

O diálogo acima reforça questões desveladas por meio da Análise Televisual até o momento: a estruturação do texto pela Prática Terapêutica; a recorrente associação entre as temáticas Família e a Prática Terapêutica; o investimento em enunciações de personagens que destacam o saber terapêutico; as posições discursivas do especialista e do paciente; os sentidos atribuídos ao seriado pela produção conforme ainda iremos discutir adiante.

#### 2.2.1.4 VISUALIDADE

A estética de *Sessão de Terapia* é amparada por recursos visuais que conotam seriedade e buscam legitimar o seriado como um ambiente que confere credibilidade ao especialista. A começar pela sóbria abertura, que inspira a atividade emocional humana ao diluir uma mancha negra em água com o som de uma música instrumental minimalista, intitulada *In Treatment – Main Theme* (por Avi Bellili/Sabich Music), utilizada também na versão americana do seriado e, possivelmente, em todas as outras versões ao redor do mundo (Figura 05):



Figura 05 – Abertura – Bianca – Sessão 01 – 3ª Temporada – Episódio 01. Fonte: GNT Play

As recapitulações são marcadas por um tom azulado (Figura 06), enquanto o tempo presente do seriado é representado com uma luz branca e suave, que deixa a imagem ligeiramente lavada (Figura 07):



Figuras 06 e 07 – Iluminação – Bianca – Sessão 05 – 3ª Temporada – Episódio 21. Fonte: GNT Play

Esse é um recurso muito utilizado para apontar situações que ocorreram no passado, principalmente nas novelas que, quando retrocedem no tempo, buscam deixar o deslocamento de forma bem clara ao telespectador; no entanto, *Sessão de Terapia*, por ser estruturado cronologicamente, utiliza tal recurso visual apenas para explicitar os acontecimentos passados que possuem alguma relação com o episódio do dia, uma característica bastante comum dos seriados.

A maioria das cenas são gravadas em ambientes internos e se desenrolam no próprio consultório e/ou residência de Theo. Há, porém, algumas raras tomadas de câmeras externas, como Theo de férias e velejando logo no início da temporada, um antigo desejo da personagem (Figura 08):



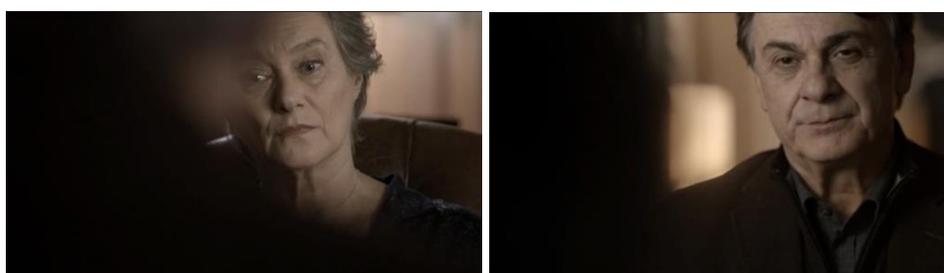
Figura 08 – Externa – Bianca – Sessão 01– 3ª Temporada – Episódio 01. Fonte: GNT Play

A captação em estúdio garante o maior controle da luz, que sofre alterações no decorrer das sessões, marcando o tom dos relatos, mais alegres ou sombrios, a passagem do tempo e as condições climáticas. Os movimentos de câmera são pontuais e elaborados. A profundidade de campo do cenário é destacada para aprimorar e abrir os enquadramentos em diversos momentos, como perceptível na figura abaixo (Figura 09):



Figura 09 – Profundidade de campo – Felipe – Sessão 05 – 3ª Temporada – Episódio 23. Fonte: GNT Play

Esse enquadramento também indica como é feita a valorização do consultório como um ambiente doméstico, sempre de acordo com determinados recursos sonoros, técnicos e visuais. No geral, não há uso de fotografias ou imagens fixas; quando há, são incluídas nos diálogos, como a foto de Carmen, mostrada por Felipe ao terapeuta em um dispositivo móvel durante o diálogo das personagens. Tal ênfase na interação entre as personagens faz com que a sessão de terapia seja construída por uma sequência de planos e contra planos (Figura 10). No meio da sessão e durante o diálogo, a câmera realiza uma lenta panorâmica para mudar seu próprio eixo e sinalizar a passagem de tempo (Figura 11):



Figuras 10 e 11 – Troca de eixo – Dora – Sessão 01 – 3ª Temporada – Episódio 25. Fonte: GNT Play

Esse movimento de câmera dá mais dinâmica à cena, pois o seriado, em geral, é lento. Os momentos mais emocionais são enfatizados pelo jogo visual com closes dos rostos e planos-detelhe das mãos ou objetos, com o intuito de intensificar a tensão e o suspense. Nas sessões de Milena isso é um recurso frequente, pois o TOC a deixa incomodada com objetos desalinhados (Figura 12):



Figura 12 – Plano-detelhe – Milena – Sessão 04 – 3ª Temporada – Episódio 19. Fonte: GNT Play

Pelos *frames* utilizados durante esta Análise Televisual, percebe-se que são poucos os cenários utilizados pela série; o principal deles, o consultório e residência de Theo, apresenta grandes janelas por onde entra a luz branca típica do céu nublado de São Paulo contrastando com os tons amarelos da iluminação artificial interna. Cores escuras predominam o cenário, cujo mobiliário inclui um divã, colocado ao canto da sala. O sofá dos pacientes é verde

escuro, e a poltrona onde Theo se senta é de couro marrom. Entre o terapeuta e o paciente, uma mesa é disposta com alguns poucos objetos, como a caixa de lenço. *Sessão de Terapia* utiliza poucos objetos cênicos. O ambiente é complementado com muitos livros e dois modelos de barcos à vela, uma particularidade de Theo explorada através das temporadas. Outros cenários, mas menos presentes, são a sala de Dora, em tons mais claros, e a sala da supervisão em grupo<sup>88</sup>, que se assemelha a antigas edificações públicas no país, com janelas amplas, piso e móveis antigos de madeira e pé direito alto.

Os figurinos acompanham o perfil das personagens, todas vestidas com trajes mais escuros que os identificam como pessoas de grupos sociais economicamente favorecidos, de classes média e/ou alta. Theo, por exemplo, realiza suas consultas sempre de camisa social, às vezes blazer. Felipe, que vive um conflito por conta de sexualidade, vai às sessões de terno e gravata, enquanto Diego, ainda adolescente, utiliza roupas mais largas e mochila. Neusa, a governanta loira de porte austero responsável pelo rapaz, aparece trajando um figurino cinza e elegante. Ela usa brincos que parecem pérolas e, a princípio, poderia ser até identificada como a mãe de Diego. Mas o coque utilizado pela personagem colabora para reafirmar a sua posição no núcleo familiar, já que sua figura e suas vestimentas constituem-se como características recorrentes nas representações de trabalhadoras que exercem funções diferenciadas de comando em residências de pessoas de maior poder aquisitivo (Figuras 13 e 14):



Figuras 13 e 14 – Neusa – Sessão 01 – 3ª Temporada – Episódio 02. Fonte: GNT Play

Bianca é marcada por um figurino elegante de tons escuros, que provocam uma certa confusão com o cenário (Figura 15). A personagem usa roupas um pouco conservadoras, mas capazes de esconder as possíveis marcas de uma agressão doméstica, indicando o cuidado da produção em deixar a obra audiovisual mais coesa.

---

<sup>88</sup> Alguns interagentes da página do seriado no Facebook sugeriram que esta locação é a Sala São Paulo, uma das melhores salas de concerto do mundo (<http://www.salasaopaulo.art.br/home.aspx>). No entanto, essa informação não foi confirmada ou refutada pela página.



Figura 15 – Bianca e cenário – Bianca – Sessão 01 – 3ª Temporada – Episódio 01. Fonte: GNT Play

### 2.2.1.5 SOM

Apesar de bem utilizado para construir a atmosfera do seriado, o som é, sem dúvida, a parte mais problemática, pois a análise constatou que em alguns episódios (01, 03, 04, 13) a fala dos atores está muito abafada. Todos os atores interagem entre si falando baixo, quase “para dentro”, pois são dois estranhos em um ambiente tranquilo e de troca de intimidade. Isso poderia ser uma estética deliberada do seriado, se não fosse um dos problemas mais apontados pela audiência nos comentários coletados no Facebook, como veremos mais adiante. Ou seja, é bem provável que este seja um problema técnico, de captação ou de transmissão. A trilha nacional original, composta por Plínio Profeta, apresenta uma predominância de cordas, como piano, harpa e violão, e pode ser adquirida pelo público como um dos produtos licenciados derivados do programa.

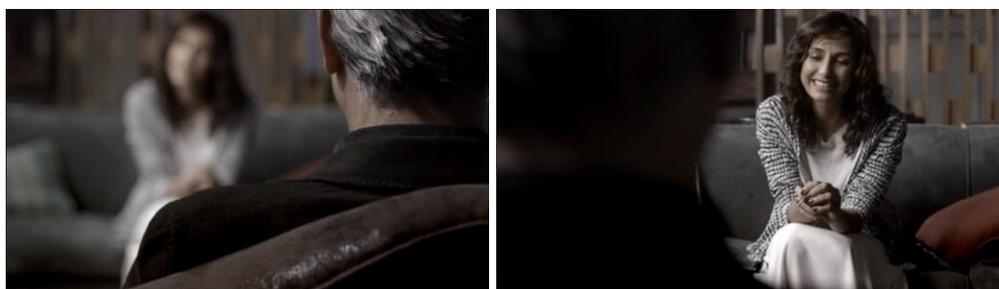
As músicas marcam expressiva presença nos episódios, acompanhando o relato e as lembranças dos pacientes, assim como os diálogos mais intensos e os momentos mais dramáticos, indicando o tom de conflito, suspense, lembrança ou sofrimento. No entanto, muitas vezes a trilha sonora também entra em conflito com a voz dos atores, tornando algumas partes difíceis de compreender.

Nota-se, também, a presença sonora de elementos externos, como helicópteros, sirenes, latido de cachorros, aviões, buzina de carros e muitos outros, para deixar mais verossímil a proximidade de *Sessão de Terapia* com a vida social. Quase não há outros efeitos sonoros perceptíveis, mas algumas cenas mais tensas utilizam o som do batimento cardíaco para realçar o nervosismo do momento e, ao mesmo tempo, indicar a humanidade das personagens, como, por exemplo, quando Rafael desmaia (Figura 16):



Figura 16 – Som e fotografia – Bianca – Sessão 05 – 3ª Temporada – Episódio 21. Fonte: GNT Play

Quando Rita conta para Theo sobre sua relação com seu pai, trecho descrito mais acima, fica perceptível como o seriado alia a faixa sonora à fotografia para criar uma atmosfera de suspense muito específica, calcada no desvelamento da intimidade, na revelação de algo muito pessoal. No início do relato da personagem, inicia-se uma panorâmica que, no decorrer da lembrança, se move lentamente por trás da cabeça de Theo da esquerda para a direita, enquanto Rita sai e retorna ao foco (Figuras 17 e 18):



Figuras 17 e 18 – Troca de eixo e jogo focal – Felipe – Sessão 05 – 3ª Temporada – Episódio 23.  
Fonte: GNT Play

No geral, todas as categorias analisadas apontam o empenho e cuidado na realização da obra, mas, de fato, o som se mostra como a única parte técnica que pode ser aperfeiçoada em *Sessão de Terapia*. É preciso dizer que, como um seriado calcado na fala e no diálogo entre as personagens, isso pode ser grave. Esse problema é acentuado quando se percebe que, no GNT Play, por exemplo, não há a disponibilização de legendas, tornando o consumo do seriado inviável para aqueles com problemas auditivos<sup>89</sup>.

<sup>89</sup> Pode ser que a exibição original, na TV, oferecesse *Closed Caption* aos telespectadores. Como optamos pela análise através do GNT Play isso não pode ser confirmado, mas o grande número de interagentes reclamando do som na página do Facebook, como veremos adiante, e até mesmo pedindo legendas, indica uma possível indisponibilidade do serviço. De toda forma, um comentário publicado em 2012 por Malu Dini, antes da estreia do programa, indica que, à época, o GNT não oferecia *Closed Caption*. A espectadora diz que: “Eu estou ansiosa

### 2.2.1.6 EDIÇÃO

São poucos os recursos de edição e montagem, sendo o *fade* e as transições os elementos mais comuns. A subversão da ordem televisiva, que busca sempre modos mais rápidos e inovadores de mostrar, dizer e seduzir, faz com que a série se desenvolva em poucas cenas, com raros deslocamentos geográficos ou temporais, em uma estrutura narrativa similar à da novela, mas que articula elementos do formato cinematográfico pouco presentes na TV. O seriado é composto por cenas e planos mais longos, e é sempre estruturado pela fala das personagens, as quais iniciam a sessão, relatam os acontecimentos da semana anterior e os adicionam à experiência atual. Assim, constrói-se narrativas em retrospectivas que implicam associações quase lineares entre o presente e o passado. Isso pode ser percebido quando Theo sintetiza os relatos de Milena, até então, em sua 5ª sessão<sup>90</sup>:

**THEO:** [...] O TOC é uma doença séria, aos poucos ela vai se agravando, ela vai evoluindo. Você me disse sua preocupação com a organização e limpeza da sua casa. Depois veio o episódio da faculdade, onde você ficou paralisada por causa dos seus pensamentos. Esse incidente durou 5 minutos. Hoje, isso aconteceu novamente. Só que foram 3 horas e 45 minutos.

Mas o seriado também dita o ritmo das cenas através da montagem. O plano-detanche da caixa de lenços, mostrado anteriormente, é um desses exemplos de como as articulações entre a visualidade, o som e a edição podem apontar nessa etapa final de construção dos sentidos de cada episódio como, por exemplo, o desconforto das personagens. Nesta situação cênica específica, a caixa desalinhada desencadeia um dos sintomas de Milena, a qual sofre de TOC e precisa que os objetos permaneçam alinhados. No entanto, os recursos de montagem e edição são mais perceptíveis na sessão final de Bianca que, ao ser confrontada por Theo, entra em crise e destrói objetos do cenário. Estes recursos são eficientes para acelerar o ritmo e indicar os distúrbios da narrativa, inclusive aqueles que abalam a linearidade da trama. Em *Sessão de Terapia* eles são utilizados para valorizar a Prática Terapêutica, indicando também o transtorno psiquiátrico da personagem. A reação emocional de Bianca é um dos poucos momentos em que o cinegrafista utiliza a câmera na mão, acompanhando sua movimentação no cenário durante o surto da personagem (Figuras 19 e 20):

---

pra ver esta série! Vi a première na GNT e estão de parabéns pela direção! A única coisa que me deixa receosa é que eu sou deficiente auditiva e necessito de legenda para entender - minha paixão por séries internacionais veio por meio das legendas, já que foi a única forma de compreendê-las. Gostaria de saber se terá a opção de ativar o *Closed Caption* no seriado. Obrigada!”. A página não respondeu o comentário. O site *Crônicas da Surdez* publicou também, em 2011, uma reclamação sobre a ausência do serviço no canal. Disponível em: <<http://cronicasdasurdez.com/falta-de-legenda-closed-caption-no-gnt-e-na-rbstv/>>. Acesso em: 1 dez. 2015.

<sup>90</sup> Episódio 24 – Milena – Sessão 05



Figuras 19 e 20 – Edição – Bianca – Sessão 07 – 3ª Temporada – Episódio 31. Fonte: GNT Play

Como veremos a seguir, *Sessão de Terapia* busca novas formas de articular a dramaticidade televisiva e os códigos audiovisuais, de forma que o silêncio, por exemplo, se torna um recurso importante, uma vez que faz parte do processo comunicativo e da ação discursiva do seriado, algo raro na teledramaturgia. Aliado a ele, o close é o responsável por captar as expressões dos atores que, muitas vezes, apenas trocam olhares (Figura 21). E, como argumenta Xavier, o close “não é o lugar do fingimento, é uma presença que revela o que se é, não o que se pretende ser” (XAVIER, 2003, p. 42).



Figura 21 – Close – Felipe – Sessão 05 – 3ª Temporada – Episódio 23. Fonte: GNT Play

## 2.2.2 ANÁLISE QUALITATIVA

### 2.2.2.1 FRAGMENTAÇÃO

Conforme visto anteriormente, *Sessão de Terapia* é composto, no total, por 115 episódios organizados em três temporadas anuais, com 45 episódios na 1ª temporada e 35 episódios nas duas últimas. Dessa forma, a exibição da primeira temporada durou 9 semanas, enquanto a segunda e a terceira temporada foram ao ar no decorrer de 7 semanas.

O *corpus* selecionado, isto é, os 35 episódios da 3ª temporada, foram originalmente exibidos de segunda a sexta-feira às 22h30, ocupando 30 minutos da faixa de programação. Comparando os calendários das temporadas anteriores, percebe-se que a 3ª temporada foi

antecipada em 2 meses, provavelmente em decorrência do período de eleições, que em 2014 estabeleceu o calendário de publicidade eleitoral do 1º turno entre os dias 19 de agosto e 2 de outubro, mas na TV aberta e em faixas de horário anteriores à hora de exibição do seriado. A reprise da semana era aos sábados às 21h30, e domingos, às 18h, e todos os episódios eram exibidos seguidamente, em forma de maratona, mas separados por intervalos comerciais. É preciso reafirmar que todos os episódios possuem mais ou menos 25 minutos de duração sem intervalos comerciais, e são nomeados de acordo com os pacientes do dia e o número das sessões realizadas: por exemplo, *Bianca – Sessão 01*, *Diego – Sessão 01*, e assim por diante<sup>91</sup>.

O período de exibição da série é consideravelmente menor que o da maioria dos seriados tradicionais, que normalmente exibem seus episódios com intervalos semanais. No entanto, o caráter diário de *Sessão de Terapia* garante maior intensidade ao programa. É um formato adotado por todas as versões da franquia israelense e foi relativamente inovador à época, inclusive nos Estados Unidos<sup>92</sup>, pois simula o contrato de regularidade do processo terapêutico (BAINBRIDGE, 2013, p. 52). Aqui, foi algo estrategicamente pensado pela produção da série. Selton Mello chegou, inclusive, a afirmar que o seriado “corre um bom risco de fazer sucesso no Brasil – mais do que nos outros países – porque o brasileiro tem o hábito de assistir novela de segunda a sexta”<sup>93</sup>.

Não se pode negar o relativo sucesso de *Sessão de Terapia*, que em sua 3ª temporada chegou a ser utilizado para, às quartas-feiras, alavancar a audiência de *Animal*, uma nova série do GNT que estreou no dia 6 de agosto de 2014, às 22h<sup>94</sup>. A produção não obteve índices tão bons de audiência, fazendo com que a 2ª temporada fosse confirmada e posteriormente cancelada pelo GNT<sup>95</sup>. Esse tipo de estratégia é uma das mais utilizadas pela televisão de *broadcast*, principalmente pelos canais ligados à Rede Globo, que reeditam diferentes produtos audiovisuais como filmes nacionais que se transformam em minisséries ou telenovelas reapresentadas com inúmeros cortes. No entanto, esse é um resultado que pode

---

<sup>91</sup> Na 1ª temporada, as sessões de Theo com Dora são identificadas pelo nome do terapeuta, enquanto na 2ª e 3ª temporada são identificadas pelo nome da supervisora (ou supervisor, considerando a participação de Evandro nas primeiras supervisões).

<sup>92</sup> Na 3ª temporada, *In Treatment* (2008-2010) foi limitada a quatro dias na semana: segunda, terça, quarta e sexta-feira.

<sup>93</sup> Selton Mello define “*Sessão de Terapia*” como “*uma série para quem não tem pressa*”. Disponível em: <<http://migre.me/r8KgG>>. Acesso em: 25 jul. 2015.

<sup>94</sup> A série traz um enredo de mistério que narra a busca do biólogo João Paulo Gil (Edson Celulari) para a cura de seu distúrbio psicológico, descrito como “uma espécie de teriantropia que o faz acreditar ter as características de um puma”. Mais em: <<http://gnt.globo.com/series/animal/sobre.html>>. Acesso em: 25 jul. 2015.

<sup>95</sup> Mesmo assim, de acordo com a colunista Patrícia Kogut, a Rede Globo já demonstra interesse em dar continuidade ao projeto, até porque a emissora já condensou os 13 episódios em um telefilme exibido em fevereiro. Mais em: <<http://migre.me/s4Vap>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

indicar, também, que não é só o conteúdo televisivo que se fragmenta, mas também as audiências, que hoje não se circunscrevem mais a uma única segmentação ou canal.

Outra característica interessante sobre a fragmentação de *Sessão de Terapia* na grade das emissoras e nas plataformas revela-se na forma de organização de cada arco narrativo em um dia específico da semana, de maneira que possa ser compreendido pelo telespectador sem que ele precise acompanhar o seriado todos os dias, enquanto o enredo de Theo exerce função oposta, porém complementar, unindo a narrativa por estar diluído em vários episódios distintos. Estes arcos narrativos e seus respectivos episódios elaborados de maneira a não dependerem uns dos outros podem até influenciar no desenvolvimento da trama, mas todos podem ser acompanhados separadamente por suas audiências. Alguns estudos apontam que as audiências reagiram a esse formato relativamente inovador elegendo determinados arcos para acompanhar em acordo com seus interesses (BAINBRIDGE, 2013; MASSAROLO et al., 2015). No entanto, uma pesquisa realizada com fãs de seriados em geral aponta que de 153 entrevistados, 91% prefere consumir as produções do gênero de maneira sequencial (MACHADO, 2014, p. 26), pois estes fãs buscam, sempre que possível, cumprir o pacto de regularidade sugerido pelo produtor-emissor.

#### **2.2.2.2 DRAMATIZAÇÃO**

À primeira vista, *Sessão de Terapia* é identificada diretamente como um drama, mas, no Facebook, ela é descrita como uma série de drama/suspense. Isso indica uma característica bastante enfatizada durante a etapa quantitativa da Análise Televisual, que buscou explicitar como a narrativa circunscreve ao máximo todo o seu texto e enquadramento pela Prática Terapêutica em busca de seriedade e legitimidade. Theo, dentro do consultório, atua como um detetive; ou melhor, como um especialista, que deve desvelar um segredo ou diagnosticar corretamente seu paciente. A matriz melodramática é atenuada pela hibridez de gêneros televisivos da novela e do seriado e pelos jogos discursivos estabelecidos. Mas pode ser notada também durante o desenvolvimento das narrativas com frequência, principalmente porque todo o arco evolutivo do seriado é ancorado na Família.

Essa presença da matriz melodramática pode ainda ser percebida em outras situações, como, por exemplo, na cena protagonizada por Theo e Rita descrita anteriormente, na qual é explicitado de maneira muito clara o que é correto ou não em conflitos que giram em torno das relações afetivas e familiares. Ou seja, a série propõe uma percepção do comportamento humano ancorado em perspectiva terapêutica dualista e polarizada entre o Bem e o Mal, a

qual é explorada de maneira melodramática ao longo de seu desenvolvimento. Agora, o que está em jogo é o que é socialmente aceito ou não; isto é, o que se considera saudável ou não. O excesso, um dos recursos do melodrama mais atribuídos às novelas, também está presente na série, mas o formato enunciativo e estético do programa legitima o transbordar das emoções e mascara a dramaticidade do seriado. A caixa de lenço entre Theo e seus interlocutores deixa muito claro que a sala/consultório é um espaço legítimo para as emoções aflorarem sem qualquer julgamento ou medo (Figura 22):



Figura 22 – Mise-en-scène – Felipe – Sessão 05 – 3ª Temporada – Episódio 23. Fonte: GNT Play

Esse jogo discursivo acontece através da Prática Terapêutica, que opera como um mecanismo que intensifica o excesso de dramaticidade, mas também o oculta ao esmaecer a fronteira entre a realidade e ficção enquanto reitera o saber terapêutico durante todo o decorrer da temporada, em menor ou maior grau. É a busca de uma legitimação que se faz em sincronia com o próprio canal, o qual, conforme visto anteriormente, tende a se destacar pelo recorte editorial e pelo corpo de apresentadores autoridades sobre os temas dos programas<sup>96</sup>. O seriado é legitimado também pelo olhar do diretor, que já passou por uma crise profissional e pessoal superada com a ajuda da terapia e uma relativa atenção da mídia<sup>97</sup>.

Tudo isso é notável quando Theo atende Frederico, pai de Diego, adolescente que faz uso constante de bebida alcóolica para chamar a atenção dele, que prefere se dedicar à sua outra família; a distância entre os dois é tão grande que, no decorrer da temporada, Frederico descobre, por exemplo, que o filho possui talentos artísticos, quer cursar arquitetura e desenhou, até mesmo, uma história em quadrinhos. Frederico é uma das personagens que até então aparecia somente nos relatos de Diego e Neusa. Trazê-lo para a narrativa permite uma

<sup>96</sup> *Um canal de entretenimento para a mulher brasileira. Na tv, no site, no vod e onde você quiser!* Disponível em: <<http://globosatcomercial.globo.com/canal/gnt>>. Acesso em: 25 jul. 2015.

<sup>97</sup> *Diretor de “Sessão de terapia”, Selton Mello fala sobre como a análise o ajudou a sair de crise profissional.* Disponível em: <<http://migre.me/s4Ncr>>. Acesso em: 25 out. 2015.

maior heterogeneidade, pois introduz uma nova perspectiva na trama. Mas é uma pluralidade limitada e estrategicamente prevista, como se percebe na transcrição da cena abaixo, quando Frederico chega ao consultório de Theo e se mostra cético quanto à prática terapêutica, comparando-a com autoajuda<sup>98</sup>:

**FREDERICO:** E eu posso saber a linha da terapia que você segue?

**THEO:** Humanista.

**FREDERICO:** (Risos). Entendi.

**THEO:** Entendeu o quê?

**FREDERICO:** Autoajuda, né?

**THEO:** Eu não enxergo o que eu faço de uma forma tão simplista, mas.... Se é sua opinião.

**FREDERICO:** É, é minha opinião. Independente de ser simplista ou não, essa sua linha não me agrada muito.

**THEO:** Por que não?

**FREDERICO:** Meio paternalista, né?

**THEO:** Você tem algum problema com o paternalismo ou a paternidade?

Em sua última sessão<sup>99</sup>, Diego acaba não se reconciliando com o pai, mesmo após o exame de DNA confirmar a paternidade de Frederico. Ao fim da temporada, o adolescente decide estudar fora do país, e agradece a Theo pela ajuda afirmando que “esse negócio de terapia é bem bacana”. Frederico fica e conversa com Theo sobre os esforços do filho para lhe agradar, concluindo que precisa de terapia:

**THEO:** Eu acho que você deveria procurar o seu filho.

**FREDERICO:** Agora ele não vai querer olhar mais na minha cara.

**THEO:** Chegou a sua vez de tentar, Frederico. Foi sempre Diego que tentou de todas as formas estabelecer contato com você. Agora, vocês precisam conversar. Precisam encontrar, juntos, a melhor maneira de resolver essa situação.

**FREDERICO:** [...] Eu criei o problema. Eu sou o problema. Quem precisa de terapia sou eu. Se eu pedisse para fazer terapia com você, você aceitaria?

Estas críticas à autoajuda no texto destacam o terapeuta no seriado como uma espécie de especialista, de maneira que suas enunciações, mesmo na ficção, são reforçadas como verdade científica. Isso acontece com certa regularidade; Guilherme, por exemplo, colega de Theo nas supervisões em grupo, é um terapeuta/escritor bastante famoso e dono de uma grande clínica de atendimento psicológico. No entanto, é criticado por Theo, inclusive na frente de Dora, conforme o diálogo transcrito anteriormente na página 56. Rita também critica a forma como Guilherme conduz seu trabalho, chamando a clínica do ex-namorado de “supermercado” em conversa com Theo, se referindo ao grande número de pacientes que entram e saem e à “comercialização” da prática terapêutica<sup>100</sup>.

A série constrói toda sua narrativa através de sessões terapêuticas, e intensifica a verossimilhança ao utilizar conceitos e jargões terapêuticos para atenuar qualquer presença

---

<sup>98</sup> Episódio 22 – Diego – Sessão 05

<sup>99</sup> Episódio 32 – Diego – Sessão 07

<sup>100</sup> Episódio 33 – Felipe – Sessão 33

mais expressiva do melodramático que possa ameaçar o seriado frente à audiência; em *Sessão de Terapia*, todo drama é legítimo, pois todas as personagens chegam até ali com o objetivo de solucionar algum conflito individual. Isso é perceptível quando o seriado introduz, no seio de sua narrativa, conceitos de Psicologia<sup>101</sup>. No diálogo transcrito abaixo, Theo explica a Felipe como a psicanálise vê o Complexo de Édipo:

**THEO:** [...] Você já parou pra pensar que você faz, mas não consegue dizer o que faz? Parece que você tem medo. Não da sua orientação sexual, mas medo das consequências. Felipe, você tem medo de que aconteça o quê?

**FELIPE:** Não sei, é muito incômodo pensar nesse negócio de Freud que todo gay tem Complexo de Édipo. Me dá muita aflição pensar que uma coisa tem a ver com a outra.

**THEO:** Que coisa?

**FELIPE:** Do Édipo matar o pai, casar com a mãe sem saber o que está fazendo.

**THEO:** Mas quando Freud associa essas duas coisas ele não está falando em matar o pai.

**FELIPE:** Ele está falando o quê?

**THEO:** Eu vou te explicar assim, de uma maneira bem simplificada, tá? Por volta dos 4 ou 5 anos, é comum a criança ficar muito apegada a mãe, sentir ciúme do pai e até brigar com ele por ela. E quando o pai não consegue se impor diante do filho, a criança vai se apossando cada vez mais da mãe e se afastando do pai. Por isso, a criança pode não ter uma identificação paterna, e só interiorizar as características femininas, da mãe. Isso pode levar a criança a ter o mesmo gosto da mãe; o gosto por homens.

**FELIPE:** Então não tem nada a ver com, sei lá, querer ficar com a mãe?

**THEO:** Você tem medo de sentir desejo pela sua mãe?

**FELIPE:** Você está bem louco, Theo. Como assim? Cê acha que.... Não, nunca. Nunca quis transar com a minha mãe.

**THEO:** (Risos) O que eu quis dizer é que a relação mãe e filho, ela é muito sensorial, física, prazerosa. Qual o primeiro prazer? Ser amamentado. Pelo o que você me conta, a sua mãe sempre foi uma presença marcante, de repente, ela via você como uma extensão masculina dela. São sentimentos muito fortes, e que às vezes se confundem [...].

Isso faz com que *Sessão de Terapia* pareça muito menos “carregado” no drama do que realmente é; programas como *The Oprah Winfrey Show* e *Casos de Família*, citados anteriormente, se apresentam de forma muito mais dramática, embora seus conteúdos discutam as intempéries da vida de atores reais. Enquanto tais programas espetacularizam a vida cotidiana de pessoas comuns, *Sessão de Terapia* apresenta um enredo ficcional muito verossímil ao delimitar a temporalidade da narrativa aos horários de sessões de práticas terapêuticas adotadas fora da tela da TV na vida social. Há até mesmo um teste de paternidade durante a temporada, recurso que comumente está presente em inúmeros programas de TV, e que poderia aproximar o seriado de uma “velha temática folhetinesca do mistério e do drama” (FREIRE FILHO; CASTELLANO; FRAGA, 2008). Contudo, os enquadramentos utilizados no seriado buscam apagar a exposição do indivíduo, mesmo retratando momentos íntimos de relações estabelecidas entre o terapeuta e o paciente.

---

<sup>101</sup> Episódio 13 – Felipe – Sessão 03

### 2.2.2.3 DEFINIÇÃO DE IDENTIDADES E VALORES

*Sessão de Terapia* estrutura seu texto de forma linear e pouco fragmentada através da articulação de elementos que realçam alguns e mascaram outros aspectos da matriz melodramática, de maneira que o seriado explicita como define seus valores reproduzindo em seu enredo determinadas noções que qualificam a família, a paternidade e a experiência contemporânea. De acordo com o discurso terapêutico, o seriado promove a ordem da felicidade, como mencionado anteriormente, e oferece sugestões ao seu público através de uma linguagem pedagógica capaz de ser entendida por uma ampla maioria de indivíduos. Há um certo didatismo, também muito presente na matriz melodramática, que acontece através da sugestão de ações e comportamentos mais “adequados” nas interações das personagens. Um exemplo é o da personagem Milena, que lê os efeitos adversos de uma medicação em uma bula de remédio após sua consulta com o psiquiatra<sup>102</sup>:

**MILENA:** [...] Foi tudo bem. Ele me prescreveu o remédio e disse que quer ver como eu respondo ao tratamento antes de fechar um diagnóstico. Ele acha que pode ser aquilo lá que você havia falado (TOC), mas eu achei bom ele não tirar nenhuma conclusão precipitada. Mostra que ele é sério.

**THEO:** Você já começou a tomar a medicação?

**MILENA:** Já, lógico. Mas eu não senti nenhuma diferença, normal. Esse remédio demora mesmo pra agir. Eu li na bula. Aliás, que bula, hein. Eu vou te mostrar. “Este medicamento pode causar náusea, vômito, perturbação do equilíbrio, comprometimento da memória, dores musculares, sudorese, inquietação psicomotora, sangramento nasal, visão turva...”. Isso porque eles dizem que esse remédio é de última geração, e os efeitos são amenos.

**THEO:** E ler sobre os efeitos colaterais te trouxe algum desconforto ou receio de tomar o remédio?

**MILENA:** Não, não... Bula é assim mesmo. Eu sei como é, já li muitas [...].

Quando Theo discute sexualidade e masturbação com Milena<sup>103</sup>, percebe-se, também, como o discurso terapêutico, além de didático, é normativo e amoral. O seriado não faz grandes distinções entre as representações de gênero, de maneira que, diante do terapêutico, todos são emocionalmente iguais:

**MILENA:** [...] Se minha tia estivesse viva, ela ia falar que isso é pecado. Mas eu não acho.

**THEO:** O que sua tia achava que era pecado?

**MILENA:** Esse negócio de masturbação. Eu sempre achei isso tão... As meninas do colégio viviam falando essas coisas de revista, que é importante conhecer o corpo e tal. Mas... Não sei. Eu sempre achei um pouco ridículo esse negócio de ficar lá sozinha, tentando imaginar alguma coisa. Acho que só tentei uma vez. Quer dizer. Eu tentei de novo outro dia. Mas eu me sinto meio ridícula, sei lá. Também... Sexo é bom, mas acho que as pessoas supervalorizam. Esse negócio de orgasmo, também. Tenho certeza que a maioria das mulheres fingem, só pro marido ficar feliz.

**THEO:** Você fingia com o Breno?

**MILENA:** Eu já tive um orgasmo. Mas foi só uma vez e foi meio sem querer. Eu tava tão relaxada que aconteceu. Mas depois eu fiquei meio preocupada em conseguir de novo, que nunca mais...

**THEO:** Talvez você sinta essa dificuldade porque o sexo é algo ligado aos nossos instintos, e o instinto é irracional. É um lado seu, que de um jeito ou de outro, você está sempre tentando manter sob controle. Mas nem sempre perder o controle é ruim. Pelo contrário. Perder o controle é relaxar. Pode ser prazeroso. A sensação que eu tenho é que seus sentimentos estão todos guardados, esperando uma brechinha qualquer para poderem sair.

<sup>102</sup> Episódio 19 – Milena – Sessão 04

<sup>103</sup> Episódio 19 – Milena – Sessão 04

Eu acho também que essa tentativa de entrar em contato com o seu corpo é uma tentativa de entrar em contato com você mesma. E tentar libertar esses sentimentos e retomar a intimidade que você perdeu e agora está tentando reencontrar.

O seriado reforça o que é saudável ou patológico através de Milena e Bianca, personagens que demarcam, de forma muito clara, os limites da normalidade. No trecho reproduzido abaixo, Milena se mostra indignada por ter sido afastada de seu trabalho na universidade, sendo substituída por um outro professor. No entanto, ela sente que não pode falhar:

**MILENA:** [...] Eu nunca tirei nota baixa, nunca cheguei atrasada. Eu não ficava esperando elogio, não. Eu não fazia mais do que minha obrigação.

**THEO:** Você quer ser impecável, perfeita, não é mais do que a sua obrigação?

**MILENA:** Não foi isso que eu quis dizer, Theo. Eu só acho injusto que isso esteja acontecendo com uma pessoa como eu, que nunca...

**THEO:** ... Que nunca falha?

**MILENA:** Todo mundo falha, Theo. Eu sei disso.

**THEO:** Mas você não se permite falhar. O que você acha que pode acontecer se você falhar?

**MILENA:** Eu não posso falhar.

O medo de falhar de Milena reflete um dos pressupostos do terapêutico que, ao promover o gerenciamento das emoções, coloca o sujeito como o único responsável por si. Essa ideia impacta nas ações sociais, pois é como se o sujeito não estivesse relacionado ou vinculado de alguma forma ao outro. É uma prática discursiva contraditória, pois ao mesmo tempo em que o indivíduo depende do auxílio médico e terapêutico, por exemplo, apenas ele pode superar seus problemas, o que reforça as diretrizes da cultura terapêutica<sup>104</sup>:

**MILENA:** Está bom. Foi uma humilhação, tá? Eu não consegui falar. Eu fui substituída por um outro professor. Tá bom pra você?

**THEO:** Não consegui falar?

**MILENA:** Não foi nada emocional, Theo. Foi físico mesmo, tá? Tipo um enjoo. Eu fiquei enjoada, tá? E agora eu tenho que tirar uma licença por causa disso. Mas isso não vai ficar assim, eu vou resolver e até o final do mês eu estou de volta. Eles vão ver no exame médico que eu fiz que deve ter sido alguma coisa que eu comi. Agora me diz se você também não iria ficar revoltado com uma injustiça dessas? Pra mim o pior de tudo é ter que ficar em casa. As pessoas acham que quem fica em casa não faz nada, mas eu faço.

**THEO:** O que é que você faz?

**MILENA:** Eu não te falei outro dia que o Vitor tava um capetinha? Mas a sujeira é tanta, Theo, que não adianta passar paninho, sabe? Tem que limpar de verdade. Tirar as coisas do lugar, passar desinfetante. Isso leva tempo, entendeu? Quando eu vejo o dia já foi.

**THEO:** Sim, mas você passa o dia fazendo faxina.

**MILENA:** Ah, o dia não. Eu limpo, eu faço uma limpeza pesada de manhã. Depois à tarde eu dou uma geral. E a noite, dependendo da bagunça do Vitor, eu dou uma arrumadinha. Por isso que eu não tenho mão de madame, Theo. Eu uso álcool 90. É isso que desinfeta.

**THEO:** Mas deve ser muito cansativo fazer isso todos os dias. Você não pode se dar folga nem um dia?

**MILENA:** Se o Vitor parasse de sujar tudo.

**THEO:** O Vitor fica na escola de manhã?

**MILENA:** Uhum.

**THEO:** E mesmo sem a bagunça dele você continua limpando?

**MILENA:** Pelo menos eu tenho o que fazer.

**THEO:** Talvez você esteja fazendo faxina não só como uma forma de se ocupar mas também como uma forma de aplacar uma enorme ansiedade. Alguns sentimentos precisam vir à tona, e quando você se mantém em

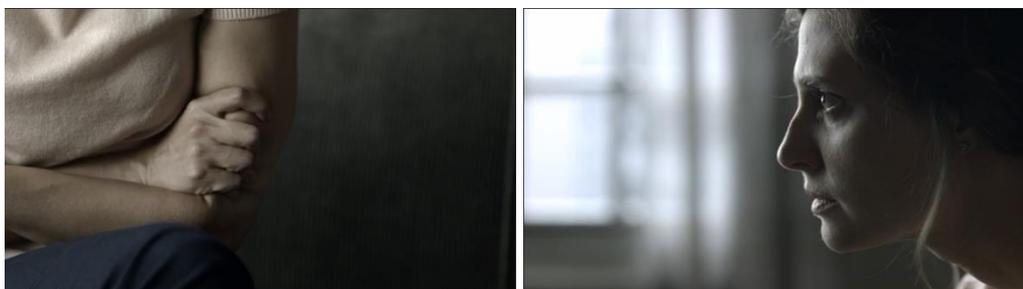
---

<sup>104</sup> Episódio 09 – Milena – Sessão 02

atividade, esses sentimentos parecem que se dissipam. Sabe qual é o problema, Milena? É que mais cedo ou mais tarde esses sentimentos vão voltar ainda mais intensos. Isso vai exigir de você um esforço ainda maior para ter a sensação de que esses sentimentos estão sobre controle. Isso vai te deixar exaurida, esgotada. É preciso que você entenda que isso é um ciclo vicioso, e que esse comportamento só vai gerar mais ansiedade e é bem possível que essa ansiedade se intensifique cada vez mais. Você chegou aqui querendo marcar consultas até o final do mês. De fato, parece que você quer genuinamente se cuidar, mas isso pode ser apenas uma tentativa de preencher o vazio. Você pode estar desenvolvendo um Transtorno Compulsivo Obsessivo, o TOC. Eu sei que você pode não ter tido uma experiência boa anteriormente, mas eu acredito que fazer uma consulta com um bom psiquiatra pode ser um passo importante no seu processo terapêutico.

**MILENA:** Eu não preciso de um psiquiatra, Theo.

O trecho descrito expõe como o seriado organiza, através dos diálogos entre as personagens e dos códigos da linguagem televisual, o deslocamento exagerado de um comportamento para apresentar ao leitor o que pode ser patológico ou não. Toda a cena é construída para legitimar o diagnóstico de Theo, um dos especialistas do seriado. Reconhecer os limites da terapia e recorrer à medicina reforça o saber terapêutico articulado por *Sessão de Terapia*, cuja estética visual enxuga qualquer excesso da matriz melodramática, buscando uma aproximação com a experiência da realidade social, como se percebe nos frames abaixo, em que diversos recursos técnicos, como a fotografia, luz e edição, são articulados para dar a atmosfera intimista do seriado (Figuras 23 e 24):



Figuras 23 e 24 – Recursos fotográficos – Milena – Sessão 02 – 3ª Temporada – Episódio 09. Fonte: GNT Play

Diego discute os valores da juventude através de sua narrativa, que inclui um acidente que quase mata um homem. Branco e de classe alta, o adolescente não recebe nenhuma punição legal, de forma que todo o texto é constituído para justificar o ato irresponsável. Como se percebe no trecho abaixo<sup>105</sup>, no diálogo em que Diego conta para Theo a tentativa frustrada de falar com o pai, o adolescente confessa que sua atitude foi uma tentativa extrema de chamar a atenção, o que não justifica a ausência de qualquer punição legal. Ao longo da trama, descobre-se que Frederico se afastou do filho por suspeitar que ele era fruto de um relacionamento da falecida esposa, de maneira que Diego foi criado por Neusa.

**THEO:** Mesmo sendo uma conversa forçada, você tentou uma aproximação com seu pai. Acha mesmo que isso

<sup>105</sup> Episódio 17 – Diego – Sessão 04

não adiantou nada?

**DIEGO:** Ele não teve a reação que eu queria que ele tivesse. Eu só queria entender o que meu pai sente por mim.

**THEO:** Será que foi por isso que você provocou o acidente? Por que assim você poderia provocar uma reação no seu pai? Por que que você queria se machucar, Diego?

**DIEGO:** Não tá claro, Theo? Eu queria me machucar pra ver a reação dele.

**THEO:** Mas esse acidente poderia ter sido mais sério. Você poderia ter morrido. Diego, você tá brincando com sua vida. Você está colocando em risco a sua integridade física. E agora, além disso, está colocando em risco a integridade dos outros também.

**DIEGO:** É, deve ser. Você já se imaginou morto? [...]. Já se imaginou no seu velório?

**THEO:** Não que eu me lembre agora. Você já? Você já se viu assim, nessa posição? [...]. Na sua imaginação, como seria o seu enterro?

**DIEGO:** Seria tipo um funeral cinematográfico [...]. Eu consigo ver todo mundo no meu velório. [...]. Agora, eu não consigo ver meu pai. Eu já tentei imaginar ele lá, do lado do caixão, mas não consigo.

**THEO:** Diego, isso é uma coisa que não dá pra saber. Mais uma vez você está fantasiando. Só que uma fantasia perigosa, descontrolada. Porque isso coloca em risco a sua vida.

**DIEGO:** Eu sei que é meio mórbido tudo isso que eu disse, mas é uma coisa que sempre passa pela minha cabeça. Mas fica tranquilo que eu não vou morrer não, Theo. Você nunca brincou de prender a respiração embaixo d'água? Ninguém morre por causa disso. E o mais louco é que na hora eu nem senti o impacto, nem senti dor, nem nada. Acho que é porque eu tinha bebido muito.

**THEO:** Diego, você entende que por conta da bebida você tá colocando em risco a sua vida? E agora com o acidente, você está colocando em risco a vida das outras pessoas também.

**DIEGO:** É, eu sei. Eu tô me sentindo um merda. [...]. Aí eu peguei um carro e saí. Bebi de tudo. Nem sei te dizer o que eu bebi. Depois eu só queria acelerar, nem tava prestando atenção na velocidade. Só queria isso, só queria vazar. Depois eu só me lembro que a minha testa já tava sangrando, o alarme do carro tava tocando altão. A banca de jornal toda destruída. Eu enfiei o carro na banca. Aí eu saí do carro meio tonto ainda. Tinha uma mulher gritando socorro porque eu tinha atropelado o jornalista. Eu olhei pro cara, o cara tava no chão, ele só me olhou, não disse nada. Depois disso só me lembro de uns *flashes*. A ambulância chegando. O jornalista na maca. Eu respondendo umas perguntas dos policiais. A Neusa desesperada. Eu fui pro hospital também, fiz uns exames lá, mas comigo não aconteceu nada. Só esse machucadinho aqui. Tive que dar três pontos. Depois disso fui pra delegacia, eles queriam que eu fizesse o teste do bafômetro mas eu recusei. Aí falaram pra Neusa que era melhor chamar o meu pai.

**THEO:** E o seu pai, foi até a delegacia?

**DIEGO:** É, um tempo depois ele apareceu lá, sim. Conversou com o delegado, ligou pro advogado dele pra procurar a família do jornalista pra poder resolver as coisas. Aí na saída não deu outra. Tava cheio de jornalista, cheio de fotógrafo, um monte de gente. Aí ele só olhou pra mim e disse: “entra no carro”. E tive que voltar pra casa com ele. [...] Ele parou o carro na frente do prédio que eu moro e mandou eu descer. Eu achei que ele ia me levar pra casa dele. Eu sofri um acidente, Theo. Aí ele começou a falar um monte de merda, falou que não sabia como ia contornar a situação. Tá ligado né, Theo? Ele tava preocupado com o que ia sair na imprensa, não comigo. Eu fiz de tudo pra provocar uma reação nele, pra chamar a atenção dele. E o que é que ele me deu em troca? Uma carona pra casa. Ainda bem que não aconteceu nada mais grave, porque se esse jornalista tivesse morrido eu nem sei o que ia acontecer. O policial disse que eu tive a maior sorte, porque se fosse no horário de pico o estrago ia ser muito maior. Eu já tô acostumado com o descaso do meu pai, agora, se eu tivesse matado alguém, eu nunca ia me perdoar, cara.

Diego demonstra culpa e consciência do que fez, mas acredita que ninguém o ama. Ou seja, até mesmo a punição recebida no seriado é afetiva. Embora o pai continue rejeitando Diego, Theo explica que o adolescente se afastou de todos com a bebida, mas ainda é cercado por pessoas que se preocupam com ele, de forma que Diego deve aprender, na verdade, é “se gostar primeiro”.

Na última sessão de Felipe<sup>106</sup>, pode-se também observar como o seriado faz críticas à determinados valores contemporâneos através do relato da personagem, que narra como a

---

<sup>106</sup> Episódio 33 – Felipe – Sessão 07

mídia pode, inclusive, reforçar a felicidade e o bem-estar como parte do imaginário:

**FELIPE:** [...] A minha mãe. A gente cortou relações.

**THEO:** E como é que você está se sentindo?

**FELIPE:** Muito bem. Muito bem...

**THEO:** E como é que foi que isso aconteceu?

**FELIPE:** Quando eu saí daqui na última semana, eu vi que precisava tomar uma atitude. Eu já sabia qual era mas eu não queria ter que fazer isso. Só que eu percebi que não dava pra adiar. Depois que eu tive aquela conversa com meu pai, eu falei com você... Eu decidi. Na quarta mesmo eu levei a Nicole pra casa que meus sogros deram pra gente. Começamos a mostrar os presentes que estavam chegando, que tinha uma revista que queria fazer uma matéria na casa nova... Na hora eu pensei que se a gente fosse mesmo um casal, se eu realmente gostasse dela, a gente não ia ter que fazer essas matérias *fakes*, pagas, só pra mostrar como a gente está feliz.

**THEO:** Tem gente que faz isso?

**FELIPE:** Ô... Você tá por fora.

**THEO:** Por que é que você acha que estas pessoas fazem isso?

**FELIPE:** Porque elas são que nem eu? Elas querem ser amadas, admiradas. E elas querem isso porque elas não se gostam. Porque se gostassem mesmo não precisariam desse reconhecimento. Enfim. Ela fez de tudo pra não me ouvir, mas eu contei tudo pra Nicole. Tudo. Sabe o que ela pensava? Que eu tinha outra mulher. Ela nem desconfiava que eu era gay. Como ela não desconfiava?!

**THEO:** Às vezes, nós nos esforçamos tanto para parecer uma outra coisa, que pode parecer verdade para outras pessoas.

**FELIPE:** Enfim, agora ela já sabe. [...]. Agora com a minha mãe... Bom, quando eu cheguei em casa dona Carmen já estava lá, lógico que a Nicole ligou pra ela e contou tudo. Minha mãe estava uma fera. Transtornada. Ela falou que por sorte a Nicole só tinha falado com ela, e não com a família, e que por isso ainda dava para consertar a merda que eu tinha feito. Ela mandou eu falar que era uma brincadeira de mau gosto e pedir perdão.

**THEO:** E você?

**FELIPE:** Eu falei que não ia pedir desculpas pra Nicole, nem voltar atrás no que eu tinha dito. Aí ela me falou que tinha me criado pra ser um homem, não uma bicha.

Ao fim desse diálogo, Felipe relata a agressão verbal de sua mãe, que posteriormente se arrepende e tenta uma reconciliação. Mas não há debate, por exemplo, sobre a origem dessa discriminação, enraizada em sociedade patriarcal e conservadora que induz muitos indivíduos à introjetarem dentro de si o próprio preconceito e, em alguns casos, a levar uma “vida-dupla”, como é o caso de Felipe, que namora Guto há 3 anos, mas “permanece no armário”. Por isso, ao não representar um homossexual que possa ser identificado como “afeminado” (e, conseqüentemente, “estereotipado”), como acontece em muitos programas da teledramaturgia, o seriado desperdiça uma oportunidade de refletir sobre questões de gênero pelo seu singular enquadramento, que inspira seriedade e legitimidade frente à audiência. A forma como a homossexualidade é abordada é ainda muito homonormativa, pois endossa as instituições e suposições heteronormativas (DUGGAN, 2003, p. 50 apud MORRISON, 2014, p. 134) e reforça ainda mais um ideal “aceitável” do homossexual jovem, branco, intelectualizado, de boa aparência e classe média, características que nem todos os indivíduos gays possuem e que podem “promover discriminações por procedência geográfica, cor de pele ou classe social, entre outras variáveis” (BENÍTEZ, 2007, p. 135).

Ou seja, apesar de discutir temáticas importantes e contemporâneas, a produção discursiva de *Sessão de Terapia* acaba, muitas vezes, desperdiçando o potencial

transformador do seriado. Isso não é uma exclusividade da série, já que, nas telenovelas, por exemplo, notam-se muitos casos de “conversão heterossexual” das personagens gays ao longo das narrativas<sup>107</sup>. Isso não acontece com Felipe, que termina a temporada do seriado como homossexual e solteiro, mas o perfil da personagem e sua representação reforça que, para ser aceito pela sociedade, o homossexual deve atender à determinados padrões de beleza e inclusive para despertar o desejo e o interesse da audiência<sup>108</sup>.

### 2.3 PRIMEIROS RESULTADOS

A partir desta análise quantitativa e qualitativa, alcançamos o primeiro objetivo desta pesquisa, o qual consiste em identificar as características de linguagem de *Sessão de Terapia* e os sentidos propostos pelo seriado a partir dos usos e combinações dos códigos audiovisuais, identificando suas associações com os quatro aspectos mencionados do discurso terapêutico. Pode-se afirmar que o seriado, como um produto televisivo, é consideravelmente inovador, pois rompe com o fragmentado fluxo televisual para oferecer ao telespectador uma narrativa mais lenta, que tenta recuperar o tempo de reflexão no mundo ao questionar a experiência cotidiana, as relações humanas e os conflitos internos.

Se a grande característica da TV é seu caráter efêmero e fragmentado, *Sessão de Terapia* subverte essa ordem ao propor um programa com características pouco encontradas até nas produções cinematográficas destinadas ao grande público. Conforme visto anteriormente, as marcas do terapêutico podem ser identificadas na textura do programa, cujo formato é estruturado através da Prática Terapêutica, responsável por designar o enquadramento, os enunciadores e enunciados do seriado. O ethos terapêutico como matriz cultural surge de maneira bastante expressiva em *Sessão de Terapia*, que sustenta sua narrativa pela verbalização do diálogo e promove a publicização da intimidade através da ficção, escancarando um território aparentemente sagrado e impenetrável. O seriado sugere uma educação emocional baseada nos pressupostos terapêuticos, indicando o que é saudável ou não, normal ou patológico.

A ordem da felicidade e do bem-estar se manifesta como o objetivo das personagens, que buscam solucionar seus conflitos internos e externos com o auxílio da terapia. Ao fim da temporada, todos os arcos dos pacientes são encerrados para inspirar uma “vida pós-terapia” e

---

<sup>107</sup> É o caso, por exemplo, de Xana Summer, a travesti de *Império* (2014-2015) interpretada por Ailton Graça, que termina a telenovela se casando, de terno e gravata, com Naná (Viviane Araújo). Mais em: <<http://zip.net/bhpLTX>>. Acesso em: 23 out. 2015.

<sup>108</sup> *Gays de Império são os homens mais desejados pelas mulheres, diz autor*. Disponível em: <<http://migre.me/s4LqX>>. Acesso em: 11 nov. 2015.

isso não significa necessariamente um *happy ending*. A personagem Bianca, por exemplo, precisa ser internada e os arcos narrativos de *Sessão de Terapia* sugerem ao telespectador esta necessidade e uma determinada continuidade do realismo da trama, ainda que os episódios ofereçam desfechos relativamente frouxos para os conflitos iniciais. Felipe, por exemplo, relata em seu último episódio as tentativas de reaproximação da mãe e sua intenção de reatar com Guto, e encerra a terapia confirmando com Theo uma sessão na semana seguinte<sup>109</sup>.

Felipe conseguiu, de fato, resolver os problemas iniciais que o levaram até a terapia, mas o desenrolar dos acontecimentos geraram outros conflitos que provavelmente serão mediados pela perspectiva terapêutica em “além-tela”. É o caso também de Diego, que encerra sua terapia com Theo para dar lugar a seu pai, Frederico. Mas Theo é, também, humano e comete erros, de forma que o conflito de Bianca não pode ser solucionado por ele, pois o tipo de ajuda que a paciente precisa não pode ser dada pelo especialista. Essa necessidade de internação contrasta bem com a questão de Rafael, que chega a ser internado pelo pai mas foge da clínica. Dessa forma, *Sessão de Terapia* afirma que todos os problemas abordados do seriado podem, de alguma forma, ser solucionados pelo processo terapêutico.

Assim, ao fornecer ferramentas para seus pacientes solucionarem seus próprios conflitos, Theo está, conseqüentemente, sugerindo-as ao telespectador. Isso não significa que *Sessão de Terapia* opera de forma manipuladora, mas sim que suas características estéticas e enunciativas, quando articuladas, agem de maneira extremamente sugestiva ao reforçar os pressupostos do senso comum, hoje permeado pela matriz terapêutica. De toda forma, o seriado busca também desconstruir os mitos que giram em torno desta prática, humanizando-a, enquanto também critica a cultura terapêutica e reconhece os limites dessa ação discursiva, especialmente ao isentá-la de sua suposta eficiência por ser conduzida por especialistas que também enfrentam dificuldades e incertezas na vida cotidiana, como todas as pessoas. A série discute temáticas relevantes para o contexto contemporâneo, mas sua estrutura narrativa organizada pela perspectiva terapêutica limita reflexões mais críticas. Ao interpretar e reinterpretar a experiência das personagens buscando articular um desfecho para o conflito inicial, o seriado constantemente opta por simplesmente encerrar o arco narrativo, ainda que surjam outras vozes no desdobramento de um conflito.

Portanto, embora seja um seriado cujo formato é de vanguarda, capaz de articular características seriadas e novelescas, todo o texto audiovisual é estruturado pelo prisma das

---

<sup>109</sup> Alguns interagentes da página do Facebook especulam, inclusive, sobre o retorno da personagem em uma próxima temporada.

emoções, de forma que o seriado não considera questões socioculturais de espectro mais amplo e não provoca questionamentos sobre o contexto social no qual os indivíduos estão inseridos. Sem aprofundar conflitos e diferenças socioculturais, uma característica comum da maioria das narrativas televisivas, a série articula o discurso terapêutico para legitimar a si mesma também. Bianca e Milena, as personagens que apresentam alguma patologia, destoam significativamente de Diego e Felipe, que enfrentam conflitos que poderiam ser abordados por uma outra perspectiva. O adolescente Diego, por exemplo, discute os valores da juventude ao bater com o carro após beber. Ele destrói uma banca de jornal, mas não recebe qualquer punição por não haver óbito. Para chamar a atenção do pai, o adolescente confessa que pegou o carro para se machucar. Ele demonstra culpa e gratidão diante de Theo por não ter acontecido nada mais grave durante o acidente, mas esse acontecimento, de fato, em nada altera a narrativa. Isso só realça o abismo que existe em nossa sociedade sobre as noções de justiça para os indivíduos de classes distintas; Diego não recebe nenhuma punição legal e a maior preocupação de Frederico é com a imprensa. Não se discute nem a possibilidade de um exame toxicológico, atualmente obrigatório apenas quando há acidentes com morte<sup>110</sup>. Por isso, ao fim da temporada, o adolescente encerra sua terapia indo viajar enquanto Frederico assume seu lugar no sofá de Theo.

As narrativas em torno de Felipe, conforme argumentado, não discutem as questões de identidade de gênero ou a violência enfrentada pelos homossexuais em um país tão conservador como o Brasil, a não ser pelo conflito familiar com sua mãe. Felipe relata as agressões verbais feitas por Carmen, que depois se arrepende, mas o seriado não oferece grandes reflexões sobre a violência contra a população LGBT. Só na cidade de São Paulo, 70% dos homossexuais relatam ter sofrido algum tipo de agressão; destes, 29% apontam o ambiente familiar, inclusive, como palco dos atos discriminatórios<sup>111</sup>. No Brasil, a cada hora, um homossexual sofre algum tipo de violência<sup>112</sup>, enquanto o país lidera a lista de número de mortes de travestis e transexuais<sup>113</sup>. Mesmo que o casamento civil entre pessoas do mesmo sexo seja legalmente amparado desde 2013, através da Resolução 175 do Conselho Nacional

---

<sup>110</sup> *Detran do ES propõe exame para vítimas de acidente de trânsito*. Disponível em: <<http://migre.me/sh115>>. Acesso em: 1 dez. 2015.

<sup>111</sup> *Em São Paulo, 70% dos homossexuais já sofreram agressões*. Disponível em: <<http://migre.me/s506C>>. Acesso em: 11 nov. 2015.

<sup>112</sup> *A cada hora, um gay sofre violência no Brasil*. Disponível em: <<http://migre.me/s506W>>. Acesso em: 11 nov. 2015.

<sup>113</sup> *Brasil lidera número de mortes de travestis e transexuais, aponta ONG*. Disponível em: <<http://migre.me/s507o>>. Acesso em: 11 nov. 2015.

de Justiça<sup>114</sup>, ainda não há legislação de âmbito federal que ampare os homossexuais e transexuais diante de agressões e preconceito. Um dos projetos de combate à homofobia, o Projeto de Lei (PL) 122/2006, foi sepultado após 8 anos transitando no Senado, pois, embora o Brasil seja um Estado laico, há atualmente no Poder Legislativo uma expressiva bancada evangélica, composta em grande parte por pastores neopentecostais<sup>115</sup> em articulação com seus aliados conservadores: ruralistas e militares, que tentam, a todo custo, retroceder em conquistas importantes para inúmeros indivíduos de diferentes segmentos sociais. Recentemente, por exemplo, foi aprovado na Câmara dos Deputados o PL 6.583/13, mais conhecido como Estatuto da Família, que reconhece o núcleo familiar constituído, obrigatoriamente, a partir da união de um homem com uma mulher e seus filhos<sup>116</sup>.

O seriado promove ainda um pequeno debate sobre o acolhimento ao usuário de drogas, mas não se permite entrar em discussões mais amplas, como a questão da legalização das mesmas<sup>117</sup> ou outros temas relacionados, que agora surgem como questões sociais contemporâneas e globais. Em suma, *Sessão de Terapia* busca representar as interações humanas, mas se circunscreve apenas àquelas majoritariamente desempenhadas por indivíduos brancos e de classe média, que podem pagar R\$ 350 por um encontro de 50 minutos com Theo<sup>118</sup>. Rita, por exemplo, é a única personagem negra da temporada, enquanto Diego e Felipe são de famílias tão abastadas que o dinheiro só produz mais conflitos, de forma que o capital é um tema que permeia todas as narrativas sem ser exatamente um recorte temático, visto que nem mesmo o momento do pagamento é mostrado. Por isso, é possível afirmar que, embora *Sessão de Terapia* se articule de maneira esteticamente eficiente e até certo ponto inovadora em relação ao formato dos seriados, seu desenvolvimento textual e temático não promove reflexões mais consistentes, mas ao contrário, reforça o senso comum. O discurso do seriado desperdiça o potencial político que a obra poderia ter a favor de rupturas significativas na abordagem de questões polêmicas ou que comumente são abordadas pela mídia e pela sociedade de maneira preconceituosa.

---

<sup>114</sup> *Resolução sobre casamento civil entre pessoas do mesmo sexo é aprovada pelo Conselho Nacional de Justiça*. Disponível em: <<http://migre.me/s507Y>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

<sup>115</sup> *Marcha para Jesus vira ato contra união homoafetiva*. Disponível em: <<http://migre.me/s508c>>. Acesso em: 11 nov. 2015.

<sup>116</sup> *Contrários ao Estatuto da Família aprovado em comissão defendem arquivamento*. Disponível em: <<http://migre.me/s508y>>. Acesso em: 11 nov. 2015.

<sup>117</sup> *Marcha da Maconha mobiliza 31 cidades pela legalização do plantio*. Disponível em: <<http://migre.me/r8PXc>>. Acesso em: 25 jul. 2015.

<sup>118</sup> Valor informado por Breno na 1ª temporada do seriado.

Contudo, nesse contexto, *Sessão de Terapia* não deixa de ser um programa televisivo de vanguarda. É um seriado que consegue incorporar elementos de gêneros distintos e articular o drama e o suspense da narrativa através de uma linguagem relativamente inovadora, que subverte o ritmo acelerado e fragmentado da TV para propor momentos de reflexão para o público. A recusa de alguns artifícios da linguagem televisual, como o *flashback*, exige que todo o texto seja sustentado pelos diálogos e pela palavra das personagens. E, através da Análise Televisual, foi possível desconstruir os complexos códigos verbais e não-verbais que caracterizam os modos de dizer de *Sessão de Terapia*, um seriado no qual as palavras são tão impactantes quanto as imagens. Foi possível observar como o seriado é estruturado e como são articulados os mecanismos de legitimação do conteúdo ficcional televisivo, que buscam aprimorar seus recursos audiovisuais diante de uma audiência reconhecidamente ativa e crítica. Em entrevista, o diretor Selton Mello afirmou que *Sessão de Terapia* aumentou a demanda por psicólogos. “Eu faço terapia e tinha muita curiosidade em saber o que meu terapeuta pensava da série. Ele aprovou. Disse que triplicou o número de pacientes que o procuram influenciados pela série”<sup>119</sup>. Em outra ocasião, o diretor reafirmou que o seriado pode funcionar como análise, pois “as pessoas me param nas ruas para falar da série e contam que, por exemplo, resolveram um problema no casamento assistindo à série. A pessoa vai se identificando com tudo aquilo, com todos aqueles personagens e vai se enxergando”<sup>120</sup>.

A Análise Televisual da obra realizada nos proporciona a possibilidade de concluir que a narrativa linear de *Sessão de Terapia* não é tão simples assim; articulam-se múltiplos arcos de forma consiste através de recursos narrativos e estéticos bem definidos e específicos, ainda que o som apresente graves problemas técnicos. Calcado na verbalização, toda sua estrutura se repete constantemente, sempre adicionando novas informações. São bem explícitas as formas e posições discursivas, de maneira tal que se percebe com clareza o lugar do especialista e do paciente e, certamente, a hierarquia que caracteriza esta relação. Os mecanismos de legitimação da ordem terapêutica e dos discursos televisivos operam para mascarar os códigos audiovisuais e ficcionais, aproximando o texto da experiência do real, pois tudo é interpretado pela perspectiva científica. Todas as situações apresentam os limites do normal e do patológico, de forma que as situações mais dramáticas e exageradas são

---

<sup>119</sup> Selton Mello diz que *Sessão de Terapia* aumentou demanda por psicólogo. Disponível em: <<http://migre.me/r8QAJ>>. Acesso em: 25 jul. 2015.

<sup>120</sup> *Sessão de Terapia* funciona como uma análise, diz Selton sobre série. Disponível em: <<http://migre.me/r8QCo>>. Acesso em: 25 jul. 2015.

legitimadas pelo discurso terapêutico e pelo enquadramento do seriado. A dramatização, assim, soa atenuada, e o seriado parece mais próximo das representações da realidade cotidiana. Há um didatismo muito sensível, que se dá através do uso de autocríticas e do jargão terapêutico, mas que termina por reforçar os valores da moral contemporânea e reitera o poder de significação do terapêutico. Não é por acaso que a versão americana é utilizada como ferramenta de ensino em departamentos de Psicologia (BEM, 2012, p. 26).

Pela análise, pode-se constatar que *Sessão de Terapia* se esforça em oferecer ao telespectador uma Terapia Midiática; isto é, um processo comunicativo que busca simular o contrato de prática terapêutica *na e pela* mídia, sugerindo ao espectador uma organização emocional capaz de promover o gerenciamento das emoções para alcançar a felicidade e o bem-estar, mas que, ao mesmo tempo, padroniza as condutas e práticas sociais. Assim, a partir dos resultados alcançados na Análise Televisual aqui sistematizados, é preciso ainda investigar os processos de interação entre o programa e sua audiência para entender quais são e como circulam esses sentidos no ambiente transmidiático, em acordo com a proposta desta investigação. Diante destes objetivos, discutiremos no próximo item alguns pressupostos metodológicos que irão orientar a análise dos sentidos atribuídos ao seriado pelas audiências na página oficial no Facebook para poder discutir, em seguida, as interações estabelecidas entre a produção e as audiências durante a exibição da 3<sup>a</sup> temporada de *Sessão de Terapia*.

## CAPÍTULO 3

### UM ESTUDO DE RECEPÇÃO

Os estudos de recepção/interação no ambiente transmídia se deparam com desdobramentos tão complexos que exigem a flexibilização de propostas teórico-metodológicas que possam auxiliar na análise do objeto; no caso, a página oficial do seriado *Sessão de Terapia* no Facebook. Conforme visto anteriormente, assume-se que o panorama televisivo atual é de transformação:

Coexistem antigas e novas audiências, velhos e novos contratos televisivos, assim como formas novas e antigas de assumir os novos reconhecimentos mútuos entre a TV e o público. Mas o interessante é que esses reconhecimentos não estão limitados à TV, transcendem-na, e transcendem qualquer tipo de TV analógica ou digital, pública ou privada, massiva ou de proximidade. [...] Embora suas forças ou poderes estejam diminuindo pela insurgência de novos poderes na web e nas redes das próprias audiências, a televisão não desaparece do cenário midiático reorganizado, um cenário em que continuará reinando de alguma maneira [...] (OROZCO GÓMEZ, 2014, p. 107-110).

Percebe-se, nas últimas décadas, uma mudança no olhar sobre a audiência, antes engessada entre o emancipatório e determinista. Nesse sentido, o modelo de análise de codificação/decodificação proposto por Hall (2003) teve grande relevância nas pesquisas de audiências por revelar que nem sempre os indivíduos atribuem sentidos aos produtos midiáticos em acordo com a intenção dos produtores. O autor sugere que o indivíduo pode aceitar as leituras propostas pelos programas, em que os sentidos hegemônicos são priorizados, estabelecer uma oposição ao texto ou ainda assumir uma postura de negociação, que “reconhece a legitimidade das definições hegemônicas para produzir as grandes significações (abstratas), ao passo que, em um nível mais restrito, situacional (localizado), faz suas próprias regras – funciona com as exceções à regra” (HALL, 2003, p. 444). A perspectiva do autor aponta a existência de um sentido estruturado no texto televisivo, normalmente em acordo com os valores e ideologias dominantes, que pode ou não ser apreendido da maneira esperada pelo leitor. Afinal, como afirma Becker (2014, p. 4), “não se pode deixar de considerar que as negociações de sentidos das audiências não estão enclausuradas no texto, e que são operadas em outras instâncias domésticas e profissionais da vida social para além da(s) tela(s), o que colabora para a polissemia da narrativa televisiva”.

Essa mudança de paradigma acompanha o desenvolvimento tecnológico, ainda em curso, e também responsável por estimular o surgimento de novas formas de produção, circulação e recepção do conteúdo televisivo. Hoje, novos modelos de televisão se encontram

dispersos pelo cotidiano, em transportes públicos, dispositivos móveis individuais, computadores e nos próprios televisores, através das *smart TVs*, que dão acesso direto a plataformas como a Netflix, o Youtube e o próprio Globosat Play, no caso das TVs Panasonic, como mencionado anteriormente. Como atenta Silverstone (2005 apud BECKER, 2014, p. 4), se as tecnologias são moldadas pelo consumo, estas também influenciam as formas de interação social.

Diante da possibilidade de elaborar a própria grade de programação, a audiência se fragmentou por múltiplas telas e plataformas (MACHADO, 2011; BECKER, 2014). No entanto, ainda há um vínculo com o conteúdo televisivo estabelecido pela grade de programação das emissoras de TV aberta e paga, ao mesmo tempo em que as audiências também podem influenciar na produção e circulação de produtos culturais e midiáticos, embora em relações de produção e consumo assimétricas (BECKER, 2012, 2014). Afinal, a interatividade não se resume somente à ação mental de interpretação da audiência linear, mas também de ação e produção de conteúdos (OROZCO GÓMEZ, 2014, p. 107). Na era da convergência e da cultura participativa, os consumidores de mídia podem se tornar interagentes; isto é, aqueles que agem com o outro (PRIMO, 2003, p. 8). Nesse sentido, os níveis de interação no ambiente transmidiático podem variar qualitativamente entre a mais reativa e programada e aquela de maior reciprocidade e envolvimento (PRIMO, 2000, 2003). E, embora todos os dias surjam novas possibilidades de interação *na* e *pela* mídia, a experiência de interação com a televisão permanece circunscrita a determinadas faixas etárias e classes sociais (OROZCO GÓMEZ, 2014, p. 108-109), uma vez que grande parte da audiência ainda demonstra pouca mudança de comportamento em relação ao consumo televisivo.

Existem muitas perspectivas metodológicas de investigação do ambiente transmidiático. A Análise de Redes Sociais (ARS), por exemplo, é uma proposta interdisciplinar desenvolvida na metade do século XX para abordar as diferentes formas de organização social que vem sendo aplicada nos estudos das dinâmicas interacionais no ciberespaço (RECUERO, 2014). A ARS ganhou destaque porque mostra como as redes sociais digitais facilitam os estudos das interações entre os indivíduos ao registrar e armazenar interações e conversas em larga escala; no entanto, é uma abordagem com ênfase mais quantitativa que qualitativa, com foco nas estruturas e nos padrões emergentes das interações, de forma que não pode ser aplicada no estudo da produção de sentidos de determinados discursos em circulação nas redes sociais (RECUERO, 2014, p. 70). Outra proposta de estudo das interações no espaço transmidiático é a Análise de Sentimentos, ou *data mining* (LIU,

2010). Essa metodologia é amparada por uma abordagem computacional da produção discursiva opinativa dos interagentes a partir de inúmeros formatos textuais, como comentários, resenhas, blogs, notícias e discussões, e investe no estudo das emoções, as quais se mostram sempre de forma subjetiva. Com o uso de ferramentas de monitoramento específicas, tais estudos enfatizam as opiniões dos indivíduos, que variam entre positiva, negativa e neutra. São muito complexos e apreciados no mercado, pois extraem e sistematizam opiniões e sentimentos do *feedback* dos consumidores/usuários. Enfim, são procedimentos que têm contribuído para o desenvolvimento de metodologias de análise das interações dos produtos e das audiências no ambiente midiático, porém, ainda não revelam um potencial para compreensão das trocas simbólicas que acontecem nesses processos comunicativos, o principal foco desta Dissertação.

Sabe-se que os estudos de interações no Facebook, plataforma utilizada na análise desta pesquisa, são muito complexos. É um espaço compreendido pelos usuários como rede social, mas pensado como rede de informação por seus desenvolvedores. Por isso, permite-se a interação de usuários em linhas do tempo, páginas e grupos através de um determinado número de atividades, como comentar, responder um comentário, curtir ou compartilhar uma postagem, participar de grupos, criar páginas, avaliar um lugar, entre muitas outras. Apesar do grande número de possibilidades, não se estabelece uma relação de simetria com os gerenciadores da rede, de forma que, em algum momento, os usuários são limitados pelas opções disponíveis. Como rede de informação, o Facebook também utiliza uma série de algoritmos que alteram a interface de uso; curtir mais postagens de uma determinada página, por exemplo, faz com que os *posts* futuros da página apareçam com mais frequência na linha do tempo do usuário, isso sem mencionar o forte espaço publicitário oferecido pela plataforma.

É preciso reiterar que grande parte da audiência utiliza as redes sociais apenas para sinalizar um gosto ou aprovação, e não necessariamente se engajar de forma mais ativa. Assim, interagindo em níveis menores ou maiores, estes usuários se dividem entre simples buscadores de informação até fãs online, que em determinado momento podem se tornar produtores de conteúdo, “ampliando os sentidos oferecidos pelos recursos ficcionais da trama” a partir de experiências pessoais (MUNGIOLI et al., 2015, p. 18). Por isso, algumas pesquisas compreendem o fã como um sujeito-ator membro de uma comunidade coletiva (BOOTH, 2010 apud MUNGIOLI et al., 2015, p. 18-19); isto é, um agrupamento de indivíduos com interesses em comum unidos por algum mecanismo de adesão que indicará o ambiente e as possibilidades de interações. Os fãs se distinguem dos consumidores comuns

porque seu envolvimento emocional com a trama estabelece vínculos mais profundos, de forma que o indivíduo abraça uma performance específica em determinados grupos de interesse (DUTTON, 2011 apud MUNGIOLI et al., 2015, p. 20). Considerando que as estratégias de performance se referem às atividades de determinado participante para influenciar o outro (GOFFMAN, 2013 apud MUNGIOLI et al., 2015, p. 20) e que o gosto é expressão e marcador das identidades dos indivíduos (BOURDIEU, 1984 apud MUNGIOLI et al., 2015, p. 21), é possível dizer que o *self* do fã é construído e performatizado através das atividades de produção de conteúdo que são “impelidas por uma rede de motivações emergente das relações sociais e pelo modo como os fãs querem ser identificados nessas relações” (MUNGIOLI et al., 2015, p. 21).

Mas, apesar de a mídia estimular diferentes tipos de interação, alguns estudos apontam que, inseridos no ambiente transmidiático, muitos indivíduos adotam uma posição de “individualismo em rede” (KENDALL, 2011 apud MASSAROLO et al., 2015, p. 172). São sujeitos que não se identificam com comunidades específicas, e por isso se colocam no centro de vários conjuntos de redes pessoais para criar laços efêmeros e vínculos temporários (MASSAROLO et al., 2015, p. 158). Dispersos pelo ambiente transmidiático, entre redes sociais, blogs e websites, estes usuários se engajam em diferentes redes discursivas para se apropriar de múltiplos conteúdos sem necessariamente “assumir a identidade de uma comunidade” (MASSAROLO et al., 2015, p. 190).

### 3.1 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Com o auxílio destas perspectivas, a metodologia adotada para a análise das interações entre obra e audiência será inspirada pelas contribuições do Obitel Brasil<sup>121</sup>, que desenvolve um protocolo metodológico para investigar como as telenovelas circulam e buscam estabelecer interações com as audiências no ambiente transmidiático. O Observatório faz um relevante trabalho de monitoramento anual de todo o conteúdo ficcional exibido no país, embora no recorte empírico adotado sejam consideradas apenas as 10 ficções de maior

---

<sup>121</sup> Em 2015, o Obitel completa 10 anos de existência com a publicação de seu 8º anuário, que reúne o resultado dos registros quantitativos, das tendências e das estratégias transmídias observadas em 2014, realizados por diversos pesquisadores distribuídos nos países integrantes (Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Espanha, Estados Unidos, México, Peru, Portugal, Uruguai e Venezuela). Publicou-se, também, o 4º volume da Coleção Teledramaturgia, coletânea que, de 2 em 2 anos, discute as estratégias transmídias associadas às telenovelas. O Observatório possui um protocolo metodológico unificado para todos os países, pensando na coleta e análise de dados, conceituações e padrões de análise quantitativa e qualitativa (LOPES; OROZCO GÓMEZ, 2015, p. 16). As atividades metodológicas são: monitoramento anual sistemático dos programas de ficção televisiva, geração de dados quantitativos comparáveis, identificação dos dez títulos de ficção mais vistos do ano, análise das tendências, dos destaques do ano e de recepção transmídia (Ibid., p. 19-20).

audiência e repercussão no cenário nacional, todas da Rede Globo. O recorte é justificado, ainda, pelo padrão de qualidade das produções da emissora, o reconhecimento no mercado internacional e a instituição de um departamento responsável por produzir estratégias transmídias, um dos focos de interesse do Obitel e desta pesquisa. É um recorte bem definido, mas que deve ser repensado, pois sabe-se que nesse cenário de fragmentação os indicadores atuais para medir a audiência são insuficientes (BECKER; MACHADO, 2008; MACHADO; VÉLEZ, 2014; MASSAROLO et al., 2015) e que a metodologia do Ibope é constantemente questionada por outras emissoras<sup>122</sup>.

Como são muitos os diferentes desdobramentos possíveis para analisar a produção e circulação de sentidos entre os membros das audiências, foi preciso definir um *corpus* capaz de responder aos nossos questionamentos. Optamos por coletar os comentários das audiências postados na página oficial do seriado no Facebook<sup>123</sup> e não por utilizar questionários ou grupos de recepção, por razões que serão melhor explicadas mais adiante. Assim, para esta etapa da pesquisa, definimos dois momentos distintos, porém complementares. Em uma primeira fase avaliamos as estratégias transmídias adotadas por *Sessão de Terapia* para entendermos como a produção promove o seriado e o engajamento da audiência no espaço transmidiático e, mais especificamente, no Facebook.

Nesta primeira etapa, foram aplicadas as categorias de estratégias transmídias definidas pelos pesquisadores do Obitel, fundamentadas com os trabalhos de Jenkins (2008) e Ivan Askwith (2007), considerando a transmidiação como toda produção de sentido baseada na “reiteração, pervasividade e distribuição em distintas plataformas tecnológicas (TV, cinema, internet, celular etc.) de conteúdos associados cuja articulação está ancorada na cultura participativa estimulada pelos meios digitais” (FECHINE; FIGUEIRÔA; CIRNE, 2011, p. 27). Essa conceituação foi desenvolvida diante do desafio de pensar em estratégias relacionadas às telenovelas. Porém, é um conceito amplo, que pode ser aplicado na análise de diversos conteúdos e formatos, inclusive aqueles que não necessariamente produzam extensões ou desdobramentos narrativos.

Para a fundamentação teórica das categorias propostas pelo Obitel Brasil, foram utilizadas as seguintes noções: 1. Desdobramento e complementaridade, que operam na expansão das narrativas ficcionais em diferentes meios, propondo aprofundamentos à audiência; 2. Ressonância e retroalimentação de conteúdos, reverberados e repercutidos

---

<sup>122</sup> *Justiça obriga Ibope a revelar detalhes de sua metodologia ao SBT*. Publicada em 30 mar. 2015. Disponível em: <<http://migre.me/sppbs>>. Acesso em: 13 dez. 2015.

<sup>123</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/SessaoDeTerapia>>.

através do ambiente transmidiático para manter o engajamento e o interesse dos consumidores; 3. Imersão e extração, responsáveis por convidar o público para um jogo narrativo ficcional tomado como real, resultando em processos de produção de sentidos que incidem diretamente nas práticas cotidianas (FECHINE; FIGUEIRÔA; CIRNE, 2011). O conceito de transmídiação é aqui assumido como basilar e a análise se circunscreve apenas aos conteúdos habilitados; isto é, aqueles que circulam em espaços autorizados e são produzidos mediante a aceitação de determinadas condições, estipuladas pelos produtores. O conteúdo produzido pelos consumidores fora desses espaços é entendido como não-habilitado, pois embora pertençam à ordem discursiva destes projetos, não são oriundos de ações estratégicas que buscam promover o engajamento do consumidor.

A partir destas 3 noções, os pesquisadores identificaram e sistematizaram 9 categorias ou estratégias de produção de conteúdos transmídia<sup>124</sup>. Embora pensadas com o auxílio das telenovelas, estas estratégias, conforme mencionado anteriormente, podem ser aplicadas nos mais distintos produtos audiovisuais. No entanto, como refletiremos adiante, *Sessão de Terapia* apresenta poucos desdobramentos no ambiente transmidiático, de forma que se identifica a adoção pelo programa de apenas 4 das referidas estratégias. São elas: 1. Conteúdos de antecipação, disseminados através do ambiente transmidiático para estimular o interesse dos consumidores; 2. Recuperação, que permitem o resgate do conteúdo televisivo; 3. Remixagem, resultado da apropriação e ressignificação dos conteúdos televisivos e 4. Conteúdos informativos promocionais, os quais revelam o programa como um produto de entretenimento. No caso de *Sessão de Terapia*, só há uma extensão narrativa, que consiste no

---

<sup>124</sup> As noções que fundamentam o trabalho dos pesquisadores do Obitel refletem nas 9 categorias de estratégias transmídia traçadas. Estas estratégias são divididas em duas grandes categorias: as estratégias de propagação e estratégias de expansão. As de propagação se desdobram em outras duas categorias: conteúdos reformatados (subdividida entre conteúdos de Antecipação, Recuperação e Remixagem) e conteúdos informativos (Contextuais ou Promocionais). As estratégias de expansão também se dividem em duas: Conteúdos de extensão textual (subdividida em Extensões narrativas e Extensões diegéticas) e Conteúdos de extensão lúdica (Extensões vivenciais ou Extensões de marca). Na presente pesquisa, identificamos a possibilidade de uso de 4 dessas categorias. São elas: Antecipação, conteúdos disseminados em outras mídias/plataformas cujo objetivo é estimular o interesse dos consumidores; Recuperação, que permite o resgate de informações sobre a telenovela e até capítulos inteiros; Remixagem, conteúdos que resultam da apropriação em outro contexto e da ressignificação de sequências já exibidas; Conteúdos informativos promocionais, os quais visam revelar o programa como um produto de entretenimento ao apresentar o que está fora do universo proposto. As outras categorias são: Conteúdos informativos contextuais, os quais contribuem para o entendimento do universo proposto e auxiliam na imersão ao fornecer levantamentos históricos que contextualizam a obra para a audiência; Extensões narrativas, produções narrativas complementares ou auxiliares desenvolvidas em outras mídias; Extensões diegéticas, aquelas que oferecem conteúdos adicionais que não fazem parte do mundo ficcional e, sem incidir no desenvolvimento das ações, convocam o consumidor a mergulhar no mundo diegético; Extensões vivenciais, as quais estimulam o consumidor a mergulhar no universo ficcional através de uma proposta de vivência que implique envolvimento direto e ativo; Extensões de marca, conteúdos que deslocam do nível simbólico para o material o envolvimento e o consumo do universo narrativo (Ver Fachine et al., 2013, p. 19-60).

livro mencionado anteriormente, referente à 1ª temporada e que não compreende o recorte desta análise. A página do seriado no Facebook, além de funcionar como um espaço habilitado no ambiente transmídia, permite uma mínima interação com a audiência, ainda que seja utilizada basicamente para redirecionar o interagente para o site ou plataforma oficial de recuperação/reassistência, o GNT Play<sup>125</sup>.

Essa etapa preliminar permitiu pensar nas estratégias articuladas nas publicações da página oficial do seriado no Facebook, assim como selecionar os comentários a serem analisados no segundo momento deste estudo, em que investigamos como a audiência de *Sessão de Terapia* interage e produz sentidos. Esta segunda etapa foi inspirada na tipologia conduzida por Becker (2014), e pressupõe a aplicação das categorias: dúvidas, elogios, críticos, institucionais e outros. Apesar da ênfase nas enunciações discursivas dos interagentes, incluímos também aquelas publicadas pela própria página na sessão de comentários, mas apenas de forma complementar. Como veremos mais adiante, as estratégias adotadas pela série e a possibilidade de uma interação mais direta do público com a obra influenciam substancialmente na produção dos comentários, assim como as demandas das audiências também ajudam a definir, cada vez mais, os conteúdos audiovisuais.

Considerando que existem inúmeras limitações, dificuldades e divergências no que se refere aos estudos dos usuários nas redes (MUNGIOLI et al., 2015), assume-se a necessidade de realizar esforços metodológicos que buscam compreender as produções de sentido que emergem das relações entre produção e consumo da mídia. Portanto, esse estudo de recepção pretende elucidar os processos de produção e consumo de *Sessão de Terapia* inspirado nas contribuições de Hall (2003), Primo (2000, 2003) e Orozco Gómez (2014), assim como nos percursos metodológicos propostos pelo Obitel Brasil e pelos estudos de Becker (2012, 2014). A partir das 85 publicações coletadas da página oficial da série no Facebook<sup>126</sup>, espaço habilitado e coordenado por uma equipe vinculada ao canal GNT, realizamos uma leitura crítica dos comentários compartilhados nestas postagens. Porém, é preciso antes contextualizar os índices de audiência do programa possíveis de serem apurados.

### **3.2 AUDIÊNCIAS E ESTRATÉGIAS DE CIRCULAÇÃO DO SERIADO NO AMBIENTE TRANSMIDIÁTICO**

Neste ano, o Obitel Brasil apontou um crescimento considerável na produção televisiva, sendo o Brasil um dos cinco países que mais produziram conteúdo, ao lado de

---

<sup>125</sup> Disponível em: <<http://globosatplay.globo.com/gnt/>>.

<sup>126</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/SessaoDeTerapia/>>.

México, Portugal, Colômbia e Argentina. Percebeu-se também um aumento na oferta de títulos de nacionais e ibero-americanos, sendo a telenovela o gênero ficcional de maior expressividade, com 13 títulos produzidos. Em segundo lugar, foi o seriado, com 12 títulos produzidos na TV aberta, três a mais que em 2013, o que aponta o bom desempenho do gênero (LOPES; OROZCO GÓMEZ, 2015, p. 40-47). É nesse cenário que *Sessão de Terapia* surge como um caso raro, pois são poucas as séries televisivas brasileiras que ganham uma 3ª temporada na TV paga (MASSAROLO et al., 2015).

No entanto, é preciso reiterar que ainda são poucas as ferramentas disponíveis para medir os níveis de audiência no ambiente transmidiático, o que requer, muitas vezes, uma coleta de dados manual<sup>127</sup>. Sendo assim, apesar do GNT não divulgar os números, noticiou-se que a 1ª temporada de *Sessão de Terapia* atingiu 9 milhões de telespectadores, enquanto a 3ª alcançou um número inferior, em torno de 3 milhões<sup>128</sup>. Quanto ao alcance<sup>129</sup>, constatou-se que a 3ª temporada teve uma redução em comparação à anterior, em acordo com o gráfico (Gráfico 1) abaixo.

Gráfico 1 – Alcance de *Sessão de Terapia* na TV paga em horário nobre. Fonte: Ibope Media – Media Workstation – Pay TV (apud MASSAROLO et al., 2015, p. 165).



Dados também coletados pelo Obitel Brasil/UFSCar em março de 2015 apontam que os episódios da 3ª temporada atingiram aproximadamente 140 mil visualizações no GNT Play (Gráfico 2). Ou seja, algo em torno de 2 pontos no Ibope<sup>130</sup>.

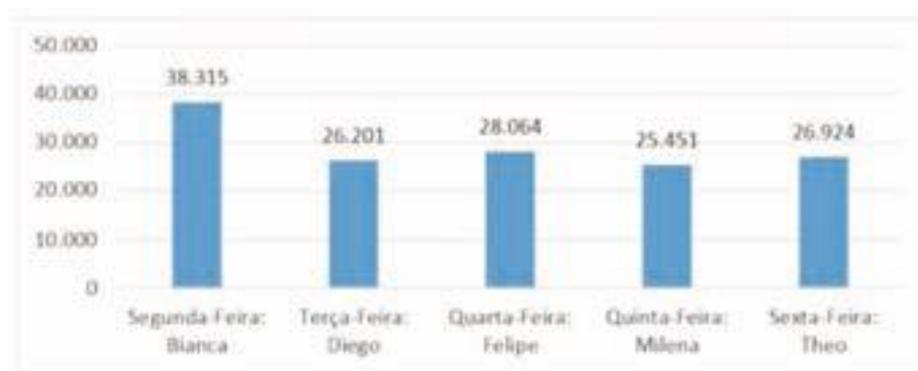
<sup>127</sup> A pesquisa do Obitel UFSCar utilizou, em princípio, uma ferramenta de coleta de dados nas redes sociais, mas as restrições impostas pelo Facebook para a coleta de menções brutas levaram os pesquisadores a optar pela coleta manual (MASSAROLO et al., 2015, p. 178), como também feito aqui.

<sup>128</sup> “*Sessão de Terapia*” deve ganhar quarta temporada no GNT. Disponível em <<http://migre.me/r8K19>>. Acesso em: 25 jul. 2015.

<sup>129</sup> Percentual de indivíduos de um *target* que assistiu pelo menos um minuto do programa (Ibid., p. 164).

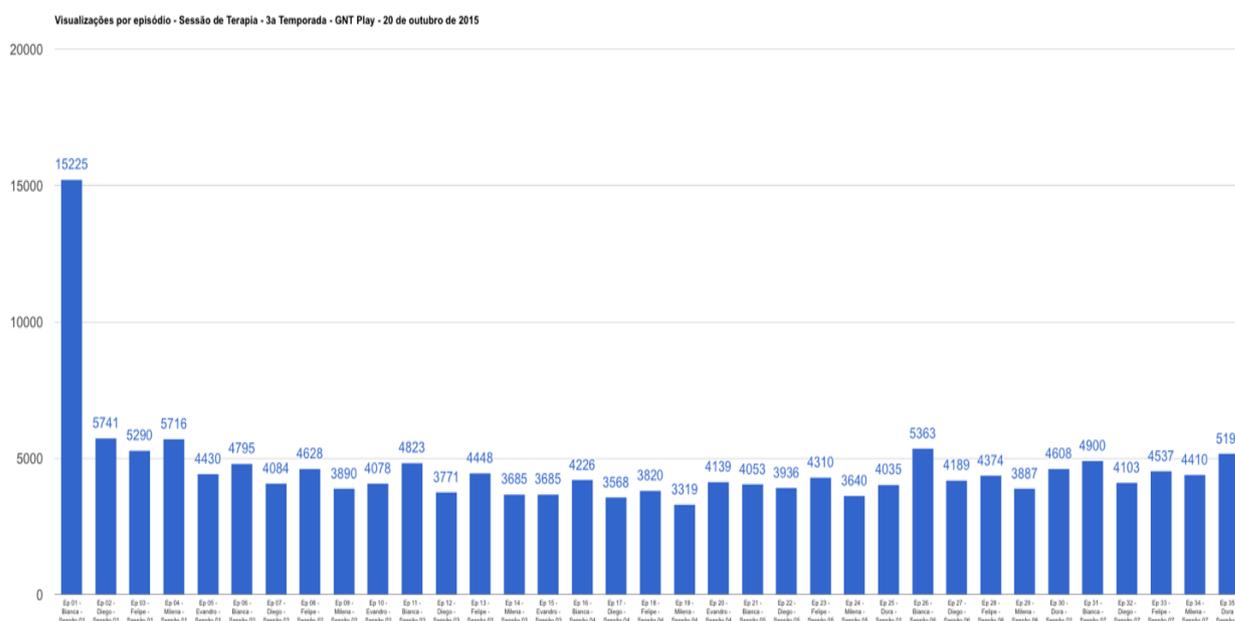
<sup>130</sup> Em 2015, 1 ponto no Ibope da TV aberta equivalia a, aproximadamente, 67 mil domicílios na Grande São Paulo. Disponível em: <<http://migre.me/soIwK>>. Acesso em: 13 dez. 2015.

Gráfico 2 – Visualizações de episódios da 3ª temporada no Globosat Play. Dados coletados em: 27 mar. 2015.  
 Fonte: Globosat Play (apud MASSAROLO et al., 2015, p. 168).



De acordo com os pesquisadores, esse resultado indica o uso da plataforma pela audiência para construir sua própria narrativa, acompanhando os pacientes e os respectivos arcos de forma fragmentada e independente; no caso, a de Bianca, única personagem a apresentar uma virada narrativa de maior expressividade (MASSAROLO et al., 2015, p. 168-169). No entanto, a análise das visualizações isoladas indica que apenas o 1º episódio da temporada, o de Bianca, apresenta um número maior de visualizações, em torno de 16 mil (Gráfico 3), o que representa menos de 1 ponto no Ibope<sup>131</sup>.

Gráfico 3 – Visualizações por cada um dos 35 episódios da 3ª temporada. Elaborado pelo autor em 20 out. 2015, com informações retiradas do GNT Play.



<sup>131</sup> Em 2015, 1 ponto no Ibope da TV aberta equivalia a, aproximadamente, 67 mil domicílios na Grande São Paulo. Disponível em: <<http://migre.me/soIwK>>. Acesso em: 13 dez. 2015.

Apesar de as outras sessões da paciente apresentarem números levemente mais elevados, todos os outros 34 episódios da temporada possuem entre 3 a 6 mil visualizações, indicando que mais usuários apenas assistiram à estreia, e não necessariamente acompanharam ou fragmentaram a estrutura episódica do seriado. Pode-se crer, ainda, que o interesse por Bianca se deve também à atriz intérprete da personagem, Letícia Sabatella, conhecida e admirada por grande parte do público.

A pesquisa do Obitel Brasil/UFSCar identificou ainda, a partir da análise de 7 sites especializados em filmes e séries, 373 publicações sobre *Sessão de Terapia*, sendo 108 destas referentes à 3ª temporada (MASSAROLO et al., 2015, p. 171), entre resenhas opinativas e notícias. A expressiva repercussão da série pode ser percebida também nas redes sociais, especialmente na página oficial no Facebook. O Twitter foi considerado a plataforma com o maior número de seguidores, mas, comparado ao Facebook, apresenta um número inferior de engajamento. No Facebook registrou-se o maior nível de interatividade entre os produtores-emissores e a audiência-interagentes, principalmente pelo alto número de compartilhamentos, mais de 57 mil (Tabela 1).

Tabela 1 - Dados de perfis oficiais nas redes sociais (4 de agosto a 21 de setembro de 2014). Fonte: Obitel Brasil/UFSCar (MASSAROLO et al., 2015, p. 164-165).

<b>Rede social</b>	<b>Ações da audiência</b>
Facebook ( <i>Sessão de Terapia</i> ) 291 mil seguidores	Curtidas: 213.779 Compartilhamentos: 57.022 Comentários: 10.069
Twitter (@canalgnt) 727 mil seguidores	Retweet: 2.150 Favoritos: 3.121
Instagram (@sessaodeterapiagnt) 2.558 seguidores	Curtidas: 11.899 Comentários: 1.009

Esses resultados auxiliam na justificativa de alguns pressupostos adotados pela pesquisa. No Facebook, foi criada uma página oficial do seriado, o que não aconteceu no Twitter, por exemplo, que utilizou a conta do canal GNT. Foi na plataforma que também houve mais interação entre a obra e audiências, apesar da dificuldade em acessar os resultados do engajamento do público nas redes sociais, o qual utiliza o Facebook para, entre muitas opções, curtir, comentar, compartilhar e postar; interações mais reativas (PRIMO, 2000) e que pré-determinam as opções de ação dos interagentes. A página *Sessão de Terapia* opera como um espaço institucional e habilitado, em que circulam informações produzidas pelo emissor-

produtor destinadas à audiência e o conteúdo produzido pelos interagentes em relação ao seriado. Por isso, diante dos índices de interatividade apresentados, optou-se por analisar os comentários publicados na página pelos usuários, já que a prática de comentar é uma das poucas possibilidades menos restritivas, pois estabelece um tipo de contato mais direto entre produção e audiência. Assume-se isto porque o ato de curtir, ainda que significativo, indica apenas alguma aprovação, enquanto que o acesso às postagens e aos compartilhamentos feitos pelos usuários referentes ao seriado é limitado pelas ferramentas de privacidade do Facebook<sup>132</sup>.

O *corpus* delimitado para o estudo de recepção da página do seriado no Facebook compreende o período de exibição de *Sessão de Terapia* na grade televisiva; ou seja, entre 4 de agosto e 21 de setembro de 2015, período em que foi ao ar diariamente, inclusive aos fins de semana. Atualmente, a página apresenta mais de 300 mil curtidas com raras atualizações<sup>133</sup>, mas no período estipulado foram coletadas 85 publicações por parte da produção e os comentários delas derivados. A classificação destas 85 publicações baseada nas categorias propostas pelo Obitel Brasil (FECHINE et al., 2013) permitiu identificar as estratégias de produção de conteúdos transmidiáticos adotadas pelo seriado para se aproximar das audiências.

Deve-se reiterar que o Facebook, embora seja uma plataforma útil e acessível para os estudos de interação entre uma obra audiovisual e as audiências, não corresponde à totalidade do público de uma obra, e pode ainda apresentar discrepâncias entre os números exibidos. Percebeu-se, por exemplo, que os números de comentários, algumas vezes, eram diferentes do que constava no corpo da seção, reforçando a necessidade e importância da coleta manual. O número total pode variar para mais ou para menos, mas, no exemplo abaixo (Figura 25), a plataforma indicava 69 comentários para a respectiva publicação, embora se tenha coletado e contabilizado 71 destes, organizados em 4 *printscreens*.

---

<sup>132</sup> Mercadologicamente, o compartilhamento é o que tem mais impacto, pois o usuário reapropria o conteúdo de outrem para si, tornando-o disponível para aqueles que acompanham sua linha do tempo, aumentando o alcance da publicação. No caso de *Sessão de Terapia*, os 57 mil compartilhamentos seriam inviáveis de análise; tanto pelo grande volume de dados quanto pela impossibilidade de acesso à muitos deles. O número de comentários indicado pela pesquisa do Obitel Brasil/UFSCar não corresponde ao desta pesquisa porque, como será visto mais adiante, é possível que o Facebook apresente algum erro quantitativo em sua plataforma.

<sup>133</sup> Desde 14 de outubro de 2014 a página não era atualizada. Em 2015, houve apenas duas postagens: uma para informar o recebimento do Prêmio Contigo 2015 de Melhor Série em Canal Fechado (10 de junho de 2015), e outra para promover um novo seriado do canal, *Espinosa* (14 de outubro de 2015).



Figura 25 – Exemplo de publicação – Post 18. Fonte: Página da série *Sessão de Terapia* no Facebook

De toda forma, foi durante o período de exibição do programa que tais publicações foram postadas pelos responsáveis da página oficial do seriado no Facebook<sup>134</sup>, em que, conforme mencionado anteriormente, identificamos quatro tipos distintos de estratégias transmídias adotadas pela produção para atrair as audiências. Estas 85 publicações foram separadas entre conteúdos de antecipação, recuperação, remixagem e informativos promocionais, em acordo com a tabela abaixo, a qual mostra, além da classificação desses conteúdos mediante as contribuições do Obitel, a ordem das publicações e suas respectivas datas, temáticas e números de comentários extraídos e utilizados no segundo momento do nosso estudo. A seção de comentários funciona como um espaço livre e aberto, que agrega as percepções dos interagentes sobre a obra, assim como as interações entre estes e com a própria página, que pode ou não responder aos comentários publicados. Durante o período estudado foram contabilizados um total de 7920 enunciações; 32 eram da própria produção em sua página e 7888 das audiências, todas categorizadas através da mencionada tipologia e melhor explicada mais adiante. É preciso ressaltar, desde já, que foi necessário um *corpus* tão volumoso, pois grande parte das manifestações das audiências eram muito breves ou reiterativas. Grande parte continha risadas, símbolos ou reforçavam percepções genéricas sobre a obra, de maneira que optamos por coletar o maior número possível de comentários, principalmente diante da difícil tarefa de investigar um processo subjetivo e de ordem sensível.

<sup>134</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/SessaoDeTerapia/>>.

Tabela 2 – As 85 publicações e seus respectivos comentários (coletados entre 4 ago. e 21 set. 2014).  
Tabela elaborada pelo autor em 19 dez. 2015.

<b>Informações sobre as 85 publicações do seriado em sua página oficial - Número, data e temática</b>	<b>Tipo de conteúdo publicado pela produção</b>	<b>Número de comentários da produção coletados em <i>printscreens</i></b>	<b>Número de comentários das audiências coletados em <i>printscreens</i></b>
Post 01- 04/08 – Estreia	Antecipação	3	193
Post 02 - 04/08 – Diário	Promocional	-	-
Post 03 - 04/08 – Diário	Promocional	-	-
Post 04 - 05/08 - Diego	Antecipação	7	234
Post 05 - 06/08 – Diário	Promocional	-	-
Post 06 - 06/08 –Felipe	Antecipação	3	202
Post 07 - 06/08 – Animal	Antecipação	-	18
Post 08 – 07/08 – Diário	Promocional	-	-
Post 09 – 08/08 – Theo	Antecipação	2	71
Post 10 - 08/08 - Diário	Promocional	-	-
Post 11 – 08/08 – Imperdível	Antecipação	1	114
Post 12 – 09/08 – Maratonas	Antecipação	-	119
Post 13 – 09/08 – Maratona Sábado	Antecipação	-	206
Post 14 – 10/08 – Maratona Domingo	Antecipação	-	61
Post 15 – 11/08 – Diário	Promocional	-	-
Post 16 – 11/08 – Bianca	Antecipação	-	171
Post 17 – 12/08 – Diário	Promocional	-	-
Post 18 – 13/08 – GNT Play	Recuperação	-	71
Post 19 – 13/08 - Diário	Promocional	-	-
Post 20 – 14/08 - Diário	Promocional	-	-
Post 21- 15/08 - Diário	Promocional	-	-
Post 22 – 16/08 - Maratona	Antecipação	-	46
Post 23 – 16/08 - Maratona	Antecipação	1	164
Post 24 – 18/08 – Diário	Promocional	-	-
Post 25 – 18/08 – Bianca	Antecipação	-	152
Post 26 – 19/08 - Diário	Promocional	-	-
Post 27 – 21/08 - Diário	Promocional	-	-

Post 28 – 21/08 – Felipe (Troca)	Antecipação	-	90
Post 29 – 22/08 – Milena x Felipe	Remixagem	3	524
Post 30 – 22/08 – Diário	Promocional	-	-
Post 31 – 23/08 – Maratona	Antecipação	-	104
Post 32 – 24/08 - Diário	Promocional	-	-
Post 33 – 25/08 - Diário	Promocional	-	-
Post 34 – 26/08 - Diário	Promocional	-	-
Post 35 – 27/08 - Diário	Promocional	-	-
Post 36 – 28/08 - Diário	Promocional	-	-
Post 37 – 28/08 – Milena	Antecipação	-	168
Post 38 – 29/08 – Enfim 100	Promocional	-	176
Post 39 – 29/08 - Diário	Promocional	-	-
Post 40 – 29/08 – 100 Hoje	Antecipação	1	166
Post 41 – 30/08 - Maratona	Antecipação	-	216
Post 42 – 01/09 – Diário	Promocional	-	-
Post 43 – 02/09 – Diário	Promocional	-	-
Post 44 – 03/09 – Diário	Promocional	-	-
Post 45 – 03/09 – Felipe	Antecipação	-	196
Post 46 – 04/09 – Diário	Promocional	-	-
Post 47 – 04/09 – Milena	Antecipação	-	142
Post 48 – 05/09 – Caixa de Lenços	Remixagem	1	107
Post 49 – 01/09 – Diário	Promocional	-	-
Post 50 – 05/09 – Diário	Promocional	-	-
Post 51 – 06/09 – Tour Consultório	Promocional	-	49
Post 52 – 06/09 – Maratona Sábado	Antecipação	-	156
Post 53 – 08/09 – Diário	Promocional	-	-
Post 54 – 08/09 – Bianca	Antecipação	-	399
Post 55 – 09/11 - Diego	Antecipação	-	236
Post 56 – 09/09 – Diário	Promocional	-	-
Post 57 – 10/09 – Diário	Promocional	-	-
Post 58 – 10/09 – Felipe	Antecipação	-	82
Post 59 – 11/09 – Diário	Promocional	-	-

Post 60 – 11/09 - Milena	Antecipação	-	127
Post 61 – 12/09 – Diário	Promocional	-	-
Post 62 – 12/09 – Theo/Dora	Antecipação	-	182
Post 63 – 13/09 – Diário	Promocional	-	-
Post 64 – 13/09 – Maratona	Antecipação	-	82
Post 65 – 14/09 – Diário	Promocional	-	-
Post 66 – 14/09 – Maratona	Antecipação	-	89
Post 67 – 15/09 – Diário	Promocional	-	-
Post 68 – 15/09 – Última Semana	Antecipação	2	234
Post 69 – 15/09 – Bianca	Antecipação	-	278
Post 70 – 16/09 – Diário	Promocional	-	-
Post 71 – 16/08 – Erros de Gravação	Promocional	-	164
Post 72 – 16/08 – Diego	Antecipação	-	104
Post 73 – 17/09 – Diário	Promocional	-	-
Post 74 – 17/09 – Felipe	Antecipação	-	164
Post 75 – 18/09 – Diário	Promocional	-	-
Post 76 – 18/09 – Milena	Antecipação	-	135
Post 77 – 19/09 – Diário	Promocional	-	-
Post 78 – 19/09 – Dora	Antecipação	2	99
Post 79 – 19/09 – Theo	Antecipação	4	244
Post 80 – 19/09 – Vídeo de Despedida	Promocional	2	581
Post 81 – 20/09 – Diário	Promocional	-	-
Post 82 – 20/09 – Maratona	Antecipação	-	202
Post 83 – 21/09 – Diário	Promocional	-	376
Post 84 – 21/09 – Última Maratona	Antecipação	-	68
Post 85 – 21/09 – GNT Play	Recuperação	-	128

Esta primeira etapa da análise, cujo foco era avaliar os modos pelos quais *Sessão de Terapia* estabelece relações com as audiências no ambiente transmidiático, permitiu observar que o seriado utiliza poucas estratégias de interação e engajamento. Constatamos que das 85 postagens ao longo de quase 2 meses, 37 eram conteúdos reformatados de antecipação, 2 eram remixagens, e outras 2 promoviam a plataforma de recuperação do conteúdo televisivo, o GNT Play<sup>135</sup>. A maior parte do conteúdo publicado, porém, foram os informativos promocionais. Das 44 publicações referentes à categoria, apenas 4 eram vídeos. Foram eles: cenas dos bastidores comemorando o 100º episódio, um tour pelo cenário/consultório de Theo, erros de gravação e um vídeo de despedida ao fim da temporada. As outras 40 publicações eram adições de fotos ao álbum *Diário de Bordo do Diretor | Terceira Temporada*, seção específica da página para divulgar fotografias dos ensaios e das gravações realizadas pelo diretor Selton Mello.

Quando a página adicionava novas fotografias, aproximadamente 4 por publicação, o público utilizava a própria seção de comentários do álbum para se manifestar, ao invés do espaço individual de cada foto. Assim, enquanto o álbum marcava mais de 7 mil curtidas e mais de 300 comentários, grande parte das fotografias apresentavam números inexpressivos de comentários ou curtidas. Das 159 fotos postadas, por exemplo, a mais comentada possui apenas 19 comentários, enquanto muitas sequer foram comentadas. É por esta razão que optamos por analisar, no segundo momento deste estudo, os comentários compartilhados nas referidas publicações e os 376 comentários coletados da seção de comentários do álbum, como indicado na tabela.

Assim, no que se refere às estratégias, notamos que as 37 publicações de conteúdos reformatados de antecipação serviam, como o nome já diz, para antecipar ao público a exibição do programa na grade televisiva, suscitando alguma dúvida ou apontando o paciente do dia. Promoviam, também, a *hashtag* oficial do seriado, #SessaoDeTerapiaNoGNT (Figura 26):

---

<sup>135</sup> Disponível em: <<http://globosatplay.globo.com/gnt/>>.



Figura 26 – Primeira Publicação – Post 1. Fonte: Página da série *Sessão de Terapia* no Facebook

A página também fez uma publicação para promover a nova série do GNT. Conforme visto anteriormente, *Animal* foi ao ar às quartas-feiras, após *Sessão de Terapia*; em 6 de agosto, dia da estreia, publicaram na página do seriado uma chamada de antecipação para estimular o interesse da audiência. A publicação recebeu 18 comentários, a maior parte elogiando a obra sem oferecer maiores críticas.

Outras 2 publicações promoviam a visualização do seriado através do GNT Play, plataforma de recuperação disponível aos assinantes dos canais Globosat. Quanto aos conteúdos reformatados remixados, os únicos 2 merecem destaque: o primeiro foi uma remixagem brincando com o erro de programação do dia 20 de agosto de 2014, que exibiu um episódio de Milena ao invés do de Felipe. Além de uma publicação de antecipação postada no dia 21 de agosto para apontar a troca, realizou-se um vídeo editado a partir de cenas do seriado em que Felipe chegava e interrompia a sessão de Milena. Entre dúvidas e confusões, o vídeo foi bem aceito pelos interagentes e fãs da página, recebendo mais de 2 mil curtidas (Figura 27):



Figura 27 – Milena x Felipe – Post 29. Fonte: Página da série *Sessão de Terapia* no Facebook

A segunda remixagem foi, também, institucional; publicou-se, no dia 5 de setembro de 2014, uma caixa de lenço para “testar a Milena”, personagem com TOC que no decorrer das sessões precisa ajeitar os objetos da mesa do terapeuta. É uma menção à narrativa, que só aqueles que possuem algum conhecimento sobre o seriado poderiam entender.

Nesse processo, é interessante notar como a audiência também influencia nas formas de produzir conteúdo, pois a remixagem é um processo normalmente associado aos interagentes do ambiente transmidiático. Ainda que a relação entre produtor e receptor seja assimétrica, se pode notar a influência de um no outro em suas respectivas práticas. Nesse caso, é uma prática institucionalizada, alinhada aos valores do produto e de suas marcas associadas, o que restringe, muitas vezes, as possibilidades criativas.

As publicações de maior engajamento eram híbridas e se dividiam entre a antecipação e a remixagem; em geral, estas postagens convidavam o usuário do espaço transmidiático para assistir, na televisão, os episódios do seriado. Algumas eram direcionadas para a maratona, estimulando a prática de *binge watching*<sup>136</sup>, mas dentro da televisão institucional e de *broadcast*. Sob forma de “antecipação remixada”, as publicações também continham citações dos episódios e convidavam os usuários a interagirem nos comentários, como se percebe na publicação abaixo (Figura 28):

<sup>136</sup> Termo em inglês também utilizado para definir a prática da maratona.



Figura 28 – Publicações com citações da série – Post 13. Fonte: Página da série *Sessão de Terapia* no Facebook

Estas publicações, ao convidarem os interagentes a refletirem de acordo com os “ensinamentos” do programa, foram as que apresentaram os maiores índices de interação entre a produção e a audiência; no exemplo acima, mais de 5 mil compartilhamentos. Ou seja, houve êxito na estratégia adotada de remixar trechos do roteiro do seriado com o objetivo de direcionar e provocar a audiência e promover maior engajamento entre o público.

No entanto, é preciso apontar que a maioria do conteúdo publicado na página oficial do seriado no Facebook durante no período de análise também está presente no site oficial<sup>137</sup>, o qual apresenta, ainda, alguns conteúdos extras, provavelmente divulgados antes da estreia da temporada e, conseqüentemente, anteriores à análise. Com isso, nota-se que a maior parte do conteúdo do site é de recuperação: trechos dos episódios, episódios inteiros (redirecionados para o GNT Play) ou informações sobre os episódios e as personagens. Não se percebe, por exemplo, nenhuma referência ao livro, a única extensão narrativa da história. De qualquer modo, a página oficial do seriado no Facebook ainda oferece alguns recursos interessantes e que devem ser mencionados, pois não parecem interessar aos interagentes; são aplicativos que permitem ao usuário criar imagens com frases do seriado ou sortear alguma de forma aleatória, gerando novos remixes institucionais (Figura 29). Outro aplicativo simula um pequeno fórum de discussão, mas está abandonado desde 2012 (Figura 30).

<sup>137</sup> Disponível em: <<http://gnt.globo.com/series/sessao-de-terapia/>>.

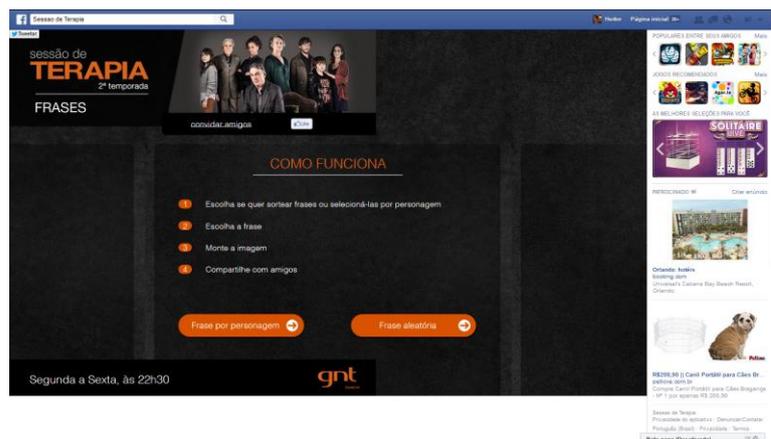


Figura 29 – Aplicativo para montar imagens com citações do seriado.  
Fonte: Página da série *Sessão de Terapia* no Facebook



Figura 30 – Fórum oficial do Facebook, abandonado desde 2012.  
Fonte: Página da série *Sessão de Terapia* no Facebook

Esta primeira fase do estudo de recepção não identificou também publicações referentes aos aplicativos disponibilizados na página oficial. Portanto, conclui-se que a circulação do seriado no ambiente transmídia é pouco expressiva, considerando que todo o conteúdo produzido visa a redirecionar a atenção da audiência para a televisão ou promover somente a ordem discursiva em torno da obra. Sem ser concebido como um projeto transmídia, percebe-se um esforço de construção do universo ficcional, mas parece não haver interesse dos produtores-emissores em promover a integração entre as múltiplas mídias e plataformas que o ambiente transmidiático oferece; apesar do GNT Play ser mencionado em 2 publicações e em algumas respostas institucionais, como veremos adiante, ele não parece ser compreendido como uma plataforma primária, e sim secundária, já que não recebe a mesma ênfase que a TV. É preciso reiterar, também, que todo o conteúdo analisado não interfere na concepção do universo ficcional e na estrutura narrativa. O livro, nesse caso, poderia oferecer ao telespectador uma complementaridade à trama, mas poderia circular pela web em formato de blog, uma estratégia

de extensão diegética adotada em várias produções transmídias da Rede Globo (FECHINE et al., 2013), ou até mesmo, como lembra Massarolo et al. (2015, p. 191), transpor a história em quadrinhos feita por Diego e revelada à Theo no decorrer da temporada.

Também nesta etapa, percebemos que o seriado é pouco atuante no ambiente transmidiático; ou seja, é um projeto que, embora atue e circule neste ambiente, não parece ser pensado ou planejado estrategicamente como tal. No entanto, o programa é exibido com um mínimo de interação, pois ainda que a audiência não seja capaz de incidir no processo criativo ou na execução do programa, ela pode interagir com a esfera da produção através das redes sociais. O Twitter, explorado na pesquisa de Massarolo et al. (2015) mencionada anteriormente, era utilizado para promover discussões sobre o episódio enquanto este ia ao ar. Durante os créditos, havia a inserção de *tweets* selecionados; ou seja, dedicavam o último minuto do episódio para replicar estes comentários, tentando assegurar toda a atenção da audiência-interagente até o último momento.

Como era esperado, constatamos que, no Facebook, as interações aconteciam de maneira um pouco distinta. Conforme explicado anteriormente, a plataforma designa a seus usuários determinadas interações pré-programadas, sendo toda sua estrutura muito mais reativa (PRIMO, 2000). Isso certamente motiva o engajamento de uma maior parte da audiência, afinal, nem todos aqueles que estão no ambiente midiático querem, de fato, produzir algum conteúdo, mas sim buscar informações, indicar um gosto ou concordância com alguma coisa, e por isso utilizam as rápidas reações disponíveis. Algumas destas possibilidades, no entanto, permitem e exigem uma mínima produção discursiva, como é o caso do comentário. No Facebook, a sessão de comentários de cada publicação funciona como um espaço de interação, em que um comentário pode ser curtido ou respondido inúmeras vezes pelos outros usuários ou pela própria página. Ou seja, há uma interação discursiva espontânea entre a obra, representada pela página institucional, e os múltiplos interagentes que, em maioria, fazem parte da audiência.

Conforme a orientação metodológica do Obitel, optou-se pela análise de um espaço habilitado, que promove o engajamento da audiência através de determinadas estratégias de produção de conteúdos, ainda que não necessariamente ofereçam desdobramentos narrativos. O Facebook abriga espaços não-habilitados, como a página *Sessão de Terapia – Frases*<sup>138</sup> e o grupo

---

<sup>138</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/SessaoDeTerapiaFrases/?fref=ts>>.

*Sessão de Terapia*<sup>139</sup>, mas estes não oferecem nenhuma ação proposta pelo produtor-emissor, de forma que a interação se dá apenas entre os interagentes que consomem o seriado<sup>140</sup>.

As perspectivas metodológicas discutidas anteriormente auxiliaram no processo de categorização. Nesta fase desse estudo de recepção, percebeu-se que muitas das enunciações poderiam se encaixar em mais de uma categoria, exigindo a extração da subjetividade e o sentimento do comentário, identificados como poderia ser positivo, negativo ou neutro. Considerando o outro objetivo desta pesquisa, isto é, entender os processos de comunicação e interação entre obra e audiência e sua produção de sentidos, a segunda fase desta análise consistiu em buscar, nestes comentários, as marcas do terapêutico sintetizadas anteriormente, e indicações de como as audiências atribuem sentidos à *Sessão de Terapia*; isto é, o que estes interagentes fazem com a mídia, pois a hipótese da Terapia Midiática se configura como uma prática sociocultural realizada entre produção e consumo.

### 3.3 UMA LEITURA CRÍTICA DAS INTERAÇÕES NO FACEBOOK

Agora que já sabemos como *Sessão de Terapia* propõe certas formas de engajamento e direcionamentos para a apreensão da série no ambiente transmidiático, é preciso entender como as audiências interagem e como se dão as produções de sentidos. Sabe-se que o conteúdo produzido pela audiência é normalmente volumoso e apresenta pouco conteúdo crítico (LOPES, 2011). Contudo, quando avaliados quantitativa e qualitativamente, podem ser valiosos para compreendermos como as audiências interagem e atribuem sentidos à determinadas obras audiovisuais. Por isso, para alcançarmos os resultados pretendidos nesta segunda etapa do estudo, buscamos como inspiração metodológica a tipologia proposta por Becker (2014), que nos auxiliou a identificar, classificar e perceber como as 7920 breves enunciações extraídas da seção de comentários das publicações analisadas anteriormente produzem sentidos. Desse total, 32 comentários eram respostas da própria página aos interagentes, enquanto 7888 foram enunciações publicadas pelos próprios interagentes. Assim, analisamos e sistematizamos todo esse *corpus* de acordo com a tabela abaixo (Tabela 3):

Tabela 3 - Sistematização dos comentários da página e das audiências de acordo com a tipologia de Becker (2014). Elaborada pelo autor em 19 dez. 2015.

Dúvidas	Elogios	Críticos	Institucionais	Outros	Total
362	4894	1527	32	1106	7920

<sup>139</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/sessaodeterapia/?fref=ts>>.

<sup>140</sup> Na realidade, ambos parecem abandonados. A página de frases não é atualizada desde agosto de 2015, enquanto o grupo de discussão só tem sido alimentado por um dos administradores.

Conforme mencionado anteriormente, as 85 postagens serviram como um ponto de partida para o segundo momento desse estudo, pois todos os comentários colhidos derivavam dos conteúdos publicados na página oficial do seriado no Facebook. No entanto, a maioria destes eram breves ou até mesmo constituídos por símbolos; muitos eram redundantes, especialmente os elogios, de maneira que foi necessário coletar um *corpus* correspondente a todas as enunciações publicadas durante a exibição da terceira temporada de *Sessão de Terapia*, o que resultou em um material mais volumoso, porém com mais conteúdo para a leitura crítica pretendida. A tipologia proposta por Becker (2014) é aplicada na leitura crítica destes breves comentários, divididos em 5 categorias distintas. É preciso reiterar que, embora este seja um estudo de recepção, não se pode ignorar os processos de interação entre a obra e os membros das audiências, afinal, a seção de comentários é um dos poucos espaços no ambiente midiático que permite um contato mais direto entre o público e a produção. Por isso, utilizamos as categorias da seguinte forma:

1. Dúvidas - Compreende apenas as perguntas dos interagentes; elas são as mais variadas, e há perguntas sobre os horários de exibição, personagens, temporadas, como acessar o GNT Play, se há sites que não precisam de login e senha (isto é, espaços de consumo não-habilitados e, provavelmente, ilegais) e até mesmo dúvidas sobre conceitos de Psicologia. Consideramos esses comentários mais neutros do que aqueles manifestados em outras categorias (“Alguém sabe onde eu consigo baixar os episódios? Tenho faculdade e não consigo assistir” ou “então o parceiro também pode contribuir no caso de um codependente?”).

2. Elogios – Nesta categoria reunimos todos os comentários que, em geral, expressam um sentimento positivo frente à obra; algumas vezes surgem apontamentos que indicam um certo “processo terapêutico”, iniciado pelas audiências e estimulado pelo seriado. Mas, muitas vezes, são breves e repetitivos, e emitem percepções mais genéricas sobre a obra (“muito bom”, “parabéns pelo sucesso”, entre outros).

3. Críticos – Correspondem às enunciações do público mais complexas; estas discorrem sobre as características estéticas e enunciativas do seriado; indicam, também, aspectos negativos (“mostrou o lado humano da terapeuta/supervisora” ou “a série é excelente, mas é curta demais, não leva o tempo de uma sessão real”).

4. Institucionais – São os comentários publicados pela própria página, em resposta aos interagentes. Estas 32 enunciações discursivas, embora não pertençam à recepção, fornecem informações importantes sobre os processos de interação entre obra e audiência no espaço

designado; isto é, a página oficial da série no Facebook (“Olá Inês! Hoje, a partir das 21h30 e, domingo, a partir das 18h, tem reapresentação de todos os episódios da semana em sequência!”).

5. Outros – Compreende tudo aquilo que não se refere diretamente à obra ou de que não se pode extrair qualquer subjetividade; são enunciações de caráter mais complementar, como aquelas em que os usuários marcam outras pessoas, o que até pode ser visto como positivo, pois é a repercussão da obra, mas sem atribuir significações específicas ao seriado (“Viu isso, Leonardo Almeida?”).

Em síntese, com o auxílio destas categorias, nos propomos a investigar o processo de Terapia Midiática do ponto de vista do público de *Sessão de Terapia*; ou seja, como as audiências atribuem sentidos ao seriado, o qual operacionaliza a cultura terapêutica por meio da linguagem televisiva, e como acontecem os processos de interação entre a obra e os interagentes em uma página oficial no Facebook.

### **3.3.1 AVALIAÇÃO QUANTITATIVA**

A categorização dos comentários publicados nas respectivas publicações analisadas aponta informações importantes para entendermos os processos de interação e produção de sentidos. Essa primeira reflexão é reforçada porque, através dela, pode-se perceber um número quase inexpressivo de enunciações institucionais, o que indica um mau uso da rede para interagir com seu público. Durante o período de análise, a página respondeu os interagentes apenas 32 vezes. Não por acaso, no dia 22 de setembro, na última publicação coletada e no dia posterior à última maratona na TV, Fêre Rocha faz o seguinte protesto: “Ei social media da página Sessão de Terapia, alô GNT! Somos fãs da série, usem as redes sociais para responder o pessoal. Páginas são trocas de experiência, não deixem sua audiência no vácuo”.

No que se refere às 7888 enunciações discursivas das audiências, o alto número de elogios pode ser justificado pela percepção de Lopes (2011) sobre espaços de interação das audiências, que avaliam a obra positivamente a fim de evitar maiores discordâncias. O exemplo abaixo ajuda a expor como funciona a dinâmica desse lugar de troca de experiências em que, por mais que um comentário negativo seja motivo de discussão e debate, o que prevalece é a percepção dos fãs do produto, os quais tendem a expressar que curtiram a página, esvaziando conflitos. O comentário de Marina Helena Preis não é bem-vindo naquele espaço, enquanto a resposta defensiva de Marilda Teixeira, fã do seriado que critica a percepção de Maria Helena, tem 7 vezes mais curtidas (Figura 31):

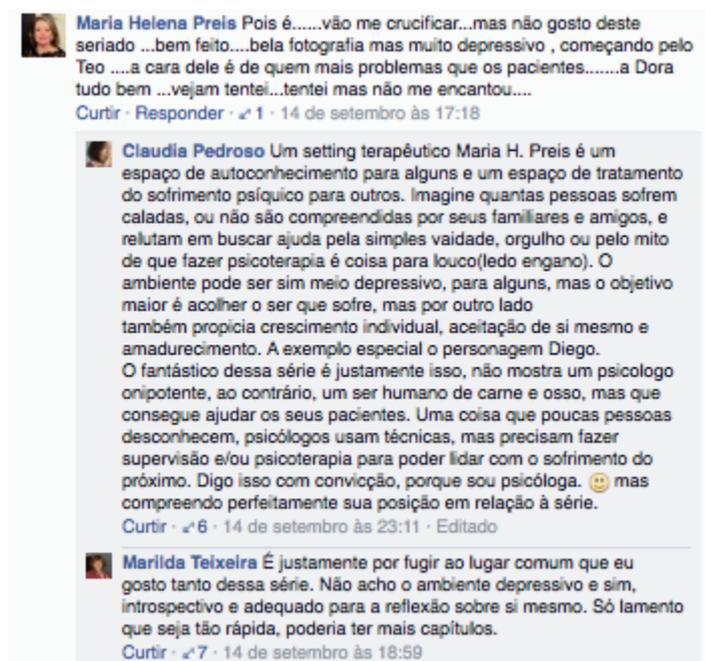


Figura 31 – Tipo de interação no Facebook – Post 66 – Maratona.  
Fonte: Página da série *Sessão de Terapia* no Facebook

Não houve a intenção de aferir a quantidade de comentários puramente negativos, mas alguns se mostraram realmente contrários ao programa. Embora fossem poucos, a maioria destes apontavam o aspecto “depressivo” e “de velório” que a série inspira; nesse caso, são críticas que dão ênfase ao uso de cores escuras ou ao tom sério dos atores. Mas nota-se alguns comentários negativos mais pertinentes: no dia da estreia, por exemplo, a interagente identificada como Gloreas Goreana Gloreativa foi a única a apontar, durante todo o período de análise, a quase ausência de atores negros, índios e pardos, amenizada pela presença de Camila Pitanga nesta temporada<sup>141</sup>. Ela questiona: “todo mundo de preto, caras fechadas e apenas o barbudo sorrindo, só tem pessoas brancas, tem certeza que a série não é na Suécia ou um funeral?”.

De toda forma, os comentários críticos eram mais frequentes nas publicações próximas da estreia ou do encerramento da temporada. A narrativa de Bianca é um desses exemplos; embora tenha sido apreciada pela maioria do público, houve quem não gostasse do desenrolar da trama. Andrea Vaz, por exemplo, considerou a narrativa “um tanto quanto surreal. Uma paciente que manipula há mais de um mês. Limítrofe. Perigosa para a sociedade que sai de braços dados com o marido do consultório, mesmo largando o filho em qualquer lugar”. E, embora muitos dos interagentes possuíssem suas personagens favoritas, não se conseguiu identificar nenhuma com alto índice de rejeição.

<sup>141</sup> Durante as três temporadas do seriado, notou-se a presença de apenas duas atrizes negras: Camila Pitanga e Adriana Lessa, intérprete de Paula, paciente de Theo durante a 2ª temporada.

Foi também possível perceber que as dúvidas se manifestaram em menor número, pois a maioria das informações buscadas pelos interagentes foram encontradas dispostas no Facebook, nas publicações e até mesmo no site oficial do seriado. Algumas podem ser percebidas, inclusive, nos exemplos aqui mostrados, mas são incontáveis as variáveis discursivas desta categoria. Se alguns interagentes pediam para que outros contassem o que aconteceu, muitos outros solicitavam a atualização dos episódios disponíveis no NOW, serviço de *Vídeo-On-Demand* da NET, no qual *Sessão de Terapia* também circula. No dia 23 de setembro, após o fim da série, Janaína Leite comenta: “Acho que não estão atualizando o Now para irmos ao GNT Play”. Apesar do caráter especulativo do comentário, ele pode indicar uma percepção na ênfase no GNT Play, plataforma reiterada pela página do seriado e site oficial. Uma postura que faz sentido, considerando que o NOW é um serviço exclusivo para assinantes da operadora NET, o que não compreende a totalidade do público da série, embora seja uma das maiores do país e parte da empresa Telmex, que controla também a Claro e a Embratel, um total de mais de 50% do mercado<sup>142</sup>.

### 3.3.2 INTERPRETAÇÃO DAS ENUNCIACÕES

São muitos os comentários elogiando o trabalho dos atores e da fotografia, tanto quanto aqueles que criticam o som. Estes são mais frequentes nas publicações iniciais e a página até responde alguns interagentes, perguntando a operadora e região do reclamante. Porém, Marilda Teixeira, no exemplo abaixo, ficou sem réplica após informar ser assinante da NET e concluir que não é a única a ter problema no áudio (Figura 32). Nota-se que estas críticas são atenuadas do meio para o final da exibição, mas muitos dos usuários sugerem a melhora do som para uma próxima temporada.

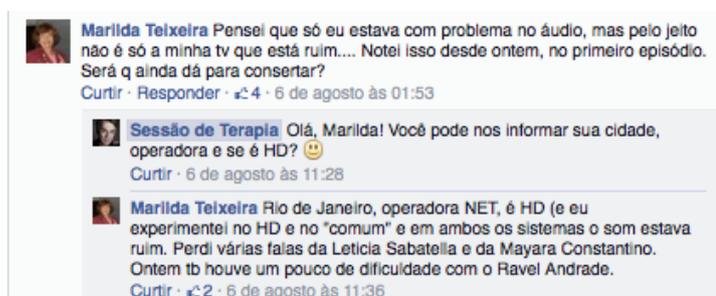


Figura 32 – Problemas no som – Post 4 – Diego. Fonte: Página da série *Sessão de Terapia* no Facebook

<sup>142</sup> *Brasil tem 19,7 mi de assinantes de TV paga*. Disponível em: <<http://migre.me/sqiHP>>. Acesso em: 16 dez. 2015.

A questão do som é também motivo de debate, sempre harmônico, entre os interagentes mais críticos. Natália Russo publicou, em 20 de agosto, que o áudio é abafado pela própria estética da obra. Ela diz acreditar:

[...] que essa questão do som tem muito a ver com o ambiente do seriado. É uma “sala” de atendimento psicoterápico, as pessoas não falam alto. Acredito que seja por isso que o som é mais baixo. Existe também a imagem de serenidade que o Theo demonstra nas falas dele, não teria a mesma impressão se ele usasse um tom de voz normal.

No entanto, em 25 de agosto, Rúbria Bandeira Reis afirma que não se trata da altura do som, “mas sim a ‘nitidez’ (qualidade) do som”. Diante de uma audiência plenamente crítica, surge, ainda, uma indicação do som como um dos desafios da indústria nacional; Geraldo Melo, em 6 de agosto, afirma que “esse problema do áudio parece ser comum no cinema brasileiro também”.

Apesar de algumas críticas indicarem o problema do som desde a 1ª temporada, o seriado é sempre considerado tecnicamente excelente; há muito elogio à equipe, principalmente aos atores e ao diretor, Selton Mello, que muitas vezes se torna o interlocutor dos interagentes. Alguns se dirigem diretamente a ele, oferecendo sugestões ou dando elogios. É o caso de Maria de Fátima Oliveira Dutra, que sugere uma mudança de abordagem terapêutica para Theo baseando-se em seu conhecimento sobre o assunto (Figura 33):

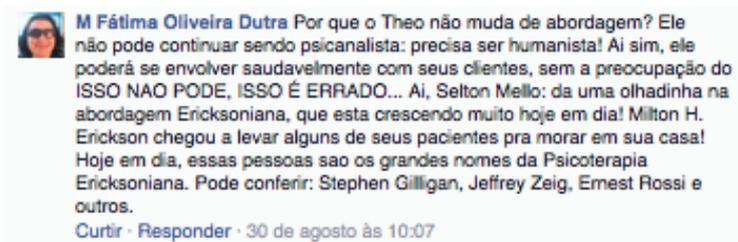


Figura 33 – Sugestão de abordagem terapêutica – Post 40 – 100 Hoje.  
Fonte: Página da série *Sessão de Terapia* no Facebook

Selton Mello não responde diretamente nenhum destes, mas foi possível perceber o entusiasmo de duas atrizes do elenco, Letícia Sabatella e Selma Egrei, que também comentaram em publicações, mas sem interagir diretamente com algum usuário (Figuras 34 e 35):



Figura 34 – Comentário de Letícia Sabatella – Post 16 – Bianca.  
Fonte: Página da série *Sessão de Terapia* no Facebook



Figura 35 – Comentário de Selma Egrei – Post 80 – Vídeo de Despedida.  
Fonte: Página da série *Sessão de Terapia* no Facebook

Embora esta pesquisa não considere as características referenciais dos interagentes da audiência, principalmente pela impossibilidade de acesso a elas por questões de privacidade, constatou-se que a maior parte destes eram mulheres. Todos os exemplos mostram, ainda, as manifestações do terapêutico nas enunciações das audiências. Primeiro pela ênfase na palavra e nos diálogos, uma das características dessa prática discursiva que, no seriado, encontra problemas técnicos e produz reclamações, e segundo porque uma expressiva parcela da audiência é composta por terapeutas, psicólogos e profissionais da área da Psicologia, que veem sua prática reconhecida e bem representada na televisão, enquanto avaliam, comentam e aprendem com as ações do especialista ficcional. Estes terapeutas endossam os ensinamentos da série, utilizando-a até mesmo como ferramenta de ensino, pois estudantes e professores de Psicologia afirmam aprender com a obra e reforçam o potencial educativo no uso da mídia. Silvia Ivancko, em 8 de agosto, diz:

Sou terapeuta e professora de pós, e depois de tantos filmes e programinhas ridicularizando nossa profissão, é com muito orgulho que finalmente assisto uma representação séria, verdadeira; que valoriza a terapia e o terapeuta! Agradeço imensamente ao Selton e toda sua equipe!

Já Lullu Pinker, estudante, faz o seguinte comentário sobre a 3ª temporada: “Foi perfeito, pra mim, particularmente, que sou estudante dessa maravilhosa ciência, serviu de inspiração para o futuro. Parabéns pelo trabalho incrível de toda essa equipe”.

É possível notar as marcas do terapêutico em todos os comentários, principalmente naqueles classificados como elogios e críticos, pois muitos reiteram como o seriado traz mais entendimento e compreensão sobre a vida contemporânea em relação a conflitos universais e faz circular um tipo específico de conhecimento através de uma estética audiovisual sensível e de qualidade. Gley Marques, por exemplo, afirma em 20 de setembro que “não há como não se interessar pelos dramas psíquicos individuais ou familiares apresentados de forma viva e pertinente à nossa contemporaneidade. Parabéns!”. Já Rosi Andrade Mantini diz que “vocês realmente pesquisaram qual é o papel do psicólogo e até como geralmente se comporta. [...] Em nome da minha classe, obrigado por divulgar tão bem nossa profissão”. No entanto, em 21 de setembro, Jj Martins se diz emocionado e se declara paciente, também, de Theo (Figura 36):

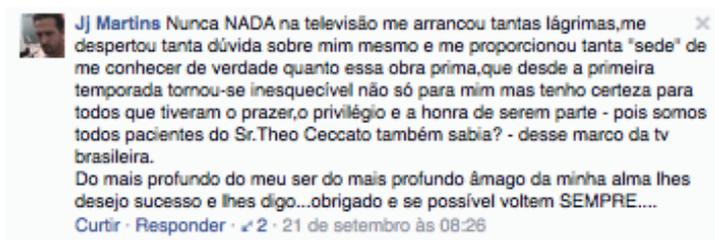


Figura 36 – Depoimento de um “paciente” de Theo – Post 80 – Vídeo de Despedida.  
Fonte: Página da série *Sessão de Terapia* no Facebook

Todos estes comentários giram em torno do processo de imersão oferecido pela obra, que se propõe a simular uma sessão de terapia ao espectador, disposto a embarcar nela, seja como especialista ou paciente. Assim, cada membro da audiência é livre para assumir as posições discursivas oferecidas por *Sessão de Terapia*, que estimula um jogo constante em que os espectadores são convidados a trocar de lugar. Enquanto todos são convidados como pacientes, a trama, que também inspira suspense, convida sua audiência a especular e adivinhar o que virá mais adiante.

Tal jogo com os elementos do drama e do suspense acontece no decorrer da narrativa de Bianca, que esconde sua doença de Theo. A discussão em torno da personagem é interessante, pois em um primeiro momento o tema abordado gira em torno da violência doméstica e de relacionamentos pouco saudáveis. Muitos realçam a importância desta temática, como Karina Campos, que em 11 de agosto afirmou que Bianca “é o retrato literal do falso/utópico mundo da ‘mulher moderna’, ainda repreendida pelo machismo”. Posteriormente, conforme a história se desenrola e a doença de Bianca é revelada, muitos se declaram chocados e elogiam o trabalho de Letícia Sabatella. No entanto, o desvelo do transtorno psiquiátrico não altera a percepção de alguns interagentes sobre a personagem, ainda vista como mentirosa. Como sua história foi desenvolvida através de elementos vinculados ao suspense, a personagem acaba não inspirando tanta compaixão pelo público. A virada temática revela que a narrativa de Bianca não envolve nenhum grande mistério, mas sim uma grave doença, o que leva Lucilene Isidoro, em 15 de setembro, a corrigir uma outra interagente, que julgava ter “caído a máscara” da personagem. Como lembra Lucilene, não é nenhuma máscara, mas sim a doença da personagem.

Outras personagens, no entanto, provocam maiores processos de identificação, principalmente pelo viés mais melodramático da narrativa. Milena, viúva de Breno, da 1ª temporada, e portadora de TOC, faz com que alguns interagentes se identifiquem com ela e com seu transtorno, se declarando também portadores da doença. Bruno Ramirez, por exemplo, se declara portador de TOC, e questiona “O Theo falou que isso é repressão dos

próprios sentimentos. Afinal, que sentimentos seriam esses?”. Já Cristiani Silva, em 11 de setembro, narra a superação da doença através da medicação e terapia, vindo a ser elogiada pela exposição e “coragem de vencer” (Figura 37):

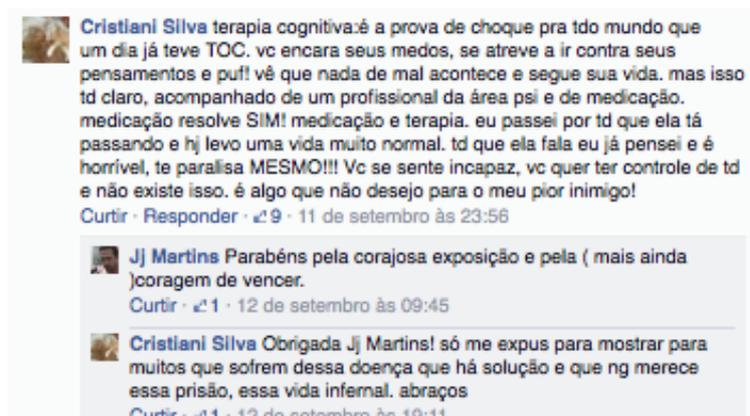


Figura 37 – Depoimento de Cristiani, portadora de TOC – Post 60 – Milena.  
Fonte: Página da série *Sessão de Terapia* no Facebook

Ao mesmo tempo, a demanda e expectativa depositada no programa de TV como uma ferramenta para superação de conflitos e problemas pessoais é perceptível no comentário de Dina Botelho, que em 28 de agosto de 2014 lamentou a ausência do GNT em sua TV; segundo ela, interessava “tanto assistir a terapia porque o meu problema é igual ao da Milena, só que o meu é lavar as mãos o dia todo, tenho medo de todas doenças contagiosas”. Tal desabafo só nos faz lembrar que o processo terapêutico em si não é tão acessível, como o próprio GNT, disponível somente mediante assinatura<sup>143</sup>.

Assim, como se pode notar, o terapêutico está presente em muitas enunciações das audiências relacionadas à *Sessão de Terapia*. No entanto, apesar de ser anormal e normativo, a audiência nem sempre funciona sempre desta forma. Felipe, personagem homossexual da temporada, é aceito por grande parte do público, mas há uma pequena parcela conservadora que critica a personagem. Logo no primeiro episódio de Felipe, exibido em 6 de agosto, Maiza França reclama da “frescura da Globo” que faz “apelo desse tipo de tema (gay) em todos os programas”. Edna Muller, uma interagente da página que se declara fã do seriado, também dá a entender que Felipe será infeliz por ser gay (Figura 38). Essa hipótese é reforçada por outros depoimentos da usuária, que se declara “chocada” por um suposto beijo de Zécarlos Machado, intérprete de Theo, em um outro homem durante a comemoração de estreia da 3ª temporada (Figura 39):

<sup>143</sup> Na tabela de honorários dos Psicólogos, utilizada como documento de referência nacional de valores, o acompanhamento psicoterapêutico está cotado entre R\$ 104,96 e R\$ 198,26, embora caiba ao profissional decidir, em comum-acordo com o cliente, os valores cobrados pelos serviços. Disponível em: <<http://site.cfp.org.br/servicos/tabela-de-honorarios/>>. Acesso em: 20 jan. 2016.



Figura 38 – Comentário homofóbico – Post 45 – Felipe.  
Fonte: Página da série *Sessão de Terapia* no Facebook



Figura 39 – Mais comentários homofóbicos – Post 37 – Milena.  
Fonte: Página da série *Sessão de Terapia* no Facebook

Mesmo assim, Felipe dialoga com muitos interagentes; alguns dizem se identificar com a narrativa da personagem, que vive “no armário”. Manuela Araújo é uma delas, que em 11 de setembro publicou um comentário em que questiona as convenções de uma sociedade ainda conservadora e patriarcal e diz chorar em quase todas as sessões. A interagente declara que sua identificação com Felipe não é pela sexualidade, e sim pela:

[...] opção de trabalho. Rs. Mas chega a ser engraçado como em outros aspectos importantes da vida muita gente vive “dentro do armário”, e mesmo não sendo homossexual consigo sentir e entender perfeitamente a dor que ele sente. Quantas coisas genuínas nossas não ficam “trancadas” dentro da gente por não serem aceitas socialmente? Profissão que paga pouco, vida alternativa, escolha de como viver. [...] E garanto, é impossível ser feliz e viver plenamente se escondendo. Dá-lhe terapia. Rs.

Por isso, pode-se dizer que Felipe é bem aceito pelo público, pois tais críticas negativas são realmente pontuais. No entanto, através do depoimento dos interagentes, percebe-se que a representação do homossexual branco, intelectualizado e de classe-média continua gerando problemas. Como discutido na Análise Televisual, o seriado não aproveita todo o seu potencial para debater temáticas mais controversas, como a homossexualidade e a identidade de gênero. Os homossexuais só aparecem na televisão em representações consideradas “caricatas” e normativas, inclusive em *Sessão de Terapia*. Muitos dos interagentes elogiam o trabalho de Rafael Lozano e reiteram sua boa aparência, reforçando a percepção de que, para os homossexuais da ficção serem “bem aceitos” pelo público, deve-se atender a determinados critérios. Cebuella Pigmaea, por exemplo, é uma interagente que entende como o preconceito é mostrado pelo seriado, mas não questiona a representatividade homossexual na mídia. Segundo um comentário dela publicado em 8 de agosto, “as personagens caricatas que surgem na TV não ajudam em nada”. Mas Daniel Brisolara, um dos interagentes da página, afirma que, hoje em dia, “ser gay não é mais um estigma tão forte, ao

menos para alguém de uma classe alta” (Figura 40), uma percepção que esvazia a importância de abordar a homossexualidade na televisão, mesmo por uma perspectiva normativa e que não aproveita todo o potencial transformador da obra televisual.

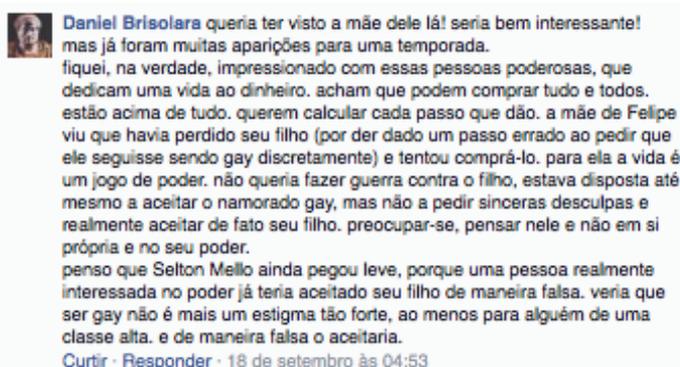


Figura 40 – “Ser gay não é mais um estigma tão forte” – Post 74 – Felipe.  
Fonte: Página da série *Sessão de Terapia* no Facebook

Adriano Emídio, por exemplo, mostra essa necessidade ao compartilhar na página uma história em que um terapeuta recomendou ao seu paciente a “vida no armário” devido à depressão dos pais, “no intuito de não os fazerem sofrer”. De acordo com o comentário postado pelo interagente em 10 de setembro, “com essas palavras do Theo, posso estar errado, mas percebi a grande mentira que me foi dita. Só de acompanhar o programa, percebi que terapeuta algum aconselharia algo do desse tipo. [...] Como não aprender com #SessaoDeTerapiaNoGNT?”.

Comentários como esses reiteram a necessidade de debater tais temáticas e como o seriado desperdiça uma possibilidade valiosa de ampliar discussões importantes em um contexto social marcado por contradições a respeito das causas LGBTs. Principalmente se considerarmos que, recentemente, foi arquivado no Congresso o projeto do deputado João Campos (PSDB-GO) que autorizaria a “cura gay”, permitindo o tratamento psicológico para pacientes que desejam “reverter” a homossexualidade<sup>144</sup>. Passados 2 anos, o tema do projeto ainda é pauta na Câmara<sup>145</sup>, pois em junho de 2015 o deputado e pastor Marco Feliciano (PSC-SP) pediu uma audiência para ouvir “ex-gays” e até mesmo Marisa Lobo, “psicóloga cristã” censurada publicamente pelo Conselho Federal de Psicologia, cujo Código de Ética, desde 1999, proíbe que o profissional da área trate a homossexualidade como doença.

<sup>144</sup> Câmara decide arquivar projeto que autoriza “cura gay”. Disponível em: <<http://migre.me/sgoZM>>. Acesso em: 30 nov. 2015.

<sup>145</sup> Em audiência organizada por Marco Feliciano, ex-homossexuais criticam movimento LGBT. Disponível em: <<http://migre.me/sgprw>>. Acesso em: 30 nov. 2015.

Dessa forma, percebe-se a necessidade de discutir temas minimamente delicados, principalmente porque se pode notar que o público de *Sessão de Terapia* apresenta um certo conservadorismo, embora se mostre receptivo à determinadas temáticas mais controversas que uma audiência mais ampla. Isso é perceptível quando Theo, que até a 3ª temporada vinha falhando em manter um relacionamento, desenvolve uma paixão por Rita, conforme explicado anteriormente. Em geral, a paixão das personagens é recebida de forma positiva entre os interagentes da audiência, mas uma parcela se mostrou um tanto decepcionada e incomodada com o rumo da trama, pois consideraram a atitude de Rita um tanto ousada. Edna Muller achou o figurino da atriz uma “insinuação”, enquanto Joyce Braz de Andrade concorda que Theo “merece ser feliz, mas essa Rita chegou se oferecendo, na certa estava esperando o paciente sair. Queria ver mais Guto e Felipe”. Vivi Campos e Maria de Fátima Oliveira Dutra também emitem opiniões parecidas sobre a personagem (Figura 41):

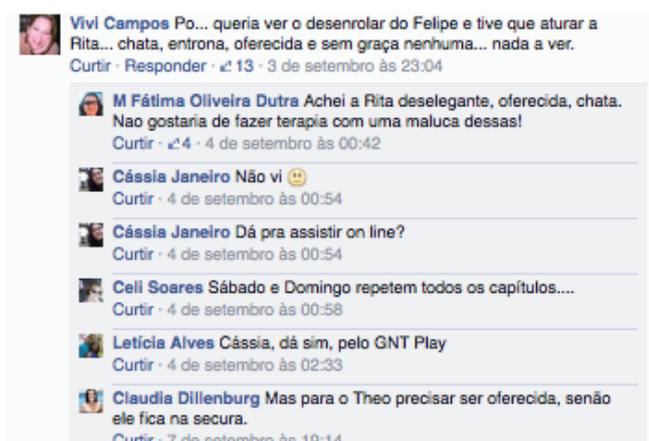


Figura 41 – Reclamações – Post 45 – Felipe. Fonte: Página da série *Sessão de Terapia* no Facebook

Diego, por sua vez, é uma personagem que inspira pena em parte da audiência; o desenvolver de sua narrativa não oferece nenhuma reflexão crítica quanto aos desdobramentos da trama. A personagem possui uma história de forte carga emocional e, ao final, demonstra uma evolução terapêutica, enquanto o público realça a relação paternal entre o paciente e o especialista. Não há nenhuma menção ao acidente, ou ao fato de não acontecer nada com um menor de idade que bebe, pega um veículo sem habilitação, destrói uma banca de jornal e atropela um trabalhador. O fato do jovem ser emancipado e excluído da família pelo pai, que duvida da própria paternidade, não altera a ilegalidade do ato, nem o reforço do imaginário de impunidade para os indivíduos de classes mais abastadas. Não se pode identificar nenhum comentário que indicasse uma percepção mais crítica sobre a narrativa de Diego; pelo contrário, a maioria apontou vínculo e compreensão. Em 9 de setembro, Mariane Cristina

Monteiro alega se identificar “muito com esse menino e sei também o que é esse ‘buraco’... Hoje chorando muito”. Após o último episódio de Diego, Debora J. Janish declara que a personagem “no início parecia só um moleque ‘mala’ e burguesinho... E no final das contas, foi o que mais me fez chorar”. Já Fernanda Poleza atribui à Diego a representação de adolescentes carentes, mas de classe-média, que costumava acompanhar em seu trabalho como educadora (Figura 42):

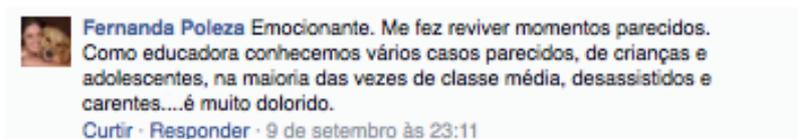


Figura 42 – Comentário de uma educadora – Post 55 – Diego.  
Fonte: Página da série *Sessão de Terapia* no Facebook

A interpretação das enunciações nos permitiu observar, ainda, as mais variadas práticas de consumo das audiências. Há interagentes que declaram consumir o seriado pelo NOW, GNT Play ou por sites não-habilitados, como o MegaFilmesHD e o UniverseSeries, mas grande parte parece ser assinante Globosat, principalmente porque ainda “gravam” os episódios (diante desta impossibilidade, pedem para que outros o façam, marcando-os); isto é, ainda exercem uma das práticas mais corriqueiras dos telespectadores desde a popularização do VHS. Outros perguntam e solicitam pelas caixas de DVDs das temporadas e protestam contra a impossibilidade de assistir ao programa fora do Brasil, pois o GNT Play não funciona em outros países. Manoel Albino Franco Gonçalves reclama em 22 de setembro de ter que esperar 2 meses até retornar da Europa para terminar o seriado. Já Andrea Martins, residindo na Itália, reclamou desta impossibilidade no dia 10 de setembro, sugerindo ao canal uma assinatura específica, assim como a Globo Internacional (Figura 43).

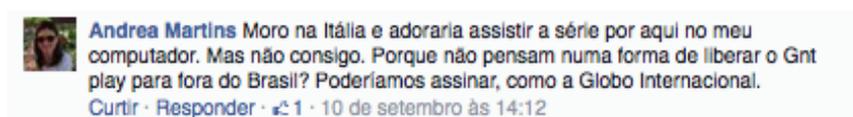


Figura 43 – Comentário de uma espectadora fora do Brasil – Álbum Diário de Bordo do Diretor.  
Fonte: Página da série *Sessão de Terapia* no Facebook

Alguns interagentes relataram, por exemplo, atrasos de até 15 minutos na exibição de alguns episódios. Isso alterava a grade de programação da operadora, interferindo, ainda, na gravação dos episódios de alguns usuários. Foi o caso de Regina Rodrigues, que comentou em 11 de setembro que “a solução está sendo gravar o programa seguinte”. Posteriormente,

constatou-se que o horário era ajustado em algumas operadoras; Tula Verusca Pereira também reclamou do atraso, embora sua operadora já tivesse corrigido o guia digital (Figura 44):

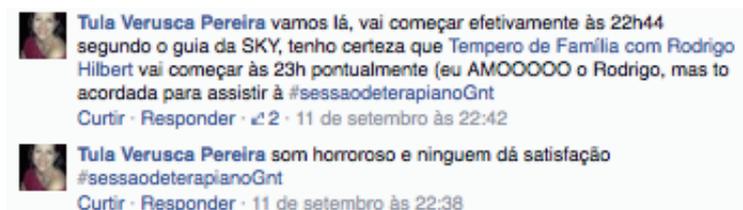


Figura 44 – Atraso, problemas no som e descaso – Post 60 – Milena.  
Fonte: Página da série *Sessão de Terapia* no Facebook

Pode-se perceber, também, que os fãs da série não se importaram com o erro de programação do dia 20 de agosto de 2014, uma quarta-feira em que foi ao ar o episódio de Milena, paciente das quintas-feiras. No dia seguinte, a página publicou um aviso sobre a “troca de horários” entre as personagens, e um dos comentários mais curtidos afirmava que essa estratégia foi “melhor que culpar o estagiário” (Figura 45):



Figura 45 – Culpa do estagiário e regularidade da exibição – Post 28 – Felipe.  
Fonte: Página da série *Sessão de Terapia* no Facebook

Por isso, no dia 22, foi publicado um vídeo-remixagem feito por um suposto estagiário do canal como pedido de desculpas. Alguns interagentes demonstraram confusão e indignação, como Roberto Nogueira, que declarou “quase enfartar” com a alteração. Mas, no geral, a situação foi recebida de forma calorosa, com pedidos de efetivação e elogios para a saída “criativa” da situação. É também interessante observar como cada indivíduo reage a uma mesma enunciação de formas distintas: enquanto alguns duvidavam da existência de um estagiário, outros o defendiam, questionando até mesmo a “exposição desnecessária” (Figura 46):

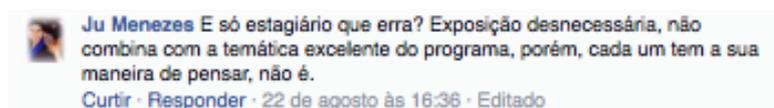


Figura 46 – “Exposição desnecessária” – Post 29 – Milena x Felipe.  
Fonte: Página da série *Sessão de Terapia* no Facebook

Como mencionado acima, a maioria dos interagentes não se importaram com a troca de episódios, que manteve a ordem de exibição original nas outras plataformas. Cibele Rodrigues, por exemplo, diz que “pra quem é fã de verdade não importa”. Sônia Macedo, percebendo a construção fragmentada de *Sessão de Terapia*, elogiou a remixagem pois uniu as narrativas independentes. Ela diz que adorou e completa: “Vocês são perfeitos e com isso deu ‘liga’ entre uma história e outra... Parabéns e muitos beijos! Podem errar porque a qualidade da série é barbara e eu não desisto de vocês jamais!”.

Esse erro de programação produziu comentários importantes, que revelam traços do consumo televisivo por parte da audiência. Nota-se, por exemplo, de forma muito clara, o poder de regulação do dispositivo televisivo; como Regina Campelo relatou em seu comentário, presente na Figura 48, o envolvimento com o seriado é tamanho que um erro de programação suscita dúvidas quanto ao calendário. Essa relação é reforçada em outros relatos, como o de Aline Tomanquevez, que se declara tão comprometida com a série quanto com sua própria terapia (Figura 47). Tais comentários revelam como a audiência se esforça em cumprir o pacto sugerido pelo produtor-emissor:

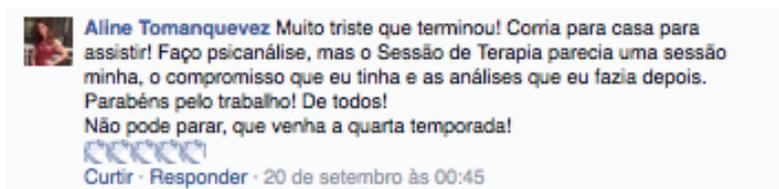


Figura 47 – Compromisso com as terapias – Post 80 – Vídeo de Despedida.  
Fonte: Página da série *Sessão de Terapia* no Facebook

É uma aderência que não se realiza apenas de forma subjetiva, mas também prática e organizacional. Por isso, podemos supor que a audiência de *Sessão de Terapia* não necessariamente aproveita a possibilidade de fragmentar o seriado através de suas narrativas independentes de acordo com seus próprios interesses. Até porque, como vimos anteriormente, a versão brasileira possui grande ênfase no núcleo evolutivo da série, isto é, a vida familiar de Theo e seu relacionamento com seus filhos, diluída em episódios diversos.

Esta pesquisa permitiu perceber também que *Sessão de Terapia*, diante de alguns poucos interagentes, não chega nem a ser compreendido totalmente como uma série de TV. Layla Lenzi da Silva, em 4 de agosto, comemorou a estreia de sua “novelinha preferida”, enquanto Régis Fabrício, em 16 de agosto, elegeu o seriado como sua “minissérie favorita”. E, embora a imbricação de características de gêneros distintos possa confundir o público quanto ao formato, podemos notar que todos os indivíduos são plenamente críticos e capazes

de compreender como os códigos audiovisuais são articulados pelo programa. No entanto, como todo o enredo é interpretado e reinterpretado pela matriz terapêutica, alguns interagentes até reclamam da curta duração da temporada e dos episódios, que não duram o tempo real de uma sessão, e a ausência do momento em que o terapeuta é pago pelo paciente.

Conforme visto anteriormente, há inúmeros comentários elogiando a performance dos atores e da equipe técnica, destacando o programa do “fluxo televisual”, embora alguns destes indivíduos assumam o pouco hábito de consumir séries de TV. Ou seja, percebe-se também que o seriado foi capaz de atrair novos espectadores para o gênero. Mas é possível notar uma espécie de “distinção” em muitos dos comentários, pois muitos interagentes realçavam a qualidade da série enquanto se queixavam da programação televisiva. Em 21 de setembro, Iraídes Monte Nero diz que a TV brasileira “deveria produzir mais coisas importantes como essa; infelizmente na TV aberta tem muito lixo e isso piora a situação da nossa sociedade. Diego me cativou. Acho Dora maravilhosa. Mas na verdade todos os personagens foram ótimos”. Eliana Beatriz Moreno faz um comentário similar, diz que “a diferença do Sessão de Terapia do resto da teledramaturgia” é que “assistimos os dramas do cotidiano tratados com delicadeza e sensibilidade. No resto o que se vê é a exploração do lado sórdido, mesquinho e maldoso do mundo”. Já Marilyn Nascimento diz que o programa a faz ver “que a televisão tem salvação! Meu compromisso diário acabou! Selton Mello, você é vida inteligente na televisão!”. Essa noção de distinção do seriado, capaz de agregar ensinamentos científicos com seriedade e legitimidade, talvez justifique a estratégia de extensão narrativa ser um livro, pois a literatura é, muitas vezes, compreendida como “superior” diante da TV.

De toda forma, são os comentários que realçam a capacidade de *Sessão de Terapia* de “transformar vidas” que evidenciam o que chamamos de Terapia Midiática, um processo comunicativo capaz de estabelecer uma prática terapêutica através da televisão e que envolve um produtor-emissor, um produto e sua respectiva audiência. Gabri Cambraia Rodrigues, em 29 de agosto, realça os vínculos firmados com a obra: “Sem demagogia: esse programa mudou a minha vida!”. Ivani Pacheco, uma outra interagente, atribui ao programa seu retorno à terapia, e conta que se reconhecia “em cada paciente, mas a Milena que mais me mostrou que preciso de ajuda embora não tenha TOC, ainda, mas ser perfeccionista e não errar nunca sempre me fez e me faz muito mal”. Duxty Lykourpoulos descreveu o seriado como transformador “não apenas para os atores, mas para os telespectadores”, enquanto Andreia Leiva expôs, em 19 de setembro, como o *Sessão de Terapia* joga com as posições discursivas

de paciente e especialista ao dizer que “me emocionei, avaliei o paciente... fiz de tudo um pouco”.

Nota-se, ainda, que as citações do seriado em algumas publicações motivaram os usuários a interagir e até mesmo desabafar. No dia 30 de agosto, por exemplo, publicou-se na página uma antecipação da maratona com a seguinte frase: “Não podemos organizar a vida em torno da pessoa amada a ponto de tornar inconcebível a nossa existência sem ela”. O grande grau de envolvimento com o seriado provocou uma forte identificação em alguns interagentes, que compartilharam aspectos da própria vida. Alexandre Persona relata que fez:

[...] a besteira de abrir uma empresa para trabalharmos juntos, pois ela estava desempregada, mudei em frente a sogra para ajudá-la a cuidar da nossa pequena, enfim, me ferrei! A empresa foi a falência, acabou o dinheiro, e agora... o amor acabou. Mas, vou dar a volta por cima! Desculpem o desabafo.

Já Fernanda Bueno relatou, de forma breve, os 13 anos de tortura psicológica sofrida no relacionamento com o ex-marido, agradecendo à equipe pelo “alívio” proporcionado (Figura 48):



Figuras 48 – Depoimento de Fernanda sobre o abuso sofrido – Post 41 – Maratona Frase.  
Fonte: Página da série *Sessão de Terapia* no Facebook

Estes relatos indicam como os produtos culturais podem estabelecer fortes vínculos com aqueles que os consomem através, principalmente, de processos de identificação. Diferente do que normalmente se pensa, tal processo não acontece apenas com uma personagem. Fernanda, por exemplo, declara se identificar também com o “personagem mocinho”, pois a faz lembrar de sua relação com a mãe. Assim, estas trocas simbólicas entre produção e audiência ajudam a realçar os afetos que incidem em todas as interações sociais,

provocando uma catarse muito específica, em que o espectador demonstra estar interessado e envolvido em um processo aqui chamado de Terapia Midiática.

### 3.4 ALGUMAS LIÇÕES

Através da análise das estratégias adotadas pela produção de *Sessão de Terapia*, foi possível observar como a televisão continua sendo referida como o principal meio de comunicação no ambiente midiático contemporâneo. A maior parte das publicações de antecipação, por exemplo, geravam comentários do tipo “vai começar” ou “esperando”. Diante do horário avançado do programa, muitos indivíduos assistiam ao seriado nos fins de semana, durante a maratona institucionalizada pelo próprio canal, que reprisava os episódios. Parece que a TV, mesmo paga, reluta em ter que lidar com a fragmentação do consumo e das audiências, de maneira que sempre tenta redirecionar o público para o dispositivo hegemônico: a televisão. E, ainda que o conteúdo televisivo circule pelo ambiente transmidiático em plataformas legais e ilegais, os produtores-emissores priorizam os conteúdos veiculados pela TV de *broadcast*, principalmente porque esta é, até hoje, o veículo de maior investimento publicitário, ainda que esteja perdendo espaço para as mídias emergentes. Uma boa parte da audiência se sente confortável em assistir à TV tradicional e as possibilidades de interação no ambiente transmidiático ainda não são plenamente aproveitadas. Os *tweets* do público, por exemplo, eram relegados ao minuto final dos episódios da TV - uma interatividade mínima e sempre vinculada ao *broadcast*.

Quanto às 85 publicações da página, poucas promoviam o engajamento da audiência; as que surtiam em mais engajamento eram aquelas com citações ou perguntas aos interagentes. Com o mau uso do espaço, não há uma verdadeira ação que provoque uma reação da audiência, afinal, quase todos os conteúdos publicados são replicações do que consta no site oficial ou do que foi veiculado na TV. Mas, enquanto uma parte do público realmente exige uma maior participação da página institucional, a maioria dos interagentes utilizam o espaço apenas para produzir comentários elogiosos que realçam como o seriado agrega ciência, conhecimento e sensibilidade através da representação de conflitos humanos.

A audiência, como dito acima, se sente confortável com este modelo, e muitos ainda possuem o hábito de gravar os episódios, agora através dos *decoders* das operadoras de TV paga. Grande parte dos cidadãos que interagem com a série demonstra dúvidas frente às possibilidades de acesso, enquanto uma outra parte utiliza, declaradamente, plataformas não-habilitadas para assistir o programa. Assim, conclui-se que, embora uma parte da audiência já

articule as novas práticas de uso das mídias, a grande maioria não aproveita as possibilidades do ambiente transmidiático.

De todo modo, a coleta de comentários disponíveis no ambiente transmidiático foi muito positiva, pois permitiu indicar uma série de particularidades do processo de fragmentação da mídia. Foi possível perceber as diferentes forças que incidem no processo de consumo da obra; particularidades culturais e até mesmo geográficas que mudam a percepção do membro da audiência e que auxiliam, inclusive, em processos terapêuticos. Sem as informações das audiências, nunca poderíamos, por exemplo, saber dos atrasos da exibição original em diferentes operadoras e países, ou que o áudio tinha, de fato, algum problema. E não entenderíamos porque o seriado funcionou como uma terapia midiática para as audiências sem realizar uma leitura crítica de seus comentários. Enfim, podemos afirmar que este estudo de recepção se mostrou extremamente importante, principalmente porque complementou o olhar da análise televisual da obra. Nesse processo, o Facebook foi muito caro à pesquisa, mesmo considerando suas respectivas restrições e imprecisões. Através dele, conseguimos perceber que a audiência, reconhecidamente ativa e crítica, em geral, nunca se comporta da forma totalmente esperada e sempre há uma mínima divergência. Entre os anseios e as contradições aqui apresentadas, é possível afirmar que o público deseja ser continuamente convocado para participação direta ou indireta na produção.

Apesar de *Sessão de Terapia*, oferecer ao seu público a possibilidade de fragmentar, deliberadamente, a narrativa, não identificamos nenhum comentário que indicasse tal prática, o que, na nossa interpretação, sugere que o público, sempre que pode, busca cumprir com o pacto sugerido pelo produtor-emissor, afinal, o gostar menos de uma personagem não significa necessariamente uma aversão a ponto de só acompanhar o desdobramento da narrativa sobre um único paciente. Até porque Theo é bastante querido pelo público e sua narrativa tem bastante ênfase no seriado nacional e, principalmente, na temporada analisada.

Através de seu formato de vanguarda, *Sessão de Terapia* propôs para seus telespectadores um raro momento de reflexão na TV, embora não tenha aproveitado todo seu potencial crítico e transformador dos conteúdos e do formato televisivo. Mas isso pode ser porque uma parte da audiência é relativamente conservadora, pois tolera determinadas abordagens enquanto rejeita outras, como foi possível verificar no estudo dos comentários. O público amplamente feminino, por exemplo, se mostrou receptivo à representação da homossexualidade normativa e romântica de Felipe e Guto, mas criticou o relacionamento de Theo com Rita, considerada “oferecida” por uma pequena minoria. Isso exemplifica como a

audiência pode ser contraditória, assim como a própria sociedade, e como determinados valores e identidades são hierarquizados, de forma que dois homens podem se amar, mas uma mulher não pode tomar a iniciativa em uma relação sexual. Em uma sociedade tão patriarcal quanto a nossa, não é de se admirar que certas pautas LGBTs consigam avançar com mais rapidez que algumas reivindicações feministas, considerando que a união homoafetiva já é reconhecida em todo o território nacional, mas ainda tentam revogar o aborto legal, realizado em casos de estupro, risco de vida da mãe ou gestação de feto anencéfalo<sup>146</sup>. Recentemente, também, a Câmara rejeitou uma cota para mulheres, que, atualmente, ocupam apenas 10% das cadeiras do Legislativo<sup>147</sup>, embora a maior parte da população brasileira, em torno de 52%, sejam mulheres<sup>148</sup>.

Por meio da análise de comentários publicados na página oficial do Facebook, esse estudo dos sentidos atribuídos pelas audiências à *Sessão de Terapia* conclui que a obra realmente inspira a criação de vínculos com sua audiência, que a consome em busca de uma certa catarse psicanalítica através da mídia; assim, estabelece-se um processo comunicativo através de um enquadramento singular que propõe uma espécie de Terapia Midiática, pois é realmente lido como tal por sua audiência. Tal processo não é exclusivo do programa, de forma que outros produtos culturais podem também servir como “terapia” para o público, capaz de se envolver de forma muito intensa com determinados universos ficcionais. No caso de *Sessão de Terapia*, esse processo se dá pelo pacto cumprido tanto pelos produtores-emissores, que buscam oferecer uma simulação de terapia para seu público, quanto pela audiência, que anseia por isso e restitui para si aquilo que consome.

O discurso terapêutico perpassa toda a obra e, embora sirva como um mecanismo de legitimação, há uma iminente promoção da cultura e do ethos terapêutico. Isso é percebido quando alguns interagentes declaram o retorno à terapia e quando se lê que o seriado aumentou a demanda por psicólogos, como mostrado anteriormente. Assim, a audiência demanda pequenas orientações para a vida contemporânea, recebendo-as através da estrutura narrativa do seriado, que articula em seu texto a Prática Terapêutica. O grande problema de *Sessão de Terapia* é, justamente, não aproveitar sua singularidade enunciativa e estética, amplamente reconhecida pela audiência, para promover maiores debates sobre temas ainda

---

<sup>146</sup> Câmara aprova projeto que dificulta aborto legal e pune venda de abortivos. Disponível em: <<http://migre.me/shv7m>>. Acesso em: 1 dez. 2015.

<sup>147</sup> "Sub-representação feminina no Congresso afeta direitos sociais da mulher". Entrevista com Luciana Ramos, Pesquisadora da USP. Disponível em: <<http://migre.me/shuYm>>. Acesso em: 1 dez. 2015.

<sup>148</sup> Mulheres são maioria da população e ocupam mais espaço no mercado de trabalho. Disponível em: <<http://migre.me/shuN1>>. Acesso em: 1 dez. 2015.

mais controversos e necessários, como o aborto<sup>149</sup> e a identidade de gênero. Mesmo assim, o seriado toca em questões realmente pungentes e importantes na contemporaneidade, principalmente quando se comprova que uma minoria da audiência é ainda conservadora. É, novamente, um reforço de que a televisão tende a não provocar grandes rupturas de valores socioculturais, pois a lógica de mercado permanece inalterada, já que o objetivo de um programa é, até hoje, agregar parcelas maiores da audiência.

A matriz terapêutica, muito presente no seriado, convida o público a olhar para o outro mas enxergar apenas a si, sem pensar em questões sociais de espectros mais amplo. Tanto que, mesmo havendo um espaço especificamente designado para a interação e o debate, ele é pouco usado pelos interagentes, pois o fórum destinado à prática de comentar a série, abandonado desde 2012, reflete como os interagentes possuem pouco interesse em interações mais reflexivas e/ou questionadoras. Mas assim é o discurso terapêutico, que busca instrumentalizar a psicologia e a psicanálise para que o indivíduo se auto gereencie e aprimore, sugerindo que ele é o único responsável por si no alcance da própria felicidade e bem-estar dentro daquilo que é considerado saudável ou não pela sociedade. A intimidade é deslocada para o espaço público, e falar sobre as próprias dificuldades e intempéries da vida surge como forma de superação, naturalizando a prática confessional. Isso promove um esvaziamento político comprovado pela Análise Televisual e pela análise dos comentários produzidos pelas audiências: mesmo que uma parte dos interagentes exibisse, à época, em suas fotos de perfil, apoio aos candidatos à Presidência nas eleições de 2014, não há nenhuma menção ao contexto político e social do país. De toda forma, é inegável que tal dinâmica é muito mais subjetiva e de ordem sensível que outras experiências televisuais, o que reforça a capacidade de *Sessão de Terapia* em sugerir para o público formas de perceber e sentir a vida.

---

<sup>149</sup> Na 1ª temporada, o casal Ana e João discute um aborto; João quer ter o filho, mas Ana, não. No entanto, o aborto espontâneo de Ana ameniza o debate, desperdiçando uma excelente oportunidade de falar sobre um tema tão importante para as mulheres.

## **CAPÍTULO 4. TERAPIA MIDIÁTICA: SIGNIFICAÇÕES DA VIDA ENTRE A PRODUÇÃO E O CONSUMO**

Com o auxílio de autores como Furedi (2004), Illouz (2003, 2008, 2011), Freire Filho (2010, 2011), Becker (1992, 2005, 2012, 2014) Campanella e Castellano (2015), traçamos o contexto histórico e social que permeia o seriado *Sessão de Terapia* para entender como o ethos terapêutico colocou no centro do imaginário contemporâneo a emoção e passou a pautar todas as esferas da atividade humana, configurando uma prática cultural já cristalizada e diluída no trabalho, na educação, nos hospitais e na mídia. Afinal, como nos lembra Furedi (2004, p. 22), tal prática não se refere à influência da terapia na vida das pessoas, mas sim à expansão de uma forma de pensar capaz de moldar “percepções públicas sobre uma variedade de questões”. Por isso, para facilitar a análise, estabelecemos os principais traços desta matriz cultural e vimos que, embora apresente muitas nuances, ela é marcada pela verbalização do diálogo, a ordem da felicidade, a sugestão de autoajuda e, finalmente, a publicização da intimidade.

Diante do objetivo de estudar tais processos de interação, houve um esforço metodológico de complementar a análise do objeto de estudo com as percepções da audiência sobre a série. Assim, buscamos inspiração na Análise Televisual, ferramenta útil para os estudos audiovisuais desenvolvida pela professora e pesquisadora Beatriz Becker, aliada a um estudo de recepção, tornando possível atingir os dois objetivos traçados no início desta dissertação; ou seja, identificamos as características de um seriado inovador e investigamos os processos de interação entre uma obra televisiva e sua audiência, observando como são construídos os sentidos da série. O aumento do uso das redes sociais nos últimos anos trouxe uma nova perspectiva de aplicação destas plataformas nos estudos de comunicação, pois estas se mostram um espaço proveitoso para investigar a produção e circulação de sentidos entre membros da audiência. Apesar das dificuldades e restrições inerentes a qualquer escolha metodológica, tentamos traçar um percurso que integrasse ambos os processos, muitas vezes abordados em separado, para estudar o “entre”, em que acontecem as negociações e disputas de interesse e poder.

Ao estabelecer determinadas categorias quantitativas e qualitativas, a Análise Televisual nos ajuda a identificar os modos de mostrar, dizer e seduzir de *Sessão de Terapia*. Seguindo o “percurso do olhar” desta orientação metodológica, observamos as nuances da superfície do texto televisivo para identificar como o simular do processo terapêutico é

sugerido ao público, e concluímos que esta é uma intencionalidade que surge na própria regularidade diária do seriado, que intenta simular o pacto terapêutico entre Theo e seus pacientes utilizando o poder organizacional da TV para sugerir um determinado acordo de conduta, de modo que o telespectador possa enfrentar suas dificuldades psíquicas e emocionais na sociedade contemporânea e alcançar um bem-estar normativo.

O texto, todo limitado ao momento da sessão, torna o seriado realmente inovador, pois não se pode fazer amplo uso de recursos narrativos como *flashbacks* e elipses, e toda a tensão tem que ser dada através da palavra, exigindo mais repetições e sutilezas no roteiro. Os elementos do suspense são articulados aos do drama, imbricando diferentes gêneros na composição de um único diálogo, que ocupa, em média, 80% dos 25 minutos de cada episódio. Em tempos em que a ênfase comunicativa se dá na imagem, o seriado vai na direção contrária, e torna a palavra o elemento primordial de um programa televisivo, algo pouco visto até mesmo no cinema, de que a série aproveita muitos recursos estéticos e visuais. Embora sejam características que pertençam ao formato da franquia, pois *Sessão de Terapia* é a adaptação nacional de *BeTipul*, seriado israelense disseminado no mundo todo em diferentes versões locais, a temporada analisada foi uma produção original brasileira.

Essa necessidade de adaptação reforça como o formato da franquia é calcado pela palavra, a ponto de depender da língua falada de sua audiência, o que exige, também, características próprias e particulares ao respectivo contexto social e cultural em que a obra é produzida. Mas tal mistura de elementos globais e locais não apagam as nuances do ethos terapêutico, muito marcado pela palavra e responsável por definir o enquadramento narrativo e visual do seriado. Embora presente, a sugestão de autoajuda não é totalmente explícita ou dada pois, como na terapia, quem deve achar as respostas é o próprio paciente, e não as receber prontas do especialista. É um jogo sutil, que convida o espectador a olhar o outro para ver a si, resultando em poucas reflexões sobre o contexto em que estão inseridos e desperdiçando o potencial transformador do conteúdo televisivo para romper com o senso comum e promover mudanças sociais.

Por isso, ao se estruturar através da prática terapêutica, o seriado acaba se tornando limitado em suas contextualizações dos problemas tratados. Tudo é interpretado e reinterpretado pela perspectiva terapêutica, e todos os conflitos são, de certa forma, solucionados através desta prática. Todas as temáticas revolvem o seio de famílias de classe média, e há até mesmo certo pudor em mostrar o momento em que Theo recebe o pagamento de seus clientes. Como manda a cultura terapêutica, a ênfase nas emoções não dá margem

para que questões econômicas como estas sejam abordadas, assim como questões sociais e de representatividade. A empregada de Diego é, como o adolescente, branca, e há uma tentativa na série de se desvencilhar de um clichê e/ou estereótipo. Por outro lado, verifica-se que Rita é a única personagem negra desta temporada de *Sessão de Terapia*, o que nos leva a questionar porque existem tão poucos atores negros na televisão quando 54% da população, mais da metade, se declara negra ou parda<sup>150</sup>.

*Sessão de Terapia* critica a cultura terapêutica, propondo seu distanciamento da prática terapêutica, cujas imitações também são apontadas na série ao considerar que quem a pratica é humano e está sujeito a falhas. Mesmo assim, a análise do texto da obra permite identificar como a cultura terapêutica influencia sua composição, articulando elementos, por exemplo, do jargão terapêutico, sempre com o objetivo de se legitimar diante da audiência. Mas isso também evidencia o didatismo do seriado, que discute assuntos mais delicados, como os transtornos psiquiátricos, embora a maioria dos conflitos não envolvam nenhuma doença. Inspirando grande seriedade, a série consegue, de fato, ser lida como uma forma de terapia empreendida através da televisão. É um processo reforçado, principalmente, pelas percepções de um “público especializado”, que chega a utilizar a série como ferramenta de aprendizado da clínica psicológica.

Como vimos na análise dos comentários, grande parte da audiência do seriado é composta de profissionais da área da Psicologia que se sentem bem representados e, conseqüentemente, endossam os ensinamentos da série. Nolan (1998, p. 8 apud FUREDI, 2004, p. 10) já afirmava que, nos Estados Unidos, há mais terapeutas que bombeiros, carteiros e dentistas. No Brasil, o cenário atual não é muito diferente; de acordo com o site do Conselho Federal de Psicologia<sup>151</sup>, existem 269 mil psicólogos, e a grande maioria é do sexo feminino. Em São Paulo, estado com maior número de profissionais, são 10 mil psicólogos e 75 mil psicólogas, de forma que o mercado de atendimento clínico chega a ser considerado como “saturado” (PEREIRA; PEREIRA NETO, 2003, p. 26). De qualquer maneira, é um número bastante expressivo e que corresponde ao interesse mercadológico do canal responsável pela adaptação e exibição da obra, o GNT, cujo alinhamento “feminino” se reflete tanto em sua identidade visual quanto em sua programação.

Tal análise nos mostrou, ainda, como os sentidos não são únicos entre os membros da audiência e que raramente há algum consenso. Diante da presença da obra no Facebook, os

---

<sup>150</sup> *Negros representam 54% da população do país, mas são só 17% dos mais ricos*. Disponível em: <<http://migre.me/sWS5P>>. Acesso em: 22 dez. 2015.

<sup>151</sup> Disponível em: <<http://www2.cfp.org.br/infografico/quantos-somos/>>. Acesso em: 22 dez. 2015.

interagentes publicavam breves comentários para expor suas percepções sobre os episódios. Com isso, notamos que a audiência do seriado é bastante crítica, mas moderadamente ativa. Há vontade de interação, mas sem configurar uma demanda. É uma percepção que reflete, também, na interação da página com os interagentes; dos mais de 7 mil comentários analisados, apenas 32 eram respostas aos membros da audiência, um número extremamente baixo, que não corresponde nem ao número de postagens. Sabe-se que, no mercado de mídia digital, as páginas que valorizam a interação com o público tentam responder ao menos um comentário por publicação.

Esse pouco interesse na interação nos mostra também que o público continua confortável com a exibição de *broadcast*. Apesar dessa mudança estar em curso, o GNT Play ainda suscita dúvidas sobre seu acesso, restrito aos assinantes, o que impede a difusão do seriados<sup>152</sup>. Mas tal perfil conservador no que se refere à adoção de novas práticas de uso das mídias reflete também na produção de sentidos, pois percebemos que a audiência é mais conservadora do que se pode imaginar. Enquanto aderem a certos temas outrora tabus, como a homossexualidade, rejeitam a emancipação sexual da mulher, mesmo a audiência sendo majoritariamente feminina, uma conduta que reflete a introjeção do machismo e sexismo de uma sociedade conservadora e patriarcal. Ou seja, há, ainda que minimamente, uma “provocação” discursiva que busca desestabilizar a ordem dominante, mas que é rejeitada por parte da audiência, livre para aderir ou não às negociações de sentido propostas pela obra.

Deve-se reiterar que a análise dos comentários não corresponde à totalidade da audiência, embora as enunciações coletadas exemplifiquem os inúmeros sentidos que podem surgir das diferentes práticas de consumo mesmo diante de um mesmo produto que sugere um sentido hegemônico. Tais comentários, como se pôde ver, confirmam o processo terapêutico ao qual nos referimos aqui, que acontece na própria mídia. De acordo com seus fãs, *Sessão de Terapia* possui o poder de “transformar vidas” e oferecer “soluções” para conflitos internos, mesmo que não haja, necessariamente, esta pretensão, pois nota-se que o seriado sempre redireciona seus espectadores para a terapia em si, e não para o mero consumo da cultura terapêutica, impactando até mesmo na demanda por profissionais da área.

O resultado é, evidentemente, o reforço da ordem terapêutica, embora por um viés mais cuidadoso em relação às sugestões oferecidas às audiências, as quais buscam encontrar

---

<sup>152</sup> Recentemente, o canal anunciou a possibilidade de se assistir a determinados conteúdos gratuitamente no GNT Play por um determinado período de tempo, embora *Sessão de Terapia* continue exclusivo. Ler mais em: <http://www.exorbeo.com/2015/12/gnt-disponibiliza-conteudos-gratuitamente-na-sua-plataforma-online.html>. Acesso em: 22 dez. 2015.

um determinado equilíbrio emocional. Porém, tal matriz cultural permeia as marcas enunciativas da série, o que a identifica como um produto dessa ordem. Furedi (2004, p. 3) aponta a cristalização da matriz terapêutica a partir da presença de determinados termos, como autoestima e stress, nos textos dos jornais do Reino Unido. Popularizadas ao longo dos anos 1980 e 1990, estas palavras são referidas mais de 3 mil vezes próximo à virada do século. No Brasil, isso não é muito diferente; de acordo com Freire Filho (2011, p. 723-726), a primeira ocorrência do termo autoestima na *Veja* se dá em 1975, mas cresce ao longo dos anos. Só em 2007, a revista mencionou a palavra 84 vezes. Por isso, podemos supor que, se o seriado fosse feito há alguns anos atrás, ele certamente não seria bem-sucedido, pois o público não estaria familiarizado com as “marcas” da obra que orientam sua “leitura ideal”. Mas é importante pensar, como nos lembra Philip Rieff, autor pioneiro no que diz respeito à cultura terapêutica, que “cada cultura tem sua própria ordem de terapia” (RIEFF, 1966, p. 15 apud FUREDI, 2004, p. 17). E, numa época marcada pela ubiquidade da mídia e fragmentação dos conteúdos e das audiências, isso nos leva a crer que a Terapia Midiática está muito mais nas mãos do receptor que do emissor, pois no fim das contas é o público que “dita as regras” do jogo ao ler um produto de uma determinada forma.

Milton Pinto (1999) já dizia que a ordem se manifesta discursivamente, mas suas orientações não ditam de maneira absoluta comportamentos e interpretações. Vimos anteriormente que a teledramaturgia tende a inserir em suas tramas diferentes abordagens que permeiam a cultura e a prática terapêutica, o que não garante o comportamento da audiência de acordo com a intenção dos produtores-emissores. Isso fica mais claro quando McLean (1988) nos mostra que toda narrativa é uma performance; isto é, uma ação passível de variabilidade e julgamento, sempre submetida ao olhar e avaliação dos outros. Para a autora, desconstruir o discurso é investigar a relação entre emissor e receptor, ambos pressionados por inúmeras forças sociais e culturais que controlam a linguagem e a ação individual. Não muito distante desta perspectiva, Illouz (2011, p. 9) define o afeto como uma energia psíquica que leva à ação e é composta pela compressão de significações culturais e relações sociais. Ou seja, o afeto é também uma espécie de mediação que incide tanto na produção quanto na recepção do programa.

Assim, podemos dizer que a narrativa, como performance, é uma relação ativa, variável e até mesmo afetiva, mas que sempre envolve a interação contratual entre alguém que narra e alguém que ouve, reconhecendo as respectivas expectativas e obrigações a serem cumpridas. Porém, no decorrer dessa interação performática entre narrador e ouvinte, este

pode simplesmente rejeitar aderir ao jogo, como também sugere Hall (2003). Afinal, como aponta McLean (1988, p. xii), “se eu me torno um ouvinte, mesmo um ouvinte forçado, eu posso ainda lhe lembrar que as palavras, em último caso, podem significar apenas o que minha mente as permitem significar”.

Desse modo, concluímos que a Terapia Midiática surge justamente das estratégias de interação propostas pelo seriado aqui sistematizadas e dos modos em que esses “jogos” são apreendidos pelas audiências. É um processo comunicativo entre dois agentes em que existe um pacto a ser cumprido, pois ambos afetam e se deixam afetar um ao outro. Portanto, a Terapia Midiática se realiza a partir das leituras da série pelas audiências e da maneira como identificam determinados elementos que caracterizam a cultura terapêutica no texto de *Sessão de Terapia*. Esta análise permite afirmar que os sentidos da série são construídos, efetivamente, nas relações e mediações estabelecidas entre a produção e o consumo. Assim, a Terapia Midiática se configura como um complexo processo de comunicação que envolve, principalmente, afeto; uma ação performática bem-sucedida, que atende à demanda de uma determinada audiência disposta a participar dessa terapia.

Isso desperta vínculos profundos naquele que consome mediante uma certa ordem temporal, determinada pela temporalidade da exibição, publicação, acesso e consumo de cada um dos capítulos. Desse modo, *Sessão de Terapia* teve 3 temporadas, conseguindo um público fiel. Mas tal sucesso não impediu o seu cancelamento; a justificativa foi que o diretor, Selton Mello, desejava investir em novos projetos<sup>153</sup>, mas a baixa audiência da 3ª temporada em comparação com as anteriores nos leva a crer que houve, também, outros fatores, pois para toda ordem simbólica é preciso haver uma ordem econômica, capaz de viabilizar a produção. Nos Estados Unidos, já existem inúmeros casos de seriados “resgatados” do cancelamento, uma vez que esses objetos culturais eram potencialmente capazes de estabelecer estreitas relações com sua audiência, que os consomem em busca de afeto, acolhimento e representatividade, propondo terapia ou não. Para Bainbridge (2013, p. 54), a psicanálise entende que o público, frente à televisão, dificilmente se identifica com apenas uma personagem, preferindo se mover de forma orgânica entre diferentes processos de identificação, o que intensifica o prazer de assistir e estimula a criação de vínculos.

*Sessão de Terapia* oferece palavras que tentam dar sentido aos dilemas vividos pelo seu público através dos processos de identificação e restituição, o que não é necessariamente ruim como muitos podem pensar. Afinal, ouvir e se sentir ouvido, mesmo através da mídia,

---

<sup>153</sup> GNT cancela “*Sessão de Terapia*”. Disponível em: <<http://migre.me/r8K3G>>. Acesso em: 25 jul. 2015.

pode trazer um verdadeiro sentimento de bem-estar que só cabe àqueles que participam de tal interação, e a mais ninguém. Se o afeto é uma energia trocada nas interações sociais, e a mídia, hoje, é parte de tal tecido, unindo tudo e a todos, só podemos dizer que a mídia tem um potencial afetivo ainda muito pouco explorado, tanto pelos seus emissores, quanto pelos receptores, que cada vez mais demandam por isso.

Chegamos ao final da pesquisa que deu origem a esta dissertação, iniciada a partir de discussões sobre a estreita relação entre mídia e sociedade. Ao longo do trabalho, tentamos mostrar como isso tornou possível a realização de experiências íntimas e emocionais através da mídia, configurando o que chamamos de Terapia Midiática, uma espécie de vínculo profundo que surge da interação entre uma obra e sua audiência e é capaz de alterar as formas de perceber e sentir a vida. Para isso, foi preciso investigar os processos estabelecidos entre a produção e o consumo, um “entre-lugares” em que os sentidos são construídos, chamado muitas vezes de mediações.

## CAPÍTULO 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho buscamos adotar uma abordagem teórico-metodológica consistente e flexível, que agrega as contribuições dos estudos de mídia e televisão, assim como da Semiologia dos Discursos Sociais (PINTO, 1999) e dos estudos de recepção e consumo, para melhor esclarecer as relações entre mídia, indivíduo e sociedade, refletindo, também, sobre a presença do terapêutico na vida cotidiana. Essa matriz cultural, já cristalizada, pode ter seu reflexo encontrado nas mais diversas esferas da atividade humana, organizando e significando a experiência sob o prisma das emoções. Mas, ao mesmo tempo em que o terapêutico normatiza, também exclui, uma vez que, indivíduos que fogem à norma são muitas vezes considerados inaptos e inadequados por uma sociedade que não reconhece a diversidade e as contradições do mundo e da própria comunicação. Essas manifestações, aparentemente contraditórias, são expressas na TV e em *Sessão de Terapia*.

Esperamos que nossa intenção de problematizar a cultura terapêutica não seja mal-entendida, pois tentamos não discutir aspectos que se referem diretamente à prática terapêutica ou à Psicologia, nem questionar sua eficácia, que traz conforto à tantas pessoas. Nesse sentido, nossa intenção foi provocar uma reflexão mais profunda sobre uma matriz cultural tão arraigada que, muitas vezes, não é questionada, simplesmente porque a maioria dos indivíduos está disposta a tentar compreendê-la. Ao longo do trabalho, vimos a importância da “abertura” ao diálogo necessária não só para o processo de Terapia Midiática, mas também para qualquer interação e prática social. No entanto, essa “disponibilidade” em ouvir e dialogar com o terapêutico não se reflete, por exemplo, na compreensão das diferenças, considerando as forças conservadoras que tentam impedir qualquer avanço que ameace a normatividade e o *status quo*. Em um mundo marcado pela presença ubíqua da comunicação, a incomunicabilidade nunca foi tão constante, considerando a grande falta de diálogo e empatia com o diferente em nossa sociedade.

Ao concluir este estudo, considero ainda pertinente esclarecer que a investigação realizada também torna mais compreensível minha própria experiência no mundo, pois confesso que, desde criança, estabeleço dinâmicas pessoais e de afeto com inúmeros objetos culturais – livros, jogos, filmes e seriados que contribuíram para a minha formação. Na adolescência, passando por alguns períodos de ansiedade e depressão, vi a mídia desempenhar um papel importante na minha vida, pois através dela consegui estabelecer grandes amizades; relações de afeto que, sem o auxílio dos dispositivos tecnológicos, não seriam possíveis. Hoje,

posso dizer que ainda mantenho uma estreita relação de uso e afeto com a mídia, embora minhas percepções sobre suas muitas formas de ser tenham se modificado.

Tal processo é mais perceptível quando penso na minha própria relação com a televisão, pois durante muito tempo achei seu conteúdo vazio e desinteressante, de forma que a proximidade com os seriados foi fundamental para começar a vê-la por uma outra perspectiva. A participação em comunidades virtuais foi igualmente importante durante este processo, pois pude tomar parte em dinâmicas de consumo e experimentar os vínculos emocionais das audiências com determinados objetos culturais. Enfim, uma série de situações que despertaram uma curiosidade que direcionou meus estudos acadêmicos para, justamente, a televisão e os seriados.

Ao fim de minha graduação em Cinema, realizei um Trabalho de Conclusão de Curso cujo objeto era a série *Weeds* (2005-2012) e, posteriormente, fiz uma especialização em Produção Executiva e Gestão de Televisão, na FAAP, em São Paulo. Sob a orientação da professora Tatiana Amendola Sanches, desenvolvi uma monografia sobre a versão estadunidense de *Sessão de Terapia*, o seriado *In Treatment* (2008-2010). Nesta pesquisa, pude desenvolver algumas das primeiras reflexões que me encaminharam para o mestrado. Nesse percurso, a sistematização de minhas percepções críticas somadas às aulas e ao processo de orientação com a professora Beatriz Becker me fez compreender, enfim, que a televisão não é um mero dispositivo de alienação ou entretenimento e de conservação do *status quo*, mas também pode se constituir em uma poderosa ferramenta de mudança pessoal e social em determinados contextos. Por isso, espero que a leitura desta dissertação tenha sido tão esclarecedora quanto foi, para mim, realizá-la.

É preciso ainda dizer que o interesse em investigar um processo comunicativo tão complexo e subjetivo partiu da minha própria relação com a versão americana de *Sessão de Terapia*, o seriado *In Treatment* (2008-2010), pois desenvolvi fortes vínculos emocionais com a obra. Como, na época, eu fazia terapia, os episódios acabavam complementando o processo terapêutico. Dessa forma, a realização desta pesquisa foi justamente uma tentativa de entender o tipo de relação que desenvolvi com a série e com outros produtos culturais ao longo da vida, mas através de um objeto mais atual e próximo do contexto brasileiro.

Assim, foi possível realizar um estudo das interações entre a produção e a audiência, buscando contribuir para a compreensão destas complexas dinâmicas, mas certamente ainda existem lacunas, como em toda pesquisa. No entanto, percebo que a partir das disciplinas cursadas no PPGCOM, do processo de orientação desta dissertação e da realização desta

pesquisa, já posso refletir sobre outras inquietações que emergem na conclusão desta dissertação, como um esvaziamento do debate político não só em *Sessão de Terapia*, mas também de produções televisivas brasileiras, vislumbrando a possibilidade de avançar meus conhecimentos de maneira contínua e contribuir para os estudos de mídia e mediações e de televisão. Isso significa que as discussões envolvendo *Sessão de Terapia* e as séries de TV ainda não foram esgotadas e podem ser retomadas com diferentes desdobramentos.

## REFERÊNCIAS

ASKWITH, Ivan. *Television 2.0: reconceptualizing TV as an engagement medium*. 2007. Tese (*Master of Science in Comparative Media Studies*). Massachusetts Institute of Technology (MIT), Cambridge, Massachusetts, Estados Unidos, 2007.

BAINBRIDGE, Caroline. *Psychotherapy on the couch: exploring the fantasies of in treatment*. In: BAINBRIDGE, Caroline; WARD, Ivan; YATES, Candida (Org.). *Television and psychoanalysis: psycho-cultural perspectives*. Londres: Karnac Books, 2013.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. **O Mal-estar na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

\_\_\_\_\_. **Amor líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BECKER, Beatriz. **O sucesso da telenovela Pantanal: um fenômeno de mídia**. 1992. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1992.

\_\_\_\_\_. **A linguagem do telejornal: um estudo da cobertura dos 500 anos do descobrimento**. 2. ed. Rio de Janeiro: E-papers, 2005.

\_\_\_\_\_. **Jornalismo audiovisual de qualidade: um conceito em construção. Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, Ano VI, n.2, p. 95-111, jul./dez. 2009.

\_\_\_\_\_. **Mídia e jornalismo como formas de conhecimento: uma metodologia para leitura crítica das narrativas jornalísticas audiovisuais. Matrizes**, São Paulo, v.5, n.2, 2012.

\_\_\_\_\_. **Convergência x diversidade: repensando a qualidade das notícias na TV. Brazilian Journalism Research**, Brasília, v.8, p. 44-63, 2013.

\_\_\_\_\_. **Televisão e novas mídias: repensando o papel das audiências nos telejornais. E-Compós**, Brasília, v.17, n.2, maio/ago. 2014.

BECKER, Beatriz; MACHADO, Arlindo. **Pantanal: a reinvenção da telenovela**. São Paulo: EDUC, 2008.

BECKER, Beatriz; PINHEIRO FILHO, Carlos Douglas. **No estranho planeta dos seres audiovisuais: diálogos possíveis entre televisão e educação. Revista Famecos**, Porto Alegre, v.18, n.2, p. 490-506, maio/ago. 2011.

BECKER, Valdecir; ZUFFO, Marcelo. Medição de audiência em ambientes de TV digital. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – INTERCOM, XXXIII, 2010, Caxias do Sul. **Anais do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom**. Caxias do Sul: Intercom, 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-2739-1.pdf>>. Acesso em: 6 fev. 2016.

BEM, Caroline. *Of talk and silence on television: notes on in treatment*. **Seachange**, Montreal, 2012. Disponível em: <[http://www.seachangejournal.ca/PDF/2012\\_Talk\\_Parole/Notes%20on%20In%20Treatment%20-%20Bem.pdf](http://www.seachangejournal.ca/PDF/2012_Talk_Parole/Notes%20on%20In%20Treatment%20-%20Bem.pdf)>. Acesso em: 7 fev. 2016.

BENÍTEZ, Maria Elvira. Buraco da Lacraia: interação entre raça, classe e gênero. In: VELHO, Gilberto (Org.). **Rio de Janeiro: cultura, política e conflito**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007, p. 128-155.

BIRMAN, Joel. Muitas Felicidades?! O imperativo de ser feliz na contemporaneidade. In: FREIRE FILHO, João (Org.). **Ser feliz hoje**. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

BORELLI, Silvia Helena. **Ação, suspense, emoção: literatura e cultura de massas no Brasil**. São Paulo: EDUC/ Estação Liberdade, 1996.

CAMPANELLA, Bruno; CASTELLANO, Mayka. Cultura terapêutica e Nova Era: comunicando a “religiosidade do self”. **Comunicação, mídia e consumo**, São Paulo, v.12, n.33, p. 171-191, jan./abr. 2015.

COULDRY, Nick. **Media, society, world**. Cambridge: Polity Press, 2012.

DEUZE, Mark. **Media Life**. Cambridge: Polity Press, 2012.

\_\_\_\_\_. Viver como um zumbi na mídia (é o único meio de sobreviver). **Matrizes**, São Paulo, v.7, n.2, 2013.

DEUZE, Mark; SPEERS, Laura; BLANK, Peter. Vida Midiática. **Revista USP**, São Paulo, n.86, 2010.

DUARTE, Elizabeth. Introdução. In: JOST, François. **Do que as séries americanas são sintoma?** Porto Alegre: Editora Meridional/Sulina, 2012.

ESQUENAZI, Jean-Pierre. **Lês séries télévisées**. Paris: Armand Colin, 2014.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: UNB, 2001.

FECHINE, Yvana et al. Como pensar os conteúdos transmídias na teledramaturgia brasileira? Uma proposta de abordagem a partir das telenovelas da Globo. In: LOPES, Maria Immacolata

(Org.). **Estratégias de transmediação na ficção televisiva brasileira**. Porto Alegre: Sulina, 2013, p. 19-60.

FECHINE, Yvana; FIGUEIRÔA, Alexandre; CIRNE, Livia. Transmediação: explorações conceituais a partir da telenovela brasileira. In: LOPES, Maria Immacolata (Org.). **Ficção televisiva transmidiática no Brasil: plataformas, convergência, comunidades virtuais**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

FREIRE FILHO, João (Org.). **Ser feliz hoje**. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

\_\_\_\_\_. O poder em si mesmo: jornalismo de autoajuda e a construção da autoestima. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v.18, n.3, p. 717-745, set./dez. 2011.

FREIRE FILHO, João; CASTELLANO, Mayka; FRAGA, Isabela. “Essa tal de sociedade não existe...”: o privado, o popular e o perito no *talk show* Casos de Família. **E-Compós**, Brasília, v.11, n.2, maio/ago. 2008.

FUREDÍ, Frank. *Therapy culture: cultivating vulnerability in an uncertain age*. Londres: Routledge, 2004.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

ILLOUZ, Eva. *Oprah Winfrey and the glamour of misery: an essay on popular culture*. Nova York: Columbia University Press, 2003.

\_\_\_\_\_. *Saving the modern soul: therapy, emotions, and the culture of self-help*. Berkeley: University of California Press, 2008.

\_\_\_\_\_. **O amor nos tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

JOST, François. **Do que as séries americanas são sintoma?** Porto Alegre: Editora Meridional/Sulina, 2012.

LIEVROUW, Leah; LIVINGSTONE, Sonia. *Handbook of new media*. Londres: Sage, 2004.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A cultura-mundo: respostas a uma sociedade desorientada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LIU, Bing. *Sentiment analysis and subjectivity*. In: INDURKHAYA, Nitin; DAMERAU, Fred (Org.). *Handbook of Natural Language Processing*. 2. ed. Boca Raton: Chapman & Hall, 2010.

LOPES, Maria Immacolata. Telenovela como recurso comunicativo. **Matrizes**, São Paulo, Ano 3, n.1, ago./dez. 2009.

\_\_\_\_\_. A recepção transmidiática da ficção televisiva: novas questões de pesquisa. In: FREIRE FILHO, João; BORGES, Gabriela (Org.). **Estudos de televisão: diálogos Brasil-Portugal**. Porto Alegre: Sulinas, 2011.

\_\_\_\_\_. Mediação e recepção: algumas conexões teóricas e metodológicas nos estudos latino-americanos de comunicação. **Matrizes**, São Paulo, v.8, n.1, p. 65-80, jan./jun. 2014a.

\_\_\_\_\_. Memória e identidade na telenovela brasileira. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, XXIII, 2014, Belém. **Anais do XXIII Encontro Anual da Compós**. Brasília: Compós, 2014b.

LOPES, Maria Immacolata; OROZCO GÓMEZ, Guillermo (Org.). **Estratégias de produção transmídia na ficção televisiva**: anuário Obitel 2014. Porto Alegre: Sulina, 2014.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Relações de gênero na ficção televisiva**: anuário Obitel 2015. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MACHADO, Anna Carolina. **Os sentidos de *Mothers* na tela da televisão**. 2010. Tese (Doutorado em Comunicação). Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: SENAC, 2001.

\_\_\_\_\_. Fim da televisão? **Revista Famecos**, Porto Alegre, v.18, n.1, p. 86-97, jan./abr. 2011.

MACHADO, Arlindo; VÉLEZ, Marta Lucía. Fim da Televisão? In: CARLÓN, Mario; FECHINE, Yvana (Org.). **O fim da televisão**. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2014.

MACHADO, Heitor. **De *Sex and the City* à *In Treatment***: a televisão como divã do espectador. Monografia (Pós-Graduação em Produção Executiva e Gestão de Televisão). Faculdade Armando Álvares Penteado, São Paulo, 2014.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2013.

MARTÍN-BARBERO, Jesús; REY, Germán. **Exercícios do ver**: hegemonia audiovisual e ficção televisiva. São Paulo: SENAC, 2002.

MASSAROLO, João et al. Redes discursivas de fãs da série Sessão de Terapia. In: LOPES, Maria Immacolata (Org.). **Por uma teoria de fãs da ficção televisiva brasileira**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MCLEAN, Marie. *Narrative as performance: the Baudelairean experiment*. Londres e Nova York: Routledge, 1988.

MITTELL, Jason. *Complex television: the poetics of contemporary television storytelling*. Nova York: NYU Press, 2013. Disponível em: <<http://migre.me/qqWJh>>. Acesso em: 20 jun. 2015.

MORLEY, David. Televisão, tecnologia e cultura: uma abordagem contextualizada. **Revista Parágrafo**, São Paulo, v.1, n.3, 2015.

MORRISON, Josh. Draguating to normal. In: DAEMS, Jim. *The makeup of RuPaul's Drag Race: essays on the queen of reality shows*. Jefferson: McFarland, 2014.

MUNGIOLI, Maria Cristina et al. A autoconstrução do fã: performance e estratégias de fãs de telenovela na internet. In: LOPES, Maria Immacolata (Org.). **Por uma teoria de fãs da ficção televisiva brasileira**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

NEWCOMB, Horace. *Encyclopedia of Television*. 2. ed. Londres: Routledge, 2014.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. Televisão: causa e efeito de si mesma. In: CARLÓN, Mario; FECHINE, Yvana (Org.). **O fim da televisão**. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2014.

PEREIRA, Fernanda; PEREIRA NETO, André. O psicólogo no Brasil: notas sobre seu processo de profissionalização. **Psicologia em estudo**, Maringá, v.8, n.2, p. 19-27, 2003.

PINTO, Milton José. **Comunicação e discurso**. São Paulo: Hackers, 1999.

PRIMO, Alex. Interação mútua e interação reativa: uma proposta de estudo. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n.12, jun. 2000.

\_\_\_\_\_. Quão interativo é o hipertexto? Da interface potencial à escrita coletiva. **Fronteiras**, São Leopoldo, v.5, n.2, p. 125-142, 2003.

RECUERO, Raquel. Contribuições da análise de redes sociais para o estudo das redes sociais na internet: o caso da *hashtag* #Tamojuntodilma e #CalaabocaDilma. **Fronteiras**, São Leopoldo, v.16, n.2, 2014. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2014.162.01>>. Acesso em: 6 fev. 2016.

RIBEIRO, Ana Paula; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco (Org.). **História da televisão no Brasil: do início aos dias de hoje**. São Paulo: Contexto, 2010.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2002.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. **As estratégias sensíveis**: afeto, mídia e política. Petrópolis: Vozes, 2006.

VARGAS, Jaqueline. **Sessão de Terapia**. São Paulo: Arqueiro, 2013.

XAVIER, Ismail. **O olhar e a cena**: melodrama, Hollywood, Cinema Novo, Nelson Rodrigues. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

## ANEXO - Tabela de personagens da 3ª temporada de Sessão de Terapia

Fonte: site oficial do seriado (<<http://gnt.globo.com/series/sessao-de-terapia/sobre.html>>)

Theo Cecatto (Zécarlos Machado)	Personagem da 3ª temporada. Após seis meses de reflexão volta a atender. Finalmente foi para o mar <sup>154</sup> . Decidiu cortar a relação simbiótica com Dora (Selma Egrei). Pretende agir de modo mais coerente com a ética. Durante esse tempo escreveu cartas para o pai e agora pretende ler para os filhos ou entregá-las a Nestor.
Bianca Cadore (Letícia Sabatella)	Personagem da 3ª temporada. Contra todas as expectativas dos pais, Bianca, que é professora de literatura, casou com um homem bem abaixo do seu meio social e a relação dos dois é doentia. Ela adora o marido e diz que é por isso que aceita os maus tratos dele. Até onde isso é amor e até onde isso é masoquismo?
Diego Duarte (Ravel Andrade)	Personagem da 3ª temporada. Jovem de classe muito alta, lindo, mimado e niilista. Além de tudo isso, Diego é carismático e invejado, só que não é nada feliz. A vida que pode parecer perfeita para os colegas para ele é um inferno e é por isso que Diego bebe.
Felipe Alcântara Figueiredo (Rafael Lozano)	Personagem da 3ª temporada. Felipe, de 26 anos, administrador, é um homossexual bem sucedido, mas que nunca se assumiu para a família. Por isso, enfrenta o dilema: assumir-se ou casar com uma mulher que não ama. Será que a terapia o ajudará a entender a sua verdadeira vontade?
Milena Dantas (Paula Possani)	Personagem da 3ª temporada. Milena Dantas é viúva de Breno Dantas (Sérgio Guizé), o atirador que morreu na primeira temporada. Como foi descrita por Breno, Milena sempre foi impecável e extremamente inteligente, está fazendo doutorado e é professora universitária. Depois da morte do marido ela seguiu com seus hábitos, mas estes foram se modificando. Ela sempre foi muito organizada, mas sente que de uns tempos para cá essas manias e rituais têm virado uma

<sup>154</sup> Theo gosta de barcos e coleciona alguns modelos em seu consultório. Ele tinha o desejo de velejar.

	espécie de obsessão. Milena tem medo de tudo, mas não sabe o porquê. Percebe apenas que cumprir essa nova e estranha rotina alivia um pouco a pressão que sente. Será que a terapia vai fazê-la entender que tipo de transtorno tem e como se tratar?
Evandro Mendes (Fernando Eiras)	Personagem da 3ª temporada. Evandro, 65 anos, figurão da Sociedade Internacional de Psicoterapia, é um terapeuta renomado e temido. Vive em Viena há 20 anos. Fez uma sólida carreira no exterior e é muito respeitado no meio acadêmico. Vem ao Brasil para dar um curso na USP, cria um grupo de supervisão e convida Theo (Zécarlos Machado), Rita (Camila Pitanga) e Guilherme (Celso Frateschi) para fazer parte .
Guilherme Damasceno (Celso Frateschi)	Personagem da 3ª temporada. 58 anos, terapeuta de TCC, Guilherme é colega de faculdade e eterno rival de Theo (Zécarlos Machado). Sempre teve uma queda por Clarice (Maria Luísa Mendonça) e fica feliz de saber que estão separados. Materialista e narciso, Guilherme sempre foi bom em marketing pessoal e virou o terapeuta da moda. Muitas matérias em revistas e colunas sociais. Não que isso faça dele um péssimo profissional, muito pelo contrário, Guilherme é eficiente mas frio. Nunca se casou e como Theo pensa, ele é um clássico caso de Peter Pan. Adora namorar alunas e estagiárias. Guilherme mesmo adorando dinheiro não acredita em terapias eternas. Acha que o paciente, como qualquer cliente, quer ver resultados. Por isso ele é muito bom com crises e em situações emergenciais. Quando o caso complica ele passa para um dos terapeutas mais jovens de sua clínica.
Rita Costa (Camila Pitanga)	Personagem da 3ª temporada. Jovem e promissora, Rita adora sua profissão. Desde criança sabia que seria psicóloga. Formou-se cedo e com louvor. Imediatamente fez mestrado e em seguida doutorado. É muito aplicada e séria com seus pacientes. Podemos dizer que Rita tem uma inteligência acima da média e realmente nasceu para ser terapeuta. Trabalha na clínica do Guilherme (Celso Frateschi). Desde adolescente, Rita sempre namorou homens muito mais velhos.
Dora Aguiar (Selma Egrei)	Personagem da 3ª temporada. 65 anos, psicóloga e orientadora sênior. Aposentada, sem filhos e viúva,

	Dora é conservadora e muitas vezes preconceituosa sobre o que entende como desvio do tradicional papel do terapeuta com o paciente. Foi orientadora de Theo até a segunda temporada. Nesta, ele decide cortar a relação simbiótica que tem com Dora.
Malu Cecatto (Mayara Constantino)	Personagem da 3ª temporada. Filha de Theo, é mais próxima dos três irmãos. Na segunda temporada, Malu teve papel fundamental na vida do pai, que acabara de se separar de Clarice (Maria Luisa Mendonça). Na terceira temporada, Malu continua ao lado do pai. Desta vez, tentando ajudá-lo a lidar com os problemas de Rafael (Johnnas Oliva).
Rafael Cecatto (Johnnas Oliva)	Personagem da 3ª temporada. Filho de Theo Cecatto (Zécarlos Machados) e há muitos anos longe de casa, Rafael está de volta e vai se mostrar um enorme desafio para o pai, quando o terapeuta descobre que o filho, que sempre considerou exemplar, está envolvido com drogas.
Nestor Cecatto (Giulio Lopes)	Irmão de Theo Cecatto (Zécarlos Machado). Foram muito unidos na infância, mas se distanciaram depois. Após a morte do pai, que ficou aos cuidados de Nestor, os dois irmãos ainda não se acertaram. Com o dilema de Rafael Cecatto (Johnnas Oliva), os dois irmãos voltam a se confrontar.